

A “NOVA TEOLOGIA”  
Os Que Pensam Que Venceram



HIRPINUS

**A “NOVA TEOLOGIA”  
Os Que Pensam Que Venceram**

PREFÁCIO  
MONS. FRANCESCO SPADAFORA

ANEXO  
PADRE GARRIGOU-LAGRANGE



**Editora Permanência**

2001

Editora Permanência  
C.P.: 62051  
22252-970 — Rio de Janeiro

Este livro contém a série de artigos:  
“Os Que Pensam Que Venceram”,  
publicados em 1993 pelo *Si Si No No*,  
jornal italiano de defesa da Tradição Católica.  
São complementados, aqui, por:

- um Prefácio de Mons. Francesco Spadafora;
- um Anexo do Padre Garrigou-Lagrange,  
“Para Onde Vai a Nova Teologia?”, apêndice  
à sua obra *La Synthèse thomiste*  
(Ed. Desclée de Brouwer).

ISBN: 85-85432-05-5

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO (de D. Lourenço Fleichman OSB) .....	7
PREFÁCIO (de Mons. Francesco Spadafora) .....	11
Introdução: “A Rocha” (de Paulinus) .....	21
I. O triunfo da seita modernista .....	27
II. Verdadeira e falsa restauração .....	39
III. A “nova” filosofia de Maurice Blondel .....	47
IV. Henri de Lubac S.J., um “mestre” que nunca foi discípulo .....	61
V. Urs von Balthasar, o pai da apostasia ecumênica .....	79
VI. Paulo VI e o golpe de mestre de Satanás .....	99
VII. Ratzinger: um prefeito sem fé na Congregação para a Fé .....	115
VIII. O Pontificado de Karol Wojtyła, tempos de provação muito grave para a Igreja .....	135
IX. A desobediência ao Magistério infalível: marca da “nova teologia” .....	153
ANEXO (do Padre Garrigou-Lagrange) .....	165
• “Para Onde Vai a Nova Teologia?” .....	167



## APRESENTAÇÃO

*Dom Lourenço Fleichman OSB*

PODE PARECER ESTRANHA, para o leitor contemporâneo, esta expressão: Nova Teologia. Afinal, tantos anos após o Concílio Vaticano II (1962-1965), tendo nossos olhos sonolentos visto passar diante de nós sombras ainda mais estranhas, como a Teologia da Libertação ou o Movimento Carismático, o que bem poderia ser aquela *novidade*?

Pois saiba o leitor amigo que esta expressão, Nova Teologia, era corrente antes do Concílio. Foi tal a sua importância, que o grande Papa Pio XII escreveu uma exponencial encíclica, a famosa e hoje esquecida *Humani Generis*, onde denunciava e condenava os erros já espalhados nos meios eclesiásticos, precisamente os erros dos *novos teólogos*.

O jornal italiano *Si Si No No* publicou em artigos, mês a mês, o livro que ora apresentamos, artigos trazidos a lume no Brasil pela edição nacional daquele periódico<sup>1</sup>, sob a responsabilidade da Editora Permanência.

Mas, se a expressão já não é corrente, por que nos preocuparmos com ela agora, tantos anos depois?

A resposta não é difícil: a expressão desapareceu simplesmente porque a doutrina herética dos seus seguidores foi assumida e adotada pelo Concílio Vaticano II. Daí o desaparecimento do adjetivo “novo”. Hoje eles falam de teologia, e os leitores mais desavisados pensam que, lendo-os, terão diante dos olhos teólogos católicos,

---

<sup>1</sup> Do n° 10, de outubro de 1993, ao n° 18, de junho de 1994.

quando lêem, na verdade, “novos teólogos”. Mas a principal razão de publicarmos em livro este excelente trabalho é o fato de aquela doutrina, condenada por São Pio X e por Pio XII, ser a base de tudo quanto se escreve e ensina de algo a que ainda ousam chamar católico. A Nova Teologia deu origem à Teologia da Libertação, ao Ecumenismo, à Liberdade Religiosa, à nova Exegese protestante dentro do Vaticano, à Missa de Paulo VI... enfim, a toda a obra devastadora do Vaticano II.

É, portanto, de grande importância conhecermos tal doutrina e seus fundadores; alguns deles ainda estão aí, em lugares-chaves do Vaticano, sem nunca terem renunciado a seus erros, comandando os incautos que caem no escrúpulo da obediência por achar que estão obedecendo a católicos, quando em verdade obedecem aos destruidores da verdadeira doutrina da Santa Igreja.

Toma particular interesse a publicação desta resenha teológica, se assim posso chamá-la, diante do que recentemente sucedeu na Fraternidade Sacerdotal São Pedro, dissidência da Fraternidade Sacerdotal São Pio X.

Com efeito, após ter aguardado dez anos, o Vaticano procedeu a uma intervenção nessa Fraternidade São Pedro. Destituiu-lhe o Superior geral, eleito pelo Capítulo, e pôs em seu lugar um padre mais de acordo com o Vaticano II, obrigando-o a nomear novos diretores para os dois seminários e decretando que todos os padres dessa instituição podem celebrar, quando quiserem, a Missa Nova, de Paulo VI, o que é contrário aos estatutos da instituição.

Tais fatos mostram claramente as intenções do Vaticano, e que reinam em suas congregações os filhos da Nova Teologia. Mostram também o quanto se enganam os que crêem que algo está mudando em Roma, que pouco a pouco os Cardeais vão aceitando a Tradição.



Como poderiam aceitar a verdadeira Tradição divino-revelada, se foram formados na Nova Teologia?

Que este estudo sirva para nos alertar quanto à heresia que governa aquela Outra Igreja, como gostava de chamá-la Gustavo Corção. E para que, ao ouvirmos nomes como Henri de Lubac, Ratzinger, Martini etc., saibamos com quem estamos a lidar.

É preciso, nos tempos conturbados e nebulosos em que vivemos, conhecer e denunciar o mal, e aderir ao bem, à verdade católica, à defesa da nossa santa Fé.

*março de 2001*



## PREFÁCIO

*Mons. Francesco Spadafora<sup>1</sup>*

EU ESTAVA PRESENTE, como membro da Comissão dos Estudos e dos Seminários, na fase preparatória (1960-1962) do Concílio Pastoral convocado por João XXIII. Participava conscienciosamente de seu desenrolar de 1962 a dezembro de 1965, após ter tomado posição em *Renovatio e Palestra del Clero* contra a interpretação falsa e herética de *Dei Verbum*<sup>2</sup>, e contra a pretensão de apresentar e impor à Igreja este Concílio como “mais importante que o Concílio de Nicéia” (Paulo VI). Tal pretensão me fez decidir a publicar em livro a documentação em minha posse acerca da preparação e do desdobramento da “grandiosa” assembléia<sup>3</sup> e acerca de seus efeitos deletérios. A obra, lançada com o título *La Tradizione contro il Concilio*<sup>4</sup>, é dedicada “À memória venerada do Cardeal Alfredo Ottaviani, vingador da verdade revelada e da perenidade da Igreja Católica, Mãe dos Santos”. Ela apresenta, apoiada em documentos, o que fora previsto e claramente mostrado pelo Cardeal Louis Billot, célebre jesuíta teólogo. Consultado por Pio XI (1923) quanto à oportunidade de convocar um concílio ecumênico, quer como complemento ao Concílio Vaticano I, interrompido

---

<sup>1</sup> Prof. emérito da Sagrada Escritura na Universidade Pontifical de Latrão.

<sup>2</sup> No cap. V, números 18-19 de *Dei Verbum*, tanto a inerrância absoluta da Sagrada Escritura como a historicidade dos Evangelhos são negadas.

<sup>3</sup> “Grandiosa” somente pelo número dos participantes.

<sup>4</sup> Francesco Spadafora, *La Tradizione contro il Concilio*, Roma, Pol. Volpe Editore, 1989, 182 pp.

— como se sabe — em 1870, pela ocupação de Roma, quer como novo Concílio, o Cardeal Billot expôs as razões por que desaconselhava absolutamente tal iniciativa. E concluía:

“Por fim, eis a razão mais grave, a que me parece militar absolutamente por uma resposta negativa.

A retomada do Concílio é desejada pelos piores inimigos da Igreja, ou seja, pelos modernistas, que já se preparam — como mostram indícios os mais seguros — para se aproveitar dos Estados Gerais da Igreja a fim de fazer a revolução, o novo 89, objeto de seus sonhos e de suas esperanças.

Nem é preciso dizer que eles não o conseguirão, mas nós reveremos os tão tristes dias do fim do pontificado de Leão XIII e do início do de Pio X; veremos ainda algo pior, e tal seria o aniquilamento dos frutos felizes da encíclica *Pascendi*, a qual os tinha reduzido ao silêncio.”<sup>5</sup>

O Cardeal Billot prevê, pois:

1) a influência nefasta e predominante dos modernistas no desenrolar do Concílio;

2) os efeitos ruinosos do após-concílio. Ele afirma sua fé: A Igreja superará esta gravíssima crise, mas antes “veremos algo ainda pior” que os tumultuosos tempos “modernistas” do passado.

Foi pois com grande sabedoria que Pio XI e Pio XII renunciaram à convocação de um Concílio ecumênico. Aliás, todos o reconheciam desnecessário: o Soberano Pontífice com seu Magistério (de Leão XIII a Pio XII) provia largamente às necessidades doutrinárias e disciplinares da Igreja universal.

Quando, em 28 de outubro de 1958, após a morte de Pio XII, o cardeal Angelo Roncalli foi eleito Papa — com o nome de João XXIII — “os indícios” das intrigas dos “piores inimigos

---

<sup>5</sup> G. Caprile S.J., *Il Concilio Vaticano II*, vol. V, 1968, p. 688; cf. vol. I, 1ª parte, 1966, pp. 3-29.

da Igreja”, os modernistas, estavam mais que evidentes no domínio filosófico-teológico, mas sobretudo no exegético.

Não obstante a *Humani Generis* (1950), a situação no decênio 1950-1960 permanecerá demasiado grave. O próprio Jacques Maritain, em *Le Paysan de la Garonne*<sup>6</sup>, o constatará: “O modernismo da época de Pio X, em comparação com a febre neomodernista moderna, não passou de modesta rinite alérgica.”<sup>7</sup>

No livro *La Tradizione contro il Concilio*, mostrei como — neste decênio fatal de 1950-1960 — o racionalismo foi introduzido no domínio católico pelos jesuítas do Instituto Bíblico Pontifical de Roma. Em um capítulo inteiro, expus a obra — que qualificarei de satânica — executada, por todos os meios, pelos próprios jesuítas. No Concílio, a massa amorfa estava pronta para aprovar sempre e sem discussão os textos preparados — de modo neomodernista — pelas diversas comissões<sup>8</sup>. Faziam-na votar textos *equivocos*, que as comissões apresentavam em seguida ao Concílio com a aprovação de seu voto, contra a inerrância absoluta da Sagrada Escritura, ou pelo “novo curso” do Instituto Bíblico com seu racionalismo e pela abertura à *Formengeschichte*, sancionada pela Instrução da Comissão Bíblica Pontifical (11 de abril de 1964!) que o Cardeal Bea S.J. fez aprovar em oposição ao dogma da historicidade dos Evangelhos.

Na segunda parte<sup>9</sup> de meu livro mostrei os *equivocos* doutriniais — verdadeiras heresias — da constituição doutrinal sobre a Igreja *Lumen Gentium*. A Nova Teologia herética domina em todos os textos do Concílio, e mui particularmente em *Gaudium et Spes*. Um dos fundadores dessa nova teologia é o jesuíta Henri

---

<sup>6</sup> Paris, 1966.

<sup>7</sup> Ver em particular pp. 16-19.

<sup>8</sup> Ver Betti O.F.M., *La Costituzione dommatica sulla Divina Revelazione*, Turim, Ed. DIC., 1966, p. 27.

<sup>9</sup> Pp. 145-247.

de Lubac, que foi em seguida nomeado cardeal pelo atual Papa, João Paulo II, seu admirador e partidário declarado e muito fiel.

Consagrei um segundo livro aos efeitos desastrosos do pós-concílio: *Il Post-Concilio: Crisi, diagnosi, terapia*<sup>10</sup>.

As 154 primeiras páginas se detêm na ação nefasta e dissimulada do neomodernista Giovanni Battista Montini (Paulo VI) para impor à Igreja a subversão doutrinal e disciplinar contida no conjunto volumoso dos textos prolixos do Vaticano II. Antes que o enorme Concílio deixe finalmente a grandiosa Basílica de São Pedro, Paulo VI, em 25 de janeiro de 1964, anuncia a criação do *Concilium ad exequendam Constitutionem de Sacra Liturgia*. Ele confia a sua direção ao Cardeal Lercaro, muito conhecido por suas extravagâncias litúrgicas, e, para assegurar o papel de factótum e executor fidelíssimo, dá a mão ao P. Annibal Bugnini, que fora afastado da docência por causa de suas estranhas idéias em matéria litúrgica! Montini consagrou seu pontificado a impor todas as “novidades” neomodernistas de “seu” Concílio, estudando e tomando todas as medidas para impedir qualquer “retrocesso”!

Na esteira de Paulo VI e ultrapassando em muito seu “Mestre”, como o gosta de proclamar, o Papa atual apressou-se em conduzir a seu termo o programa neomodernista. E ele conta, para o ecoarem, com todos os meios de comunicação, em particular toda a imprensa católica.

A partir de 1975 um só órgão de imprensa, na Itália, em Roma, se consagrou (e continua a fazê-lo, com energia cada vez maior) à luta contra o neomodernismo, em todas as suas manifestações. Seu nome é a palavra evangélica *Sì Sì No No*<sup>11</sup>; sua divisa: *Ubi veritas et iustitia, ibi caritas* (Onde

---

<sup>10</sup> Roma, ed. Settimo-Sigillo, 1991, 319 pp.

<sup>11</sup> Mt 5, 37.

estão a verdade e a justiça, aí está a caridade). A verdade revelada, reafirmada e defendida em primeira linha — aí está a verdadeira caridade tanto para os fiéis como para os próprios heréticos.

O *aggiornamento*, ou seja, o revestir-se a Igreja do modelo criado pelos modernistas — baseado nos postulados filosóficos e pseudoteológicos da Nova Teologia — torna doravante a Igreja irreconhecível. Os nove artigos aparecidos de fevereiro a outubro de 1993 no *Courrier de Rome*<sup>12</sup> sob o título geral “Os Que Pensam Que Venceram” estão entre os textos mais importantes que nosso periódico antimodernista publicou acerca da grave crise doutrinal e disciplinar que assim “desfigurou” a Igreja. Estes textos revelam as origens, as causas que transformaram o Concílio, concebido e expressamente formulado por João XXIII como estritamente pastoral, e que devia pois deixar *intacta* a doutrina de fé divina e católica tão luminosamente definida pelo Concílio de Trento e pelo Vaticano I (1870), num “conciliábulo” de jogar no lixo o mais depressa possível.

O título geral desta série é muito eloquente. No nº 1, “O triunfo da seita modernista”, mostram-se as origens do neomodernismo: desde sua denúncia por São Pio X até a *Humani Generis* de Pio XII (1950). O neomodernismo — surpresa das surpresas — desenvolveu-se mais amiúde nos *scolasticats* da Companhia de Jesus, nos quais, contrariamente às disposições do Magistério (Pio IX, Leão XIII, Pio X, Bento XV, Pio XI), se cultivava não a filosofia perene de Santo Tomás, harmonia entre a revelação e a razão, mas a discutida filosofia d’*A Ação*, de Maurice Blondel, de aspecto fugidio e proteiforme<sup>13</sup>, filosofia adotada e propagada pelos amigos de Blondel e pelos adeptos da Nova Teologia: o Padre Henri de Lubac S.J.<sup>14</sup> e sua “turma”: Bouillard, von Balthasar

<sup>12</sup> O nome de *Si Si No No* na França. [N. do E.]

<sup>13</sup> Ver cap. III.

<sup>14</sup> Ver cap. IV.

etc.<sup>15</sup> “Nova Teologia” condenada pela *Humani Generis* (1950) e que “os piores inimigos da Igreja”, segundo expressão do Cardeal Billot, conseguiram introduzir nos textos do Vaticano II, por intermédio de seus partidários, eleitos para tal fim membros das comissões conciliares, em particular a Comissão Dogmática.

Assim, o Concílio “pastoral” (!), em plena ruptura com o passado, repudia a teologia tradicional, indissolúvelmente ligada à Tradição dogmática da Igreja, para instalar a “nova teologia”.

Ele defende a abertura da Igreja ao pensamento moderno (absolutamente estranho à verdade e aos bens sobrenaturais) a fim de chegar a uma teologia totalmente diferente, para uma “nova Igreja” secularizada e adaptada aos “tempos modernos”. É a rebelião aberta contra a Tradição e o Magistério (cujo exemplo típico é a oposição tenaz dos jesuítas do Instituto Bíblico Pontifical ao *Dicastero Supremo* do que era então o Santo Ofício, oposição que teve início em 1960 e que continua desde então). O capítulo II, “Verdadeira e falsa restauração”, apresenta uma documentação clara e eficaz acerca desse assunto.

Eu falava recentemente da crise que pesa sobre a Igreja com um colega, muito erudito e de vida exemplar. Em conclusão de nossa conversa, ele me lembra a predição da Virgem Santíssima à Irmã Lúcia, a vidente de Fátima: “Satã conseguirá efetivamente introduzir-se até o cume da Igreja.”<sup>16</sup> Montini, como Monsenhor, depois como Cardeal, e por fim como Papa, dedicou-se por todos os meios e durante toda a sua movimentada vida a realizar esta profecia... O capítulo VI, “Paulo VI e o golpe de mestre de Satanás”, é-lhe consagrado.

Entusiasta admirador de Blondel, de De Lubac, ele pôs

---

<sup>15</sup> Ver cap. V.

<sup>16</sup> Ver minha brochura *Fatima e la pesta del socialismo*, Roma, G. Volpe, 3ª ed., p. 10.



a força da autoridade papal que acabara de adquirir ao serviço da Nova Teologia. Fez habilmente pressão sobre os Padres Conciliares a fim de que, na maioria ignorantes e confiantes em “Pedro”, ratificassem essa mesma “nova teologia” que seu predecessor Pio XII condenara na *Humani Generis*. A documentação apresentada neste capítulo ilustra e completa o que eu já disse mais acima a respeito da primeira parte de meu livro *Il Post-Concilio*.

A obra devastadora de Paulo VI continua e agrava-se após sua morte. É o que demonstram os capítulos consagrados ao cardeal Ratzinger e ao Papa Karol Wojtyla — João Paulo II.

O capítulo VII é consagrado a “Ratzinger: um prefeito sem fé na Congregação para a Fé”.

Ficamos surpresos, incrédulos, ao ler os textos do “teólogo” Ratzinger, primeiramente jovem “especialista” do Cardeal Frings durante o Concílio, e finalmente Prefeito da Congregação para a Fé. Por suas escolhas, pelos cargos que distribui (cátedras nas Universidades católicas, promoções etc.), acaba-se por reconhecer que o Papa não podia ter feito escolha mais oportuna e mais adaptada à realização de seu programa neomodernista, anticatólico, anti-romano.

Chegamos assim ao capítulo VIII, “O Pontificado de Karol Wojtyla, tempos de provação muito grave para a Igreja”: “Se o Papa Montini foi admirador entusiasta dos ‘novos teólogos’, João Paulo II é pessoalmente favorável à ‘nova teologia’.” Este capítulo oferece um resumo do “estudo sereno, objetivo e científico” de um emérito professor universitário alemão (em Münster e em Paderborn), Johannes Dörmann, em seu livro *A Estranha Teologia de João Paulo II e o Espírito de Assis*<sup>17</sup>, primeiro volume de uma trilogia vindoura. Essa “estranha”

---

<sup>17</sup> Ed. Fideliter, 112 rota do Waldeck — 57230 Eguelshardt, 1992, 151 pp.

teologia está já presente nos escritos de Karol Wojtyla professor, bispo, cardeal.

No segundo volume da trilogia, no prelo, o professor Dörmann demonstra que a mesma “nova teologia” constitui o núcleo das encíclicas doutrinárias de João Paulo II e é a fonte inspiradora de suas viagens pastorais à África e à Ásia.

O exame rigoroso que faz Dörmann da “nova teologia” concorda com a explicação e a crítica dos melhores teólogos que a combateram; por exemplo, o Cardeal Joseph Siri, com a maior clareza e competência, em seu livro *Gethsémani*, e o grande e muito conhecido teólogo dominicano Garrigou-Lagrange, que foi durante muitos anos professor no Angelicum, em seu artigo fundamental e esclarecedor: “Para onde vai a nova teologia?”, escrito em 1946, antes da *Humani Generis* (1950).

Para onde vai a nova teologia? A resposta: para além do modernismo primitivo. Seus adeptos, após a condenação da *Humani Generis*, continuaram a esperar, impacientes, “dias melhores”. Sua hora veio com o Papa Montini e “seu” Concílio, e em seguida com o amador convicto da “nova teologia” que é o Papa Karol Wojtyla, admirador entusiasta do herético Padre Henri de Lubac, que ele nomeia cardeal — tão admirador seu quanto o “pai da apostasia ecumênica”, o ex-jesuíta Urs von Balthasar.

João Paulo II, de fato, é objetivamente um partidário da “nova teologia”, com seu erro fundamental, posto em prática no “espírito de Assis”, da efetiva redenção universal, ainda que inconsciente, válida para todos os homens de todos os tempos e de todos os lugares. E é por isso que, em conclusão ao capítulo VIII, que lhe concerne, examinamos o dogma da infalibilidade: “A infalibilidade significa que a assistência divina impedirá, com certeza, que o Papa chegue a impor formalmente, *ex cathedra*, seus erros pessoais a toda a Igreja”, podendo-

## PREFÁCIO

lhe permitir, porém, que fale, escreva, atue como pseudoteólogo. Aos filhos da Igreja, nestes tempos de tão grave provação, não resta senão escorar-se no Magistério infalível dos “Papas de ontem”, tão desdenhado e ignorado pelos “novos teólogos”, enquanto esperam, e apressam, pela prece e por um coração penitente, a hora de Deus.

*8 de dezembro de 1993*



# INTRODUÇÃO

*Paulinus*

## A ROCHA

UM DE NOSSOS LEITORES, padre, escreve-nos:

“Em um artigo alemão, leio: ‘Em seu *Pequeno Discurso acerca do Inferno*, von Balthasar apóia-se no fato de muitos pensarem como ele, e particularmente João Paulo II. Após ter citado a afirmação de Besler segundo a qual a doutrina de Adrienne von Speyr «contradiz a Revelação cristã e o Magistério da Igreja», von Balthasar responde-lhe: «Pior para o senhor que o Santo Padre pense de modo absolutamente diverso, como ele manifestou em discurso feito em Roma, durante o simpósio que ele mesmo mandara convocar acerca de Adrienne von Speyr. É preciso, portanto, apressar-se a queimar a feiticeira antes que ela seja beatificada. Para Edith Stein, a quem deixarei a última palavra neste livro, é já demasiado tarde».’

Ele reproduz em seguida uma passagem de Edith Stein, na qual ela afirma a salvação universal. Segundo ela, uma ‘graça ilegítima’ insinua-se nas almas recalcitrantes, de modo que ‘é improvável que a alma Lhe [a Deus] permaneça fechada’.

E acrescenta ainda von Balthasar que muitos pensam como ele, citando entre outros: De Lubac, o professor Rondet, o escritor Frossard, o Cardeal Lustiger, arcebispo de Paris, Blondel, o Cardeal Ratzinger e Walter Kasper.

Será verdade tudo isso? Será verdade também que, na encíclica acerca do Espírito Santo, o Santo Padre ensine uma

doutrina semelhante, a saber, que todos os homens serão salvos, dado que o Filho de Deus se fez carne?

Mas como pode ser assim? Isso é absurdo! Se fosse assim, por que Jesus teria enviado seus apóstolos pelo mundo dizendo-lhes: ‘O que crer e for batizado será salvo; o que, porém, não crer será condenado’?

E quão estúpido é o demônio, *‘quærens quem devoret’*, conquanto saiba que ao fim e ao cabo deverá ficar para sempre em jejum!

Von Balthasar e o redator do artigo deliram. Só pode ser isso. Eu gostaria muito de uma resposta, se possível no nosso *Si Si No No.*”

*Carta assinada*

### ***Uma Singular Inversão***

Não lembro que pensador católico revelou a singular inversão que se produziu no após-concílio: os dogmas tratados como opiniões, e as opiniões (errôneas) elevadas à categoria de dogmas; os mandamentos (por exemplo, o sexto) rebaixados ao nível de simples conselhos, e os conselhos (por exemplo, a pobreza de fato) elevados à categoria de mandamentos, e assim sucessivamente. Esta reflexão me torna ao espírito todas as vezes que os “teólogos” modernistas, como o ex-jesuíta von Balthasar, apelam para o Papa. Eles comportam-se de fato, com relação ao magistério infalível dos Pontífices Romanos, como se se tratasse de opiniões pessoais muito falíveis, e pretendem, pelo contrário, impor, como se se tratasse de Magistério infalível, o pensamento pessoal de tal ou qual Papa, pensamento que poderia até ser uma heresia (ver o caso histórico de João XXII).

### ***A Rocha***

Para entrar no caso concreto, é necessário um

preâmbulo. No domínio doutrinal, o que conta e serve de referência para todos, incluído o Papa, é a Revelação divina, que foi infalivelmente guardada, transmitida e explicada pela Igreja: *quod semper et ubique tenuit ac tenet Sancta Mater Ecclesia*. Ainda quando define infalivelmente *ex cathedra*, o Papa permanece *norma normata*, ou seja, regra regrada pela fé constante e universal da Igreja<sup>1</sup>. Esse “depósito” divino é a regra suprema, a rocha contra a qual se despedaçaram, despedaçam e despedaçarão sempre todas as heresias, todos os erros, desde as revelações dos falsos místicos até as opiniões pessoais de tal ou qual Papa, porque nada pode legitimamente existir na Igreja em oposição direta ou indireta ao que foi constantemente e universalmente ensinado e crido pela Igreja. Ora, a Igreja sempre e em todas as partes ensinou e creu que nem todos os homens alcançarão a salvação eterna e que, pois, o inferno não só existe como absolutamente não está vazio.

### ***O inferno não está vazio***

É de fé que “... Deus, em seu decreto eterno, destinou pessoas determinadas, em previsão de seus pecados, à reprobção eterna”<sup>2</sup>.

Esta verdade é de fé divina e católica: *divina*, porque foi revelada por Deus, como o atesta a Sagrada Escritura<sup>3</sup>; *católica*, porque é constantemente ensinada pela Igreja em seu Magistério ordinário infalível. O Concílio de Valence (885) ensina: “*fatemur prædestinationem impiorum ad mortem*”<sup>4</sup> [nós professamos a predestinação dos ímpios à morte (eterna)].

---

<sup>1</sup> Ver *Courrier de Rome* 101 (291), “La Tradition, le Concile et les “Tradicionalistes”, março de 1989.

<sup>2</sup> L. Ott, *Abrégé de Théologie Dogmatique*, ed. Marietti.

<sup>3</sup> Cf. Mt 25, 41, e Rm 9, 22.

<sup>4</sup> Dz. 322.

Afirmar, como o fez von Balthasar, que “o inferno existe, mas está vazio” é negar o dogma da reprobção (e indiretamente o dogma do inferno).

Negação tanto mais insidiosa quanto o dogma da reprobção é cada vez menos pregado, por causa de sua dificuldade de ser corretamente compreendido. O dogma, todavia, existe, e a tese de von Balthasar despedaça-se contra a *rocha* da Fé constante e universal da Igreja.

Provas contra esta rocha, as revelações “místicas” de Adrienne von Speyr (a ninfa Egéria de von Balthasar e da nova teologia) revelam-se o que são: pseudo-revelações pseudomísticas, apesar do simpósio romano e do discurso de João Paulo II, que, em suas opiniões pessoais — isto dito com todo o respeito que lhe é devido — não é infalível, contrariamente ao que quereria fazer crer von Balthasar.

Contra a rocha da Fé constante e universal da Igreja se despedaça também a significação que von Balthasar quereria dar à frase, em verdade equívoca, de Edith Stein, e que ademais não provaria absolutamente nada: bem-aventurados e santos, a começar por São Pedro, também disseram, em sua vida, coisas nada verdadeiras, e fizeram coisas nada santas. A beatificação e a canonização não implicam a total aprovação de tudo o que os bem-aventurados e os santos disseram e fizeram no decorrer de sua vida. Era só o que faltava! A canonização de São Thomas Morus, por exemplo, coroa o heroísmo de seu martírio, mas não canoniza absolutamente, como o quereriam hoje os neomodernistas, as ilusões humanistas de sua *Utopia*, a qual este santo certamente não teria escrito após sua dolorosa purificação na Torre de Londres.

Contra a rocha da Fé universal e constante da Igreja se despedaçam até as opiniões pessoais, quaisquer que sejam, de um Papa, que, nas Encíclicas, é infalível somente quando ou reapresenta o que sempre e por todas as partes



creu e ensinou a Igreja, ou intervém para promulgar “de modo deliberado um julgamento em matéria até então controversa” e que é ainda objeto de livre discussão entre os teólogos (Pio XII, *Humani Generis*). E tal certamente não é o caso do dogma da reprobção.

Aliás, o próprio von Balthasar, com incrível desenvoltura (deveríamos dizer: inconsciência), nos revela as fontes de suas novidades:

“Há que mencionar aqui, em vista do que se seguirá, igualmente os autores que particularmente me atraíram durante o estudo da teologia, e os pontos de vista que me fascinaram neles [...]. O segundo foi o grande Orígenes, para o qual De Lubac nos tinha orientado (a Danielou e a mim). A respeito de Orígenes ele escreveu um ensaio sintético em francês, e depois lhe editou uma antologia de cerca mil textos. Lembro-me precisamente dos dois pontos que, em sua obra imensa, me cativaram: o primeiro *é sua escatologia (em oposição à de Santo Agostinho), com sua tendência à ‘redenção universal’*.

Estava claro para mim que uma doutrina unívoca da apocatástase<sup>5</sup> era inconciliável com a teologia cristã, mas me parecia que a certeza de Santo Agostinho de um inferno (densamente) povoado não era bíblica. Como porém encontrar uma via intermediária, ou melhor, uma terceira solução para a alternativa em conflito? Eu não o sabia então; *as experiências [místicas] da Sexta-feira Santa de Adrienne é que me iriam abrir um caminho muitíssimo surpreendente para pensar de modo novo toda esta questão. Mais tarde procurei pontos de contato na história da teologia para aí introduzir [sic] sua doutrina sobre esse ponto, e tentei em diversos ensaios torná-la convincente...*”

---

<sup>5</sup> Apocatástase: Restauração final de todas as criaturas inteligentes na amizade de Deus. Teoria atribuída a Orígenes, e condenada pelos papas Anastácio (400) e Vigile (543).

Quanto a Orígenes ter sido grande não há a menor dúvida. Mas igualmente não há a menor dúvida quanto a ele ter incorrido em opiniões errôneas, que deram nascimento a um conjunto de heresias escatológicas, as quais punham em dúvida a eternidade das penas do inferno e sugeriam a idéia de uma salvação final para todos, incluindo os demônios (apocatástase). E são esses erros, condenados pelo Papa Vigílio<sup>6</sup>, que são a fonte de von Balthasar, ao mesmo tempo que as revelações “místicas de Adrienne von Speyr”! Após a confissão de von Balthasar acerca de seus esforços por encontrar para a “doutrina” de Adrienne “pontos de contato” quaisquer com a teologia católica e por “torná-la convincente”, elas não mereceriam sequer ser levadas em consideração, se não fossem, como infelizmente o são, levadas demasiado a sério pelos amadores da “nova teologia”.

### *A toca da raposa*

Estando isso esclarecido, devemos acrescentar, caro irmão, que V. foi meter a mão, talvez sem o saber, justamente na toca da raposa, ou, para falar sem metáfora, nessa impostura teológica que é a “nova teologia”, revivescência daquele modernismo definido por São Pio X como “a síntese de todas as heresias”. Todos os nomes que von Balthasar cita em apoio à sua tese herética (excluído Frossard, leigo, que talvez simplesmente repita as teorias da moda) são, de Blondel a Kasper, representantes antigos e novos da *nova teologia*. Já é pois ocasião de dar uma olhada na toca da raposa. É o que faremos nos capítulos seguintes.

---

<sup>6</sup> Dz. B. 211.

# I

## O TRIUNFO DA SEITA MODERNISTA

SÃO PIO X, na sua encíclica *Pascendi*, contra o modernismo, denunciou que os fautores do erro já se escondiam “no seio e dentro do coração da Igreja” e que em “seus projetos de destruição” agiam “não do lado de fora, mas dentro mesmo da Igreja; em nossos dias o perigo está quase nas entranhas da Igreja e em suas veias”.

Com o *Motu Proprio* de 18 de novembro de 1907, o Santo Pontífice acrescentava à encíclica *Pascendi* e ao decreto *Lamentabili*, contra o modernismo, “a pena de excomunhão para os contraditores”. Naquela ocasião o Papa se dirigia aos Bispos e aos Superiores Gerais de todo o mundo, nestes termos:

“Voltamos a recomendar encarecidamente aos Ordinários diocesanos e aos Superiores dos Institutos Religiosos que vigiem com todo o cuidado os professores, especialmente os dos Seminários, e quando os virem infectados de erros modernistas e de novidades malsãs, ou menos submissos às prescrições da Santa Sé, sejam proibidos de ensinar, qualquer que seja a forma que eles usem para os propagar. Igualmente sejam excluídos das sagradas Ordens aqueles jovens que suscitem a menor suspeita de que correm atrás de doutrinas condenadas ou de novidades danosas.”<sup>1</sup>

Finalmente, três anos depois, no *Motu Proprio* de 1º de setembro de 1910, São Pio X fazia esta gravíssima denúncia:

---

<sup>1</sup> *Motu Proprio* de 18 de novembro de 1907.

“Os modernistas, mesmo depois que a encíclica *Pascendi* lhes arrancou a máscara sob a qual se escondiam, não abandonaram seus desígnios de turvar a paz da Igreja. Com efeito, não cessaram de procurar novos adeptos e reuni-los em associações secretas [em latim: *Haud enim intermiserunt novos aucupari et in clandestinum foedus ascire socios*].”

Vemos pois que São Pio X sabia que o modernismo procurava seus adeptos principalmente nos Seminários e na casas de formação de Religiosos e que se organizava em uma espécie de seita: “*clandestinum foedus*”.

### ***A Denúncia do Pe. Garrigou-Lagrange***

Em 1946 o padre Garrigou-Lagrange O.P., em seu magistral e hoje atualíssimo artigo “*La nouvelle théologie: où va-t-elle?*” [Para onde vai a nova teologia?], respondia: “Ela volta ao modernismo.” E denunciava a obra de corrupção doutrinal efetuada por todos os meios entre o clero e os intelectuais católicos: “folhetos datilografados [...] são distribuídos (alguns desde 1934) *ao clero, aos seminaristas, aos intelectuais católicos*, encontram-se neles as mais extravagantes afirmações e negações sobre o pecado original e a presença real” e sobre todas as outras verdades da fé (negação da eternidade do inferno, poligenismo etc.). O padre Garrigou-Lagrange cita extensos trechos deles, em que se descobrem por antecipação todas as “novidades” heréticas do pós-concílio. Vejamos somente uma amostra:

“Uma convergência geral das religiões para o Cristo universal que, no fundo, satisfaz a todas: isto me parece a única conversão possível para o Mundo e a única religião imaginável para uma Religião do futuro.”

É a essência do ecumenismo atual, que quer fazer convergir todas as religiões para Cristo, separado de seu Corpo Místico, que é a Igreja Católica. “*Lumen gentium*, a luz dos gentios, dos pagãos, é Cristo, não a sua Igreja”, dizia De Lubac em uma de suas últimas entrevistas.<sup>2</sup>

### ***A Confirmação***

A confirmação da traição e da longa desobediência ao Magistério está rerepresentada hoje, vários anos depois, na euforia do efêmero triunfo dos principais expoentes da “nova teologia”. Na revista *Communio* (patrocinada pelo cardeal Ratzinger, prefeito da Congregação para a Fé) de jan.-fev. de 1991, no artigo “O Amadurecimento do Concílio — Vivência da Teologia Pré-conciliar”, o jesuíta Peter Henrici, que nasceu em 1928 e estudou na Suíça, Alemanha, França e Bélgica, nos informa que:

1) Nos seminários jesuítas dos países acima citados, com patente desprezo das diretrizes e da obrigação imposta por todos os Romanos Pontífices de “seguir rigorosamente a doutrina, o método e os princípios de Santo Tomás” (ver o Cânon 1.366 n<sup>o</sup>2 do Código de Direito Canônico então em vigor, a carta ao cardeal Bisleti, de Pio XI, de maio de 1923, e *Humani Generis*, de Pio XII), os estudos escolásticos oficiais eram somente uma fachada. Escreve o jesuíta Henrici: “Havia um manual de estilo antigo (escolástico) [...] que, quando muito, era somente folheado.”<sup>3</sup> Assim, a teologia católica foi desprezada e combatida pelos inovadores sem ser sequer conhecida. “Não pensávamos”, escrevia o padre Garrigou-Lagrange em 1946, “que os escritores de que falamos [De Lubac, Bouillard etc.] abandonariam a doutrina de Santo Tomás;

---

<sup>2</sup> Cf. *Si Si No No*, ed. italiana, de 15 de outubro de 1991, p. 1.

<sup>3</sup> P. 42.

eles nunca aderiram a ela porque nunca a compreenderam bem. E isto é doloroso e inquietante.”<sup>4</sup>

2) Por trás da fachada dos estudos oficiais, o modernismo era difundido clandestinamente entre os melhores alunos, cujas teses iam reemergindo na “*nouvelle théologie*”.<sup>5</sup> Escreve Henrici: “Aos mais interessados pela teologia o prefeito de estudos recomendava como primeira leitura os dois primeiros capítulos do ‘*Surnaturel*’ de Henri de Lubac — o mais proibido dos ‘livros proibidos’! — e depois seu ‘*Corpus Mysticum*’, e isto para que sentissem que *enunciados teológicos idênticos podem ter significados diferentes quando variam as épocas e os contextos.*”<sup>6</sup> E, assim, adeus imutável Tradição divino-apostólica! Adeus crescimento homogêneo do dogma! Adeus verdade imutável. Com toda a razão os teólogos romanos, em particular Garrigou-Lagrange, acusaram a “nova teologia” de ameaçar a Igreja com seu relativismo dogmático, “privando-a de sua santa Tradição”.<sup>7</sup> Eram as premissas da atual “Tradição viva”, mas já não coerente.<sup>8</sup>

3) Estes desobedientes, para quem o Magistério pontifício não valia nada, foram premiados, em sua desobediência, pelo “prurido de novidades” que prevaleceu no Concílio: “Para o *aggiornamento*”, escreve Henrici, “os padres conciliares deviam apoiar-se (não podiam fazer de outro modo) no trabalho que os teólogos haviam realizado antes do Concílio.”<sup>9</sup> E em outra passagem, ainda mais clara: “Aqueles Padres que se deixaram fascinar pela sereia do *aggiornamento* acabaram por apoiar-se no trabalho dos que, desprezando as diretrizes

---

<sup>4</sup> “*La Nouvelle Théologie: où va-t-elle?*”, *Angelicum* 23, 1946.

<sup>5</sup> Ver Pe. Parente, *La Teologia*, Roma, ed. Studium, 1952, p. 62.

<sup>6</sup> P. 41.

<sup>7</sup> Ver *Il Sabato* de 14/9/1991: “Henri de Lubac e Sua Turma”.

<sup>8</sup> Cf. *Si Si No No*, ed. italiana, de 15 de abril de 1992, p. 5.

<sup>9</sup> P. 35.

da Igreja, haviam cultivado uma ‘nova teologia’ em oposição e ruptura com a teologia católica.”

4) Na realidade, muitos destes Padres conciliares não conheciam a “nova teologia”, até então cultivada clandestinamente e em círculos fechados. Estes padres, ignorantes e enganados, lhe deram, com os textos do Concílio, uma “espécie de confirmação eclesial”. Escreve Henrici:

“Se estes textos podiam parecer novos, era porque o trabalho dos teólogos [novos] e o estado da teologia católica [nova] no final dos anos 50 eram bastante desconhecidos dos que não eram encarregados dos trabalhos [*sic*] (e a este grupo pertenciam muitos Padres conciliares), ou ainda porque alguns pontos dos resultados deste trabalho, *que até então haviam sido censurados*, agora eram reconhecidos como ortodoxos.”<sup>10</sup>

### ***O Testemunho de um Veterano***

Encontramos o mesmo tom triunfante no testemunho de um veterano da “*nouvelle théologie*”, o jesuíta Henri Bouillard, por ocasião da inauguração do Centro de Arquivos Maurice Blondel no Instituto Superior de Filosofia da Universidade Católica de Louvain (Bélgica, 30 de março de 1973). Depois de reconhecer a influência da filosofia de Blondel sobre a “*nouvelle théologie*”, filosofia que “contribui de modo decisivo para a renovação [leia-se: ruína] da teologia fundamental”, o jesuíta Bouillard declara que “o pensamento blondeliano, progressivamente e em suas teses essenciais, conseguiu a vitória”: as teses (ortodoxas) descartadas por Blondel “estão hoje abandonadas”, e os erros sustentados por ele são hoje

---

<sup>10</sup> P. 35.

“aceitos com naturalidade” (certamente! porque, impostos com o prestígio da autoridade — e que autoridade! — estão dispensados *ipso facto* de qualquer demonstração).

### *O Concílio*

A prova evidente da “vitória”, para Bouillard, é... o Concílio Vaticano II: “deixaram de considerar a ordem natural e a ordem sobrenatural como dois estados superpostos, sem vínculo interno. O esforço para descartar esta concepção induziu também alguns teólogos a restringir o mais possível o uso destes termos. Em seus principais documentos, o Concílio Vaticano II evitou o emprego da palavra ‘sobrenatural’.”<sup>11</sup> É exatamente o que diz Romano Amerio, mas do lado da ortodoxia católica, em *Iota Unum*<sup>12</sup>:

“Mas se os não-cristãos estão destinados a se unir aos cristãos, já não por uma conversão que os leve ao Cristo da Igreja Católica, mas por um aprofundar de sua crença [convidam-se os budistas a que sejam bons budistas, os muçulmanos a que sejam bons muçulmanos etc.], parece então que o Cristo, isto é, o princípio da verdadeira conversão, se encontra no fundo de sua consciência natural, chegando-se assim à *negação do sobrenatural ou à igualdade do natural e do sobrenatural da graça*. O princípio da salvação já não vem do céu (*caelitus*), mas das profundezas (*funditus*), é imanente à natureza humana e brilha em todos os homens.”

Quanto ao Concílio, escreve R. Amerio: “O Concílio não fala em luz sobrenatural, mas em ‘plenitude de luz’. O naturalismo que marca os documentos *Ad Gentes* e *Nostra*

---

<sup>11</sup> P. 44.

<sup>12</sup> Milão/Nápoles, ed. Ricciardi, 1985, cap. XXXV.



*Aetate* se manifesta até na terminologia, uma vez que neles não aparece nunca o vocábulo ‘sobrenatural’.” Em notas ele se refere à palavra “sobrenatural” nas “Concordâncias” do Concílio (Delhayde-Gueret-Tombeur, “*Concilium Vaticanum II*”, Concordâncias, Índice, Listas de Presença, Tabelas Comparativas<sup>13</sup>).

Portanto, é verdadeira, documentada e documentável a afirmação de Bouillard: O Concílio, sob o influxo do modernismo triunfante, evitou em seus “documentos principais”, e principalmente naqueles sobre o ecumenismo, o emprego do termo “sobrenatural”. Desta maneira, o Concílio sancionou em seus principais documentos a vitória do naturalismo, que é a essência do modernismo e o fundo secreto, mas não muito, da filosofia de Blondel e da teologia de De Lubac e de sua turma. E então — perguntamos — o que se propõe substancialmente hoje a nós, católicos, em nome do Concílio? Nada além da “*nouvelle théologie*” condenada por Pio XII. E o que se esconde sob este novo ensinamento? Nada além do modernismo condenado por São Pio X e que, em suas conclusões, leva à mais radical negação do fato histórico da Revelação Divina, da divindade de Nosso Senhor e da origem divina da Igreja.

### ***Os Que Venceram***

Na revista *30 Jours* de dezembro de 1991, o mesmo Pe. Henrici S.J., de quem se falou acima, confirmou oficialmente o que já sabíamos, ou seja:

1) que a “*nouvelle théologie*”, condenada por Pio XII na *Humani Generis*, na mesma linha da encíclica de São Pio X contra o modernismo, “passou a ser a teologia oficial do Vaticano II”;

---

<sup>13</sup> Louvaina, 1974.

2) que os postos chaves da Igreja ou já estão nas mãos dos expoentes da “*nouvelle théologie*”, ou estão destinados a eles. O órgão de difusão é a revista *Communio*: “Quase todos os teólogos nomeados bispos nos últimos anos provêm da linha da *Communio*. Um círculo de nomes importantes, na expectativa dos mais altos cargos: os alemães Lehman e Kasper, os suíços von Shonborn e Corecco, o italiano Scola, o belga Léonard, o brasileiro Romer. O jesuíta Peter Henrici, professor de História da Filosofia Moderna na Gregoriana e redator da edição alemã, lamenta-se dissimuladamente: ‘Balthazar, De Lubac e Ratzinger, os fundadores, chegaram todos a ser cardeais. Na segunda geração muitos foram escolhidos para bispos. Este fato cria às vezes problemas de substituição’. A este círculo de nomes importantes devem somar-se: o dominicano Georges Cottier, ‘teólogo’ da casa pontifícia, e Jean Duchesne, porta-voz do cardeal Lustiger.” Do hegeliano André Léonard, hoje bispo de Namur, lemos que também é “responsável pelo Seminário de Saint Paul, para onde Lustiger [ele, portanto, também da turma] envia seus seminaristas”. “São os que venceram”, concluía *30 Jours*.

### ***A Ruptura***

Perdoe-nos o leitor a insistência, mas a agressão dos modernistas à Igreja, à sua doutrina, às suas instituições, às almas, é uma realidade tão grave, comandada do alto, que nunca será excessiva a documentação apresentada, com a finalidade de despertar a muitos de seu torpor, pondo-os em guarda contra o perigo que os ameaça.

Vozes análogas de triunfo e confissões indiretas de traição aparecem em toda a produção neomodernista deste pós-concílio.

*Vaticano II — Balanço e Perspectivas Vinte e Cinco Anos Depois: 1962-1987*, de René Latourelle S.J., “é a obra”,

segundo a *Avvenire*, “levada a cabo por três instituições universitárias da Companhia de Jesus em Roma: a Universidade Gregoriana, o Instituto Bíblico e o Instituto Oriental”; 68 colaboradores de vinte nações, todos (menos dois) membros da “Companhia”, ilustram assim o triunfo da “nova teologia” e a simpatia que lhe tinha o Papa Montini.<sup>14</sup>

“Se não se pode falar de excomunhões seguidas de canonizações”, escreve o Pe. Martini S.J., “naqueles anos, todavia, alguns grandes teólogos foram atingidos por diversas medidas restritivas, mas depois *assumiram um papel relevante entre os principais peritos conciliares e tiveram grande influência na composição dos decretos do Vaticano II. Em 1950 alguns livros foram retirados das bibliotecas, mas depois do Concílio seus autores chegaram a ser cardeais* (De Lubac, Daniélou). Algumas iniciativas pastorais (padres operários) foram condenadas e suspensas, mas se reorganizaram para continuar durante e depois do Concílio.”

A *Humani Generis* de Pio XII (1950) foi, assim, muito rapidamente e em poucos anos, completamente desaprovada por outro Papa, que favoreceu vivamente o triunfo daqueles que seu predecessor havia condenado. Em vista disto, os católicos mais bem informados, que tinham aderido fielmente às diretrizes romanas, se perguntavam a quem deviam obediência: se ao Papa de ontem, de acordo com todos os seus predecessores, ou ao Papa de hoje, em evidente ruptura com a orientação constante da Igreja. Como remate, recentemente, o *Osservatore Romano* (setembro de 1992), por ocasião do aniversário da morte de De Lubac, dedicou a p. 6 em sua totalidade a celebrar as “grandes teses de um precursor do Concílio Vaticano II”. Nela se lê:

---

<sup>14</sup> *Si Si No No*, ed. italiana, de 15 de maio de 1988.

“Pensamos em Blondel, em Mounier e em Maritain e, naturalmente, em De Lubac, em Chenu e em tantos outros que tanto no plano filosófico como no teológico foram os que *prepararam* as posições e os hábitos mentais e metodológicos que depois *entraram nos temas do Concílio Vaticano II.*”

Por conseguinte, têm razão os “neomodernistas”: a “nova teologia” condenada por Pio XII na *Humani Generis*, como um conjunto de “falsas opiniões que ameaçam subverter os fundamentos da doutrina católica”, chegou a ser hoje “a teologia oficial do Vaticano II”<sup>15</sup>. E, portanto, por que se assustava Paulo VI com a “autodemolição” da Igreja?

### ***O Persistente Desprezo pelo Papado***

À guisa de conclusão desta introdução a nosso estudo sobre a “nova teologia”, repetiremos o que consta das Atas de canonização de São Pio X, a propósito de uma carta do cardeal Maffi ao Secretário de Estado, na ocasião o cardeal De Lai:

“Esta carta reflete cruamente todo aquele conjunto de críticas que circulavam aqui e ali naqueles anos, não somente contra as publicações denominadas intransigentes mas, em geral, contra o governo de Pio X e sobretudo contra os que estavam do seu lado. No fundo, tratava-se de uma reação à ação enérgica de Pio X contra o modernismo e às medidas tomadas por ele em todos os setores para restabelecer a disciplina eclesiástica. Era a resistência às vezes passiva, mas real, que se opunha às normas da Santa Sé, não somente dos modernistas e seus simpatizantes mas também de pessoas bem-intencionadas que não conheciam ou não

---

<sup>15</sup> Pe. Henrici S.J., acima citado.

viam a gravidade do perigo e o verdadeiro fundo das coisas como era visto do alto.”<sup>16</sup>

Essa grande “resistência às vezes passiva, mas real” do episcopado é a que preparou a atual crise da Igreja, que não passa do triunfo (temporal, naturalmente) do modernismo na Igreja Católica. Por conseguinte, de modo algum é supérfluo, mas sim muito necessário e urgente, conhecer um pouco melhor quem são e o que querem “aqueles que venceram”, ou melhor, os que pensam haver vencido só porque não acreditam no “*non praevalerunt*”.

---

<sup>16</sup> *Disquisitio circa quasdam obiectiones modum agendi Servi Dei respicientes in modernismo debellatione* [Investigação acerca de certas objeções quanto ao modo de agir do Servo de Deus, com o fim de debelar o modernismo].



## II VERDADEIRA E FALSA RESTAURAÇÃO

### *O Magistério Desprezado*

OS QUE PENSAM QUE VENCERAM são os neomodernistas fiéis à linha (se assim se pode dizer) dos padres fundadores da “nova teologia”, e especialmente a linha (tortuosa e confusa) traçada pelo jesuíta Henri de Lubac e pelo ex-jesuíta Hans Urs von Balthasar<sup>1</sup>. “Os representantes da nova teologia são exaltados como se fossem a pedra angular da Igreja”, escreveu com razão o pensador Julio Meinvielle.<sup>2</sup>

Antes de apresentar estes “santos padres” do mundo católico pós-conciliar, é oportuno mostrar, resumidamente, a essência da “nova teologia”.

### *O Princípio Simples de uma Heresia Completa*

O sacerdote e teólogo alemão Johannes Dörmann, em seu melhor livro, *A Estranha Teologia de João Paulo II e o Espírito de Assis*<sup>3</sup>, escreve:

“A ‘nova teologia’ se apresenta com várias faces, mas é simples em seu princípio e por ele podem agrupar-se suas múltiplas formas sob o mesmo nome. Suas múltiplas formas têm em comum o fato de rechaçar a teologia tradicional.”<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Ver o número anterior de *Sim Sim Não Não*.

<sup>2</sup> *A Influência do Agnosticismo Judeu no Meio Cristão*.

<sup>3</sup> Atualmente só existe uma tradução francesa, das Edições Fideliter, Estrada do Waldeck, 57230, Eguelshardt, França.

<sup>4</sup> P. 55.

O autor explica de forma concisa e eficaz o que significa, para o último Concílio, “rechaçar a teologia tradicional” — o Concílio considerou um dever, por motivos *pastorais*, renunciar à linguagem escolástica:

“É claro que os principais teólogos viram que toda a questão da teologia e da fé estava na questão da linguagem. Pois *a linguagem escolástica estava indissolivelmente ligada à filosofia escolástica, e esta, à teologia escolástica, e finalmente esta à Tradição dogmática da Igreja.*”<sup>5</sup>

Por conseguinte a renúncia à linguagem escolástica conduziria, em última análise, ao adeus à Tradição divino-apostólica guardada fielmente pela Igreja.

“O abandono da linguagem da escolástica pelos Padres”, escreve Dörmann, “era para eles [os teólogos dirigentes do Concílio] a condição *sine qua non* da ruptura com a antiguidade dogmática, para que pudessem colocar em seu lugar a ‘nova teologia’, depois de deixar de usar a ‘antiga’ e se despedir dela.”<sup>6</sup>

## ***A Utopia***

Mas como se chegou ao abandono da teologia tradicional, ou seja, da teologia católica, ligada indissolivelmente à Tradição dogmática da Igreja? Com “esta simples e sedutora idéia: uma ‘nova teologia’ adaptada ao caráter científico moderno e à imagem moderna do mundo e da história”<sup>7</sup>. Em outras palavras, com a velha e sempre renascente utopia da Igreja reconciliada com o “mundo moderno”, aberta ao pensamento filosófico moderno, com o qual Pio

---

<sup>5</sup> P. 52.

<sup>6</sup> P. 53.

<sup>7</sup> P. 55.



IX<sup>8</sup> declarou que a Igreja não pode nem deve reconciliar-se, em vista de seu caráter essencialmente anticristão:

“Os homens (modernos) em geral desconhecem a verdade e os bens sobrenaturais e pensam poder satisfazer-se somente com a razão humana e com a ordem natural das coisas e assim poder alcançar sua própria perfeição e felicidade.”<sup>9</sup>

Continua Dörman: “Para os membros da ‘nova teologia’ o *aggiornamento* significava o resultado da abertura da Igreja ao pensamento moderno [indiferente à verdade e aos bens sobrenaturais], para chegar a uma teologia totalmente diferente, da qual deveria resultar o nascimento de uma nova Igreja [secularizada], adaptada à sua época.”<sup>10</sup> É exatamente a utopia do modernismo. Escrevia o Pe. Garrigou-Lagrange O.P.: “Para onde vai a nova teologia? Volta ao modernismo.”

De fato, escavando mais fundo sob o princípio da nova teologia, encontramos a mesma perversão da noção de verdade, que está na base do modernismo: “A verdade não é mais imutável do que o homem mesmo, pois evolui com ele, nele e por ele.”<sup>11</sup> Razão por que o Pe. Garrigou-Lagrange O.P., que não profetizava, mas simplesmente tirava conclusões lógicas, escrevia em 1946:

“Para onde vai esta nova teologia com os novos mestres que a inspiram? Por onde senão pela via do cepticismo, da fantasia e da heresia?”<sup>12</sup>

---

<sup>8</sup> Cf. *Syllabus*, proposição nº 80.

<sup>9</sup> Vaticano I, esquema preparatório de doutrina católica.

<sup>10</sup> P. 54.

<sup>11</sup> São Pio X, decreto *Lamentabili*, proposição condenada nº 58.

<sup>12</sup> “*La Nouvelle Théologie, où va-t-elle?*”, *Angelicum* 23, 1946, pp. 136-154.

## *Uma Utopia Culpável*

As tentativas de conciliar a Igreja com o “mundo moderno” (ou seja, com a filosofia moderna subjetivista e imanentista e a “cultura” imbuída de subjetivismo e de imanentismo que dela emana) não são uma utopia inocente. O Magistério dos Romanos Pontífices fechou repetidamente o caminho a tal tentativa, especialmente o de Gregório XVI (*Mirari vos*, 1832), o de Pio IX (*Syllabus*, 1864), o de São Pio X (*Pascendi*, 1907) e, às portas do último Concílio, o de Pio XII (*Humani Generis*, 1950). Com esta última Encíclica, desprezada e depois desaprovada e enterrada por aqueles que ela condenava, Pio XII chamava a atenção para o clima que precedia o Concílio, mostrando “com ansiedade” e clareza os perigos da “nova teologia”, que, procurando seus fundamentos fora da filosofia perene, põe em perigo todo o edifício do dogma católico. Pio XII, sobretudo, não deixa de assinalar o desprezo do Magistério que mostra tal atitude:

“[...] a razão só poderá funcionar de modo correto e seguro se houver sido devidamente formada; quer dizer, quando estiver imbuída daquela sã filosofia que recebemos como patrimônio legado pelas gerações cristãs do passado, há tanto tempo constituída, tendo alcançado este grau superior de autoridade justamente porque *o próprio magistério da Igreja submeteu suas principais afirmações, descobertas e definidas pouco a pouco por grandes pensadores, às normas da revelação divina*. Esta filosofia, reconhecida e aceita pela Igreja, defende o autêntico e exato valor do conhecimento humano, os princípios metafísicos inquestionáveis — a saber, os de razão suficiente, de causalidade e finalidade — e, finalmente, a capacidade de alcançar a verdade certa e imutável.

Nesta filosofia, certamente são expostas muitas coisas que nem direta nem indiretamente tocam as matérias de fé e de costumes e que, portanto, a Igreja deixa à livre discussão

dos entendidos; *mas em muitas outras coisas não há a mesma liberdade, especialmente quanto aos princípios e certos principais de que acima falamos* [valor do conhecimento humano, princípios básicos da metafísica etc.] [...].

Nem a verdade nem sua exposição filosófica podem estar sendo trocadas cada dia, principalmente quando se trata dos princípios por si evidentes para a mente humana, ou das doutrinas que se apóiam na sabedoria dos séculos, *em conformidade e com o apoio da divina Revelação* [...].

Por isto, é lamentável que *uma filosofia aceita e reconhecida pela Igreja seja hoje desprezada por alguns e imprudentemente chamada de antiquada* em sua forma e racionalista, como dizem eles, em seus procedimentos [...].

Entretanto, enquanto desprezam esta filosofia, exaltam outras, antigas ou modernas, do Oriente ou do Ocidente, com o que parecem insinuar que qualquer filosofia ou pensamento pode, com algumas correções, se necessário, conciliar-se com o dogma católico. Mas isto é absolutamente falso, principalmente em se tratando de sistemas como o imanentismo, o idealismo ou o materialismo, histórico ou dialético, ou ainda o existencialismo, quando ateu ou, pelo menos, quando se opõe ao valor do raciocínio metafísico.

Não teríamos de lamentar esses desvios da verdade *se todos escutassem o magistério da Igreja com o respeito que lhe é devido, mesmo em matéria filosófica*. A ele incumbe, por instituição divina, não somente cuidar e interpretar o depósito da verdade divinamente revelada *mas também vigiar acerca dos assuntos filosóficos, para que os dogmas católicos não sofram nenhum dano ocasionado pelas falsas doutrinas.*”

Vemos aqui confirmado o que repetimos e provamos há vários anos: apesar de serem membros da hierarquia católica, os neomodernistas desobedecem ao Magistério constante e, portanto, infalível da Igreja, e a “obediência” que impuseram ao novo curso eclesial inclui a obrigação de desobedecer à Igreja.

### ***Verdadeira e Falsa “Restauração”***

Do que foi dito acima segue que a verdadeira restauração deverá ocorrer no caminho inverso ao que trouxe a ruptura com a Tradição doutrinal da Igreja: retorno à filosofia perene, e portanto à teologia escolástica e à tradição dogmática da Igreja, em obediência às diretivas constantes do Magistério pontifício. Os neomodernistas fiéis à “linha” de De Lubac e von Balthasar hoje se apresentam como “moderados” e até “restauradores”, mas absolutamente não pretendem repudiar a “nova teologia”, da qual, queiram ou não, é filha a crise que a Igreja vive em nossos dias. Em dezembro de 1991 dizia, seguro de si mesmo, o Pe. Henrici S.J. a *30 Jours*:

“Nossa linha é a do extremo centro. *Nem atenção excessiva [sic] ao Magistério* nem contestação. Nem direita nem esquerda. Apego à tradição [que, na linguagem de De Lubac e dos ‘novos’ teólogos, não é — como veremos — a Tradição dogmática da Igreja], na linha da nova teologia de Lyon [sede de De Lubac e de ‘outros padres fundadores’], que ensina a não oposição [leia-se identificação] entre natural e sobrenatural, entre fé e cultura, e que se tornou a teologia oficial do Vaticano II.”

“Nova teologia” que, em *Humani Generis*, Pio XII havia condenado como uma reunião de “falsas opiniões que ameaçam destruir os fundamentos da doutrina católica”! É pois necessário saber o que há por trás dessa “moderação” dos neomodernistas do “extremo centro, sim, mas sempre neomodernistas.

“A Igreja exige que os futuros sacerdotes sejam formados nas matérias filosóficas, ‘segundo o método, a doutrina e os princípios do Doutor Angélico’ (CIC, Cânon 1366, 2), pois ela sabe muito bem, pela experiência de muitos séculos,

que o método e o sistema do Aquinate é muito importante tanto para a instrução dos principiantes como para a investigação das verdades mais escondidas; que sua doutrina ressoa em uníssono com a Revelação divina e é muito eficaz para assegurar os fundamentos da fé e obter com proveito e segurança os frutos de um sã progresso (AAS 38, 1946, 387).”<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Pio XII, *Humani Generis*.



### III

## A “NOVA” FILOSOFIA DE MAURICE BLONDEL

PASSAMOS, AGORA, AOS “santos padres” da “nova teologia”.

O abandono da filosofia escolástica foi o primeiro passo da “nova teologia” para se libertar da teologia católica tradicional e, assim, da tradição dogmática, como vimos em nosso último número. Não é por acaso que Urs von Balthasar, sustentando que “o inferno existe, mas está vazio”, se apóia, entre outros, em Maurice Blondel. Se este filósofo, por despeito de seus “amigos”, ocupa um lugar bem modesto na história da filosofia, em compensação ocupa um lugar muito importante na história do neomodernismo ou da “nova teologia”.

### *Uma Filosofia Fantasma*

Tendo nascido em Dijon, em 1861, e morrido em 5 de junho de 1949 em Aix-en-Provence, cidade onde ensinou filosofia durante trinta anos, Maurice Blondel foi, até o fim de seus dias, objeto de longa polêmica, que sua atitude fugaz e insaciável só fazia entreter. Essa atitude, tipicamente modernista, foi assim estigmatizada pelo padre de Tonquedec O.P., no *Dictionnaire Apologétique de la Foi Catholique*:

“Dei-me conta de que, apesar dos esforços para dar ao debate [com Blondel] uma base documentária tão grande quanto possível, ele só terminaria se o público tivesse sob os olhos as próprias obras de Blondel. Infelizmente isso é

impossível. As obras de M. Blondel [que de Tonquedec possuía e citava largamente] esgotaram-se há muito tempo nas livrarias; as brochuras onde ele reuniu seus mais importantes artigos nunca foram comercializadas. Com isso a doutrina contida nesses escritos se acha numa condição singular: *objeto de explicações, de retificações, de discussões sem fim, sustentada por uma ativa e ardorosa propaganda, é inacessível em seu texto original. A muitos dá a impressão de algo incompreensível e fugaz, cujo aspecto se modifica segundo o momento e as circunstâncias.* Poucas pessoas, ainda entre as que, por profissão, estudam a filosofia religiosa, são capazes de controlar os dizeres do autor e de seus amigos sobre o sentido e o conteúdo de seus escritos.”<sup>1</sup>

### ***Sistemas Modernistas***

Não é difícil saber quem eram os “amigos” de Blondel: o Pe. De Lubac e sua “turma”: Bouillard, Fessard, von Balthasar, Auguste Valensin etc.; ou seja, os fundadores da “nova teologia”, condenada por Pio XII na *Humani Generis*, e hoje — como reconhece o Pe. Henrici S.J. — elevada ao plano de teologia oficial do Vaticano II<sup>2</sup>.

No mesmo *Dictionnaire Apologétique de la Foi Catholique* citado acima, junto da crítica antiblondeliana, densa e documentada, do dominicano Tonquedec, publicou-se outro estudo<sup>3</sup>, do jesuíta Auguste Valensin (da “turma” de De Lubac), que tomava a defesa de Blondel (sinal da confusão que reinava então sobre a real posição de Blondel). Valensin S.J. começava a dispensar qualquer documentação pelo motivo seguinte:

---

<sup>1</sup> Verbete “Milagre”, “nota adicional sobre a interpretação dos escritos de M. Blondel”.

<sup>2</sup> Cf. *Sim Sim Não Não*, novembro de 1993.

<sup>3</sup> Verbete “Imanência”.



“Na exposição que se segue não haverá, por assim dizer, citações [das obras de Blondel]; as poucas frases postas entre aspas não são absolutamente literais; modificou-se o tempo de um verbo ou se suprimiu alguma palavra para adaptá-la ao contexto — e o uso que se faz é apenas literário. Esta exclusão é sistemática: uma citação destacada de seu quadro não poderia provar nada, só poderia servir de apoio para uma interpretação duvidosa, carente de certeza.”

Por isso o padre de Tonquedec, que, pelo contrário, fundava sua crítica em numerosas citações de Blondel, replicava justamente:

“É certamente possível falsificar o espírito de um texto que se cita, mas todos concordarão que *é ainda mais fácil fazê-lo quando não o citam*. Um documento resiste, por sua simples presença, a certas interpretações. Estar sempre em contato visível com ele é, sem dúvida, a melhor garantia contra o erro *e a suprema honestidade* de um crítico para com seu autor e seus leitores.”<sup>4</sup>

### ***Sob o Pretexto Apologético, a Ruína do Dogma Católico***

Na realidade os “amigos” de Blondel — De Lubac e sua “turma” — tinham seus motivos para deixar confusa a filosofia daquele que, na sua opinião, deveria ter sido o fundador da “nova filosofia cristã”.

Blondel apresentava sua filosofia como um método apologético para conquistar o “homem moderno” :

“As provas clássicas [da credibilidade do dogma católico]”, escrevia ele, “escapam a nossos espíritos penetrados de positivismo e de kantismo (elas supõem uma filosofia objetiva). Ora, quando se quer salvar as almas, é preciso procurar onde elas habitam, e, se elas caíram no subjetivismo, é no subjetivismo que é preciso buscá-las.”<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> *Op. cit.*

<sup>5</sup> *L'Action*.

A infelicidade, entretanto, era que, se a apologética clássica supunha e supõe ainda uma filosofia objetiva, a nova “apologética” de Blondel supunha, ao contrário, uma filosofia subjetivista e imanentista, típica do protestantismo e do modernismo e já condenada por São Pio X na *Pascendi*, por suas conseqüências ruinosas para o dogma católico.

Quando Blondel afirma<sup>6</sup> que se recolhe a verdade do catolicismo mais com a vontade e a experiência do que com a inteligência (a fé “não passa do espírito ao coração”, mas, ao contrário, passaria do coração ao espírito), ele se move no domínio do agnosticismo ou cepticismo religioso, que é a base do modernismo e que leva os modernistas a exaltar a “experiência” religiosa, que, somente ela, tornaria o homem certo da existência de Deus (pseudomisticismo que atinge a maior parte dos “movimentos eclesiais” de hoje). E, de fato, para Blondel a tarefa da apologética não é produzir argumentos racionais sobre a existência de Deus e sobre a credibilidade do Cristianismo, mas sim levar o incrédulo a fazer uma “experiência efetiva” do catolicismo, levar aquele que ainda não tem fé a “agir como se a tivesse”<sup>7</sup>, em suma, a fazer a “experiência” do divino; o que é exatamente a apologética modernista condenada por São Pio X na *Pascendi*.

E ainda: quando Blondel afirma que o sobrenatural é uma exigência da natureza humana, porque “nada pode entrar no homem *que não venha dele* e não corresponda, de algum modo, à sua necessidade de expansão”, ele se move no imanentismo (Spinoza, Kant etc.), para o qual o espírito humano é a realidade a que tudo volta; imanentismo que é a essência do modernismo, porque

---

<sup>6</sup> *L'Action*, p. 402.

<sup>7</sup> *Idem*.

“o fundo do modernismo é este: a alma religiosa não tira de nenhuma outra fonte senão de si mesma o objeto e o motivo de sua própria fé”<sup>8</sup>. Na prática, seria dizer que não houve na história nenhuma revelação divina externa e que Nosso Senhor Jesus Cristo teria sido somente, para falar como Renan, a consciência mais sublime da humanidade, mas não Deus.

### *A Nova “Filosofia Cristã”*

Em suma, Blondel foi procurar realmente o “homem moderno” (identificado com o filósofo moderno), adoentado pelo cepticismo e pelo subjetivismo, não para tirá-lo de seus graves erros, mas para deixá-lo atolar-se neles. E essa nova “filosofia cristã”, no pensamento de Blondel, e ainda mais nas intenções de seus “amigos” da “nova teologia”, teria de suplantar a “filosofia perene” da Igreja Católica, esta filosofia objetiva do real que, fixada lentamente e através dos tempos pelos maiores espíritos filosóficos da humanidade, atingiu seu cume com Santo Tomás de Aquino.

Na encíclica *Humani Generis* (1950), Pio XII lembrará ainda uma vez, contra os “novos teólogos”, a importância fundamental que a Igreja reconhece a essa filosofia, até para evitar desvios no dogma. De fato, como escreve uma inteligência lúcida contemporânea, “não é por acaso que a Igreja está ligada à filosofia grega”, ao contrário, pois “a filosofia grega é aquela do senso comum, do realismo, da inteligência humana fiel à sua essência”, e por isso, “cada vez que ela é repudiada, pagam-se as conseqüências”. E de fato hoje, quando “o Concílio abandonou [...] esse realismo sempre protegido pela Igreja” e rompeu “essa solidariedade entre o realismo sobrenatural da fé e o

---

<sup>8</sup> R. Amerio, *Iota Unum*, NEL, p. 42, nota 17.

realismo natural da inteligência humana que durou mais ou menos dois milênios”, e que “com diversas peripécias constituiu o eixo do cristianismo e o pivô da Igreja instituída como depositária e guardiã vigilante da fé, da inteligência e dos costumes”, vimos e vemos “derramar-se na jarra vazia [...] o vento de todas as tempestades da subjetividade humana”<sup>9</sup>.

### *O Alarme*

Foi assim que o padre Auguste Valensin S.J., ao tomar a defesa de Blondel, tinha suas razões para se dispensar de citar passagens desses textos e para “adaptar” oportunamente as raras frases mencionadas. Por exemplo, a afirmação de Blondel de que “nada pode entrar no homem que *não venha dele* e não corresponda, de algum modo, à sua necessidade de expansão” torna-se, na defesa do padre A. Valensin: “nada pode entrar no homem que não corresponda de qualquer modo à sua necessidade de expansão”<sup>10</sup>. A eliminação de “que não venha dele” servia claramente para evitar a Blondel a acusação de imanentismo e subjetivismo.

Os erros de Blondel, entretanto, chamaram a atenção dos grandes teólogos tomistas (Tonquedec, Labourdette, Garrigou-Lagrange etc.), aos quais se uniu num segundo tempo o jesuíta Charles Boyer. Eles deram um grito de alarme, refutando os erros da nova “filosofia cristã”, e indicando-lhe as ruinosas conseqüências para o dogma e a oposição essencial com o Magistério infalível da Igreja

Hoje, “os que pensam que venceram” pretendem reduzir esta polêmica, de importância vital para a Igreja, a uma mesquinha questão pessoal. Não foi assim. As refutações luminosas de Tonquedec, de Labourdette, do

---

<sup>9</sup> Marcel de Corte, *L'Intelligence en péril de mort*, Prefácio da 1ª edição.

<sup>10</sup> *Dic. Apol., cit.*, col. 581.

Pe. Garrigou-Lagrange testemunham o contrário, e a crise atual da Igreja está aí para demonstrar claramente a clarividência desses nobres espíritos.

### *O Pivô da Questão*

O erro capital de Blondel, que se torna o pivô de toda a questão agitada na Igreja pelos modernistas, é exposto clara e sinteticamente pelo Pe. Garrigou-Lagrange: “O Sr. Maurice Blondel escrevia nos *Anais de Filosofia Cristã* de 15 de junho de 1906, p. 235: ‘A abstrata e quimérica *adequatio rei et intellectus* [conformidade do espírito com o objeto conhecido] é substituída pela procura metódica desse direito — a *adequatio realis mentis et vitae* [a adequação da inteligência à vida]’.” Essa proposição — observa o ilustre teólogo dominicano — é justamente a proposição “extraída da filosofia da ação, condenada pelo Santo Ofício em 1º de dezembro de 1924: ‘A verdade não se acha em nenhum ato particular da inteligência, na qual se teria, segundo a expressão dos escolásticos, a conformidade com o objeto [*conformitas cum objecto*], mas ela está sempre em evolução e consiste numa adequação progressiva entre a inteligência e a vida [*in adaequatione progressiva intellectus et vitae*], a saber, num movimento perpétuo, pelo qual a inteligência se esforça em desenvolver e explicar o que engendra a experiência ou o que exige a ação, de tal sorte que, em qualquer desenvolvimento interrompido, jamais se possa obter um resultado definitivo e imutável”<sup>11</sup>.

É o retorno ao erro fundamental do modernismo: “A verdade não é mais imutável que o próprio homem, pois ela evolui com ele, nele e por ele.”<sup>12</sup> De onde Pio X escrevia dos modernistas: “Eles pervertem a noção eterna da verdade.”<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> “*La Nouvelle Théologie, où va-t-elle?*”, *Angelicum* 23, 1946.

<sup>12</sup> Dz. 2058.

<sup>13</sup> Dz. 2080.

“Não é sem uma grande responsabilidade”, escrevia ainda o Pe. Garrigou-Lagrange, “que chamam ‘quimérica’ a definição tradicional da verdade admitida há séculos na Igreja, e que se fale em ‘substituir’ outra, em todos os domínios, incluído o da fé teologal”, porque “um erro quanto à noção primeira da verdade provoca um erro em tudo o mais.”<sup>14</sup>

Na mesma época (1946) o grande teólogo dominicano, numa carta pessoal, suplicava a Blondel que “retificasse antes de morrer sua definição da verdade, se não quisesse passar muito tempo no purgatório”<sup>15</sup>. Um dos frutos mais amargos do erro capital de Blondel é o que se chama hoje a “tradição viva”, que carece da indispensável ligação lógica com o que a Igreja sempre acreditou e ensinou desde suas origens porque, dizem, até no progresso dogmático, no aprofundamento da Verdade revelada, não há “nunca nada determinado nem fixo”<sup>16</sup>.

### ***As “Hesitações” de Blondel***

O Pe. de Tonquedec já sublinhara, em 1924<sup>17</sup>, a “semelhança impressionante” entre o pensamento de Blondel e algumas teses condenadas por São Pio X na *Pascendi*. Essa semelhança — escrevia ele — “existe até nos termos empregados por uma e outra parte, e essa coincidência provavelmente não é casual”. Para o Pe. Tonquedec, Blondel evitava o anátema pessoal e caracterizava-se por “imprecisões de pensamento”, por “hesitações”, por “contradições” que apareciam em seus escritos.

---

<sup>14</sup> *Id.*

<sup>15</sup> *Centre d’Archives Maurice Blondel – Journée d’inauguration*, 30-31 de março de 1973, Textos das Intervenções.

<sup>16</sup> *Si Si No No*, ed. francesa, de janeiro de 1992: *L’Éloge du Père Henri de Lubac*.

<sup>17</sup> *Dic. Apol., cit.*, col. 601.

Blondel estava, ao menos, de boa-fé? O Pe. Tonquedec tinha boas razões para duvidar; veja-se, por exemplo, a deformação que Blondel operava no pensamento de Santo Tomás para lhe fazer dizer exatamente o contrário do que diz<sup>18</sup>, o “abuso” de “negações sumárias e categóricas” invariavelmente opostas por Blondel aos críticos, com provas de apoio em seus contraditores, sua maneira de se refugiar atrás de um “você não me compreenderam”, suas repetidas tentativas de “explicar” seu próprio pensamento para sustentar em seguida, gratuitamente, que ele nunca esteve em oposição com a ortodoxia católica etc.<sup>19</sup> Na realidade, Blondel passou toda a sua vida tentando “explicar” seu pensamento num sentido ortodoxo, de modo que até hoje se emitem os juízos mais contraditórios sobre ele. Se alguns opositores acabaram acreditando, ao menos, na sinceridade das “explicações” de Blondel, os críticos mais prudentes e mais informados não se desarmaram.

Assim, *L’Ami du Clergé*<sup>20</sup> escrevia:

“*La Pensée, L’Être et les êtres* são apenas a renovação do que escreveu em *Action*. M. Blondel pôde modificar para melhor, ou mesmo rever certos detalhes, assinalar úteis constatações psicológicas, fazer oportunas declarações de ortodoxia. No fundo, *ele não mudou em nada a sua doutrina*. Dizemos isso francamente e sem animosidade, porque, para retomar uma palavra que ele aprecia: *assim é.*”

O Pe. de Tonquedec e o Pe. Descops tinham a mesma opinião:

“Foi-me impossível, para meu desgosto, aceitar a interpretação atual que M. Blondel dá de suas obras. Sua

---

<sup>18</sup> *Ibid.*, nota 3.

<sup>19</sup> *Ibid.*, col. 611, 612.

<sup>20</sup> 4 de março de 1937, p. 155.

exegese parece-me, com efeito, violenta, arbitrária, inspirada pela preocupação, muito honrosa sem dúvida, mas algo frenética, de defender a ortodoxia de seus textos. O desacordo entre antigamente e hoje em dia não incide somente sobre palavras e detalhes, mas sobre as linhas básicas do pensamento.

Há em *L’Action, Lettre sur l’Apologétique* etc. muita coisa além de uma ‘apologética do limiar’. Há uma filosofia geral, uma teoria do conhecimento, uma metafísica, uma lógica, fragmentos de teologia etc., impossíveis de reduzir àquela. Nenhum dos que leram inteiramente os escritos de M. Blondel poderá aceitar essa equivalência, ainda que fosse sob a palavra do autor. Até essa ‘apologética do limiar’ — a qual tenho o prazer de dizer que aceito inteiramente, *sob a forma que lhe deu Auguste Valensin* — já não apresenta o mesmo aspecto ao ser considerada em função do restante da doutrina. Ela é intrinsecamente transformada, radicalmente transposta, consoante a isolemos ou a aproximemos de uma filosofia de que ela não está na origem nem no fim, e que dá um sentido especial à mais tranqüila de suas fórmulas. Essa filosofia, muito nova, muito audaciosa, muito exclusiva, compreende uma parte negativa, das mais acentuadas, que não se pode excluir sem que o conjunto sofra alteração.”<sup>21</sup>

Por sua vez, o Pe. Garrigou-Lagrange escrevia acerca da nova noção de verdade sustentada por Blondel:

“Talvez as últimas obras de M. Blondel corrijam esse desvio? Vimos que não o podemos afirmar.”<sup>22</sup>

### ***As “Confissões” d’Os Que Venceram***

Os críticos tenazes de Blondel não se enganavam. Os “novos teólogos” nos oferecem hoje a confirmação e a

---

<sup>21</sup> *Dic. Apol., cit.*

<sup>22</sup> “*La Nouvelle Théologie, où va-t-elle?*”.



chave do comportamento laudatório do pai da “nova filosofia cristã”:

“Depois de *L’Action*, de 1893, e de *Lettre*, de 1896, Blondel foi muitas vezes acusado de ‘modernismo’ pelos polemistas que confundiam tudo [*sic*], e ele multiplicava as precauções, guardando silêncio ou refugiando-se sempre nos artigos de temas históricos. Aliás, para responder a seus detratores, Blondel oferece sempre uma interpretação fraca, mínima de suas obras.”<sup>23</sup>

Pela correspondência Blondel/De Lubac, ficamos sabendo que, em 20 de dezembro de 1931, Blondel perguntava a De Lubac se alguma de suas teses “ultrapassava a medida”. De Lubac responde, em 3 de abril de 1932, com uma reprovação em “sentido contrário”: o pai da “nova teologia” atrapalha-se demasiadamente com os teólogos que o criticam e o obrigam a “tantas explicações”. Isso impede o “livre desenvolvimento” de seu pensamento, que é “bastante católico para precisar cobrir-se de excessiva timidez”. Continua De Lubac:

“Se admiro o cuidado minucioso que você toma em criticar-se, fico um pouco triste ao pensar que esse trabalho atrasa talvez as obras mais importantes que esperamos com tanta impaciência...”<sup>24</sup>

Encantado pela flauta mágica de seu “amigo”, Blondel toma coragem e, na resposta de 5 de abril de 1932, confessa:

“Quando, há mais de quarenta anos, abordei problemas para os quais não estava preparado o suficiente, reinava um extrinsequismo [= tomismo, filosofia perene] intransigente, e, se eu tivesse dito já naquela época o que o senhor deseja, ter-

---

<sup>23</sup> *Centre d’Archives Maurice Blondel*, p. 50.

<sup>24</sup> H. de Lubac, *Mémoire autour de mes œuvres*, Jaca Book, p. 21.

*me-ia achado temerário e teria comprometido todo o esforço empenhado, toda a causa por defender, afrontando censuras que seriam inevitáveis e certamente causariam atrasos. Era preciso deixar o tempo amadurecer-me o pensamento e amansar os espíritos rebeldes. A lentidão que o senhor reclama é, desse duplo ponto de vista, desculpável. E, antes de avançar para teses discutíveis, eu precisava discernir o essencial despercebido, o incontestável que se contestava então: donde a necessidade de aceitar os modelos tradicionais (tradição recente, aliás, mas que se tornou escolar) e de me adaptar à perspectiva costumeira, ao menos como ponto de partida de uma renovação, de um aprofundamento interior. O senhor conhece as dificuldades, os riscos — que não desapareceram — em meio aos quais persegui um plano que se tornaria ainda mais oneroso pelas dificuldades de saúde, pelas tarefas profissionais ou pelos conselhos de prudência e de espera que me eram manifestados. Logo, não sou de todo responsável pela demora ou timidez que o senhor deplora como ‘filho’ de uma nova geração e mestre de uma ciência teológica que eu sempre estive longe de possuir.”<sup>25</sup>*

Desse modo, Blondel, com um sistema típico dos modernistas, escondia voluntariamente seu pensamento para permanecer oficialmente na Igreja e “renová-la” desde dentro. Há nessa correspondência Blondel/De Lubac todo o modernismo (e seu prolongamento histórico, o neomodernismo) com suas manobras subterrâneas para não sofrer censuras que o teriam irremediavelmente comprometido, dada a sua obstinada surdez a qualquer crítica e a qualquer lembrança da ordem. As cartas (que não eram “ameaçadoras”, mas simplesmente caridosas) por meio das quais Garrigou-Lagrange tentou até o fim pôr Blondel em face de suas

---

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 182.

próprias responsabilidades, “em vez de produzir o efeito esperado, são dadas a De Lubac e utilizadas por ele, e postas em circulação sob forma confidencial, para desacreditar o autor”<sup>26</sup>.

Para sua infelicidade, Blondel encontrara De Lubac e sua turma, que lhe viam na nova “filosofia cristã” a base de sua nova “teologia católica”. E em Roma ele poderá contar com a simpatia do substituto da Secretaria de Estado, Monsenhor Montini. Mas falaremos disso adiante.

---

<sup>26</sup> A. Russo, *H. de Lubac:– Théologie e dogme de l’Histoire. L’Influence de Blondel*, ed. Studium Roma, p. 334.



## IV

### HENRI DE LUBAC S.J., UM “MESTRE” QUE NUNCA FOI DISCÍPULO

#### *INCLINAÇÕES “LIBERAIS” E DEFORMAÇÃO TEOLÓGICA*

Chegamos ao jesuíta Henri de Lubac, pai da “nova teologia”.

Partiremos de sua formação filosófico-teológica, porque ela mostra o clima de desprezo pela autoridade e pela orientação da Roma católica em que amadureceu a crise atual da Igreja. Para lutar contra a agressão dos modernistas, São Pio X tinha mandado que se afastassem dos seminários e das casas de formação de religiosos os professores suspeitos e que fossem excluídos das ordenações os “jovens que demonstrassem o menor sinal de apego às doutrinas condenadas e às novidades perniciosas”<sup>1</sup>.

De acordo com essas diretivas, o jovem De Lubac nunca deveria ter sido ordenado. Foi ele mesmo que, em sua obra *Memória em Torno de Minhas Obras*<sup>2</sup>, reconheceu suas simpatias pelo liberalismo católico, condenado de modo repetido pelos Pontífices Romanos, simpatias que o predispuseram a “correr atrás dos sistemas e das tendências turbulentas do pensamento moderno”<sup>3</sup>.

De Lubac escreveu, por exemplo, do Cardeal Couillé: “por mim aureolado, desde minha adolescência, por causa

---

<sup>1</sup> *Motu Proprio* de 18 de novembro de 1907.

<sup>2</sup> Milão, Jaca Book.

<sup>3</sup> Pe. Parente, *La Théologie*, ed. Studium.

da lembrança de Mons. Dupanloup, de quem ele foi colaborador”. Mons. Dupanloup, o “herói”, ou antes o “santo”, de De Lubac adolescente, foi uma figura marcante da corrente liberal no Concílio Vaticano I, e deixou este Concílio antes de sua conclusão, para não assistir à proclamação da infalibilidade pontifical, a que ele se opunha. Ao contrário de Mons. Lavallée, reitor das Faculdades Católicas de Lyon, de quem De Lubac escreveu: “O que me preocupou sempre um pouquinho nele foi... sua reputação de tradicionalista extremo.”<sup>4</sup> Esse horror ao “integrismo” e aos “integristas” não deixou nunca De Lubac até o fim de seus dias, como veremos.

Contra a agressão do modernismo, São Pio X e todos os seus sucessores, até Pio XII, tinham confirmado a obrigação de “seguir religiosamente (*sancte*) a doutrina, o método, os princípios de Santo Tomás”<sup>5</sup>. Mas dessa orientação romana faziam pouco caso ou até não se davam conta nas casas de formação dos jesuítas freqüentadas por De Lubac. Assim, durante seus estudos de filosofia, em Jersey (1920-1923), o jovem De Lubac pôde ler “apaixonadamente” *L’Action, La Lettre* (sobre Apologética) e diversos outros estudos de Maurice Blondel.

“Por uma louvável exceção, alguns de nossos mestres de então, apesar das interdições serem severas, permitiam, sem nos encorajar, que seguíssemos o pensamento do filósofo de Aix.”<sup>6</sup>

E ainda, na página 192:

“Entre os autores de mais fraca envergadura, éramos loucos por Lachelier [que se mete, como Blondel, no

---

<sup>4</sup> P. 5.

<sup>5</sup> São Pio X, *Motu Proprio*, cit.; Pio XII, *Humani Generis*, Direito Canônico (1917), Cânon 1366 nº2.

<sup>6</sup> *Memória*, p. 10.

domínio do kantismo], recomendado pelo Pe. Auguste Valensin mais pelo seu estilo do que por suas idéias [ainda que isto seja verdade, as idéias penetravam também com o estilo]. É preciso lembrar que, nesse tempo, para os escolásticos de filosofia tais leituras eram, para a maioria, um fruto semiproibido. Graças a mestres e conselheiros indulgentes, nunca foram leituras clandestinas.”

E assim o jovem De Lubac, em vez de receber uma séria e sã formação filosófica, base indispensável de uma séria formação teológica, deformou-se, “graças a mestres e conselheiros indulgentes”, com a leitura apaixonante de filósofos viciados de imanentismo e de subjetivismo.

### ***“Mestres” Que Nunca Foram Discípulos***

O prejuízo de tal “formação” é enorme e irreparável:

“Porque a doutrina tradicional de Santo Tomás é a mais forte, a mais luminosa e a mais segura nos seus princípios — é preciso crer na Igreja — é dever munir-se dessa força e dessa luz, *para afastar as teorias arriscadas ou falsas*. Não se faz sempre o contrário? Estuda-se aos trancos uma filosofia ou uma teologia diminuída e sem coesão; em seguida, tem-se contato com Santo Tomás e com a Tradição, mas episodicamente. Esse contato não é uma formação: pior, ele *falsifica* a realização do pensamento escolástico e tradicional. Ora, a Igreja pede uma formação tomista tradicional. Se realmente Santo Tomás é um guia, é a ele que é preciso recorrer, antes e sobretudo; é sua doutrina, pura, que é preciso ensinar na formação teológica; sua leitura, para ser realmente formadora, *não deve vir como um estudo secundário e acessório.*”<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Lavaud, *La Vie spirituelle*, pp. 174 ss, citado por J. B. Aubry, *L'Étude de la Tradition*, p. 100.

Essa carência de uma sólida formação filosófica e teológica é o “defeito de fábrica” que se constata em todos os “novos teólogos”.

Henri Bouillard, veterano da “turma” de De Lubac, por ocasião da inauguração do *Centro de Arquivos Maurice Blondel*<sup>8</sup> ofereceu “o testemunho” seguinte:

“Faço parte desses jovens estudantes de teologia que, em meados de 1930, arrumavam um exemplar fotocopiado de *L’Action* [principal obra de Blondel], livro que não se achava, na época, em livrarias. A obra era suspeita, e sua leitura, sem guia competente, era difícil. Mas, profundamente decepcionados com a filosofia escolástica e com a apologética ensinada nos Seminários [mal ou sem convicção por professores fascinados, também eles, pela ‘filosofia moderna’], procurávamos aí uma iniciação, entre outras, ao pensamento moderno e, mais ainda, o modo, que não achávamos em outro lugar, de compreender e justificar nossa fé.”

Continua Bouillard:

“Mesmo como professor, o conjunto de minhas lições se inspirava largamente no pensamento blondeliano. Outros teólogos [entre os quais seu amigo De Lubac] haviam se engajado, fazia muito tempo, neste caminho, e outros dele se aproximavam. Devo testemunhar não somente o que Blondel me ensinou mas a influência que ele exerceu sobre numerosos teólogos e, através deles, sobre o conjunto da teologia.”<sup>9</sup>

Com razão, então, o Pe. Garrigou-Lagrange escreveu de De Lubac, de Bouillard e de seus companheiros:

---

<sup>8</sup> Louvaina, 30-31 de março de 1973.

<sup>9</sup> *Centre d’Archives Maurice Blondel — Journée d’inauguration, 30-31 de março de 1973; textos das intervenções, p. 41.*



“Não achamos que eles abandonam a doutrina de Santo Tomás; eles nunca aderiram a ela e nunca a compreenderam bem. É doloroso e inquietante.”<sup>10</sup>

Como sempre, os “inovadores”, para falar como Santo Afonso, “querem ser tidos por mestres, sem nunca terem sido discípulos”<sup>11</sup>.

### ***Desprezo por Roma e Falsa Obediência***

Junto com as “novidades”, o jovem De Lubac absorveu, inevitavelmente, o desprezo pela orientação “romana”:

“Entre os contemporâneos que eu segui na época de minha formação, tive uma dívida particular para com Blondel, Maréchal, Rousselot.”<sup>12</sup>

Entretanto, nenhum desses três era visto como ortodoxo, nem pelo Santo Ofício nem pela sede romana da Companhia de Jesus.<sup>13</sup> E De Lubac escreve sobre o jesuíta Pierre Charles: “seu prestígio cresceu [*sic*] a nossos olhos, por causa da semidesgraça em que ele caiu [diante das autoridades romanas], como o padre Huby depois do caso de *Les yeux de la Foi*”, obra de Rousselot que os jesuítas Charles e Huby tentaram muitas vezes publicar, contra a oposição de Roma<sup>14</sup>.

Mais tarde, De Lubac aprendeu a praticar uma real desobediência sob a aparência da mais formal obediência. O padre Podechard, “o mais submisso dos filhos da Igreja”, conta De Lubac, acabava de terminar um curso sobre o *servo de Jahvé*, na Faculdade de Teologia de Lyon.

---

<sup>10</sup> “*La nouvelle théologie où va-t-elle?*”, *Angelicum* 23, 1946.

<sup>11</sup> A. M. Tannoia, *Vita*, L.II, c. LV.

<sup>12</sup> *Op. cit.*

<sup>13</sup> *Ibid.*, pp.13 ss.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 14.

“Disse-lhe que ele deveria escrever um livro e publicá-lo. ‘É impossível’, replicou-me. ‘E por quê?’ ‘Há na base posições críticas que hoje não são admitidas. Sobre essas questões bíblicas, Padre, a Igreja e eu, realmente, não nos entendemos; é preciso então que um dos dois se cale, e é normal que seja eu’.”<sup>15</sup>

Mas isso não impedia o “mais submisso dos filhos da Igreja” de falar sem tais precauções nos seus cursos, propondo aos jovens eclesiais teses que ele sabia desaprovadas pela Igreja.

De Lubac aprenderá a lição e, no seu devido tempo, saberá esconder, ele também, sua real desobediência sob uma submissão formal. Com conhecimento de causa, Pio XII, na *Humani Generis*, escreverá que os “novos teólogos” ensinam o erro “de modo prudente e encoberto”: “Se nos livros impressos falam com prudência, nos escritos transmitidos em particular, nas lições e conferências, se exprimem mais livremente.” Constataremos a mesma coisa, mais adiante, para von Balthasar. E isso explica como o mundo católico, com o Vaticano II, pôde “acordar” modernista sem nem sequer gemer<sup>16</sup>.

### ***A “Simbiose Intelectual” de Blondel***

O primeiro passo da “nova teologia”, para abandonar a tradição dogmática da Igreja, é o abandono da filosofia escolástica. E esse passo, vimos no capítulo precedente, foi dado por Blondel. O segundo passo é o abandono da teologia católica tradicional, e é Henri de Lubac que dele se encarregará.

O “teólogo modernista” — escreveu São Pio X — critica “a Igreja porque, com grande obstinação, ela se

---

<sup>15</sup> P. 17.

<sup>16</sup> Cf. São Jerônimo: “O mundo acordou ariano e gemeu.”

recusa a submeter-se e acomodar seus dogmas às opiniões da filosofia [moderna]”; de seu lado, “tendo posto de lado a antiga teologia”, ele se esforça “para pôr em voga uma novidade, fiel em tudo aos delírios dos filósofos”<sup>17</sup>. Toda teologia, de fato, pressupõe uma filosofia, e a “nova teologia” de De Lubac pressupõe a “nova filosofia” de Blondel.

Em 8 de abril de 1932, Henri de Lubac S.J. escrevia a Blondel que agora era possível “a elaboração de uma [nova] teologia do sobrenatural [...] porque sua obra filosófica [de Blondel] lhe havia preparado os caminhos”<sup>18</sup>. Recentemente, em março de 1991, o *Osservatore Romano* consagrou uma página inteira à apresentação (naturalmente elogiosa) da obra *Henri de Lubac: Théologie et dogme dans l’Histoire. L’influence de Blondel*<sup>19</sup>. O autor, A. Russo, aluno italiano do alemão Walter Kasper (ele também da turma “dos que pensam que venceram”), escreve que a correspondência De Lubac/Blondel “oferece um exemplo de simbiose intelectual que raramente se encontra na história do pensamento”<sup>20</sup>. É, na realidade, uma velha história: os semelhantes se atraem. Inúmeros pontos uniam Blondel e De Lubac: a mesma falta de confiança no valor da razão (antiintelectualismo ou, ainda, gnosticismo ou cepticismo); a mesma falta de vigor intelectual já assinalada pelo Pe. de Tonquedec S.J. em Blondel e que não é difícil mostrar nos escritos de De Lubac; o mesmo complexo de inferioridade em face do “homem moderno” (identificado com o filósofo moderno, doente de cepticismo e de subjetivismo); o mesmo medo de intelectuais, escondido sob a ansiedade apologética de um “apostolado pacificante” (Blondel), “de ficar ou

---

<sup>17</sup> *Pascendi*.

<sup>18</sup> *Op. cit.*, p. 26.

<sup>19</sup> Roma, ed. Studium.

<sup>20</sup> P. 307.

ser expulso” (A. Russo<sup>21</sup>) por uma cultura que recusa o Cristo e sua Igreja, e a miragem correlativa de conciliar a pseudofilosofia moderna com a fé, como São Tomás tinha conciliado com a fé a filosofia de sua época. Blondel e De Lubac não notaram que São Tomás havia saneado uma filosofia fundamentalmente sã, mas que até um pensador da têmpera de São Tomás (Blondel é como um ratinho diante de uma montanha, em relação a ele) não poderia sanar os sofismas dos filósofos modernos. Não há conflito entre a fé e a razão reta<sup>22</sup>, mas há conflito entre a fé e a filosofia moderna, porque esta última anda muito longe da sã razão. Querer “reler” a Fé segundo os critérios da filosofia moderna é dissolver a fé nos erros da filosofia moderna, sem libertar para tanto o “pensamento cristão” (e a nós) do ostracismo a que a cultura moderna o relegou.

Isso toca o erro, que não é suscetível de conversão. Quanto aos que erram, é preciso lembrar que é difícil reconduzir à verdade aqueles que, como os filósofos modernos, se enganam nos princípios<sup>23</sup> e que, em todo caso, aqueles que se enganam nos princípios devem ser corrigidos nos princípios. Supor, ao contrário, esses princípios errados (gnosticismo, subjetivismo etc.) como ponto de partida para uma “nova filosofia cristã” ou então para uma “nova teologia” conduz inevitavelmente a conclusões erradas, uma vez que é impossível tirar conclusões verdadeiras de princípios falsos.

E então a “simbiose intelectual” que houve entre De Lubac e Blondel só poderia conduzir a resultados muito infelizes, e não somente para os dois personagens diretamente interessados.

---

<sup>21</sup> *Op. cit.*

<sup>22</sup> Dz. 1799.

<sup>23</sup> Santo Tomás, II-II, q. 156, a. 3, ad 2m.

### *O Desprezo pelo Magistério Infalível*

De Lubac e Blondel compartilhavam, sobretudo, o mesmo desprezo pelo Magistério infalível. E este desprezo aparece evidente quando se pensa que eles deviam sustentar (ou, mais exatamente, insinuar e difundir mais ou menos clandestinamente, porque não as sustentavam nunca de cara descoberta) suas “novidades” não contra uma escola teológica diferente, numa matéria controversa, mas contra o Magistério da Igreja, numa matéria sobre a qual existiam ensinamentos constantes e condenações repetidas dos Pontífices Romanos.

Quando Blondel e, no rastro de sua “filosofia” De Lubac consideraram o sobrenatural como uma exigência, um aperfeiçoamento necessário da natureza, que sem ele se acharia frustrada nas suas aspirações essenciais e, por isso, num estado anormal, e, em consequência, negavam que se pudesse admitir, ainda que por mera hipótese, um estado de “natureza pura”, eles vinham opor-se à doutrina universal e constante da Igreja sobre a gratuidade do sobrenatural: se o sobrenatural é necessário à natureza, já não é gratuito, mas sim devido, e, se é devido à natureza, já não é sobrenatural, mas... natural, e com efeito o naturalismo é o fundo real do modernismo, como também da “nova teologia”.

A gratuidade do sobrenatural foi constantemente ensinada pela Igreja e defendida por ela contra os erros de Baius e de Lutero, que, como Blondel e De Lubac, diziam seguir a Santo Agostinho. Contra o modernismo, São Pio X tinha assim confirmado a doutrina constante da Igreja:

“Não Nos podemos impedir de deplorar mais uma vez, e com firmeza, que se encontrem católicos [e aqui o Pe. de Tonquedec não podia deixar de pensar em Blondel] que, repudiando a imanência como doutrina, a empregam,

contudo, como método de apologética; que o fazem, digamos Nós, com tão pouca discrição, que parecem admitir na natureza humana, em relação à ordem sobrenatural, não somente uma capacidade e uma conveniência — coisas que, em todos os tempos, os apologetas católicos tiveram o cuidado de pôr em relevo — mas uma verdadeira e rigorosa exigência.”

Assim, na natureza humana, o filósofo, o apologeta, o teólogo católico não podem admitir mais que “uma capacidade ou uma conveniência” (poder de obediência) de receber o sobrenatural. Ultrapassar esses limites é abalar uma pedra fundamental da teologia católica, acarretando em seguida a ruína de todo o resto, como o vemos hoje, no curto caminho que vai do “sobrenatural”, que já não é aquele de Blondel e de De Lubac, à “visão antropológica” e aos “cristãos anônimos” de Karl Rahner, ao indiferentismo religioso ou “ecumenismo”, à importância secundária da Igreja como meio de salvação<sup>24</sup>.

A encíclica *Pascendi* data de 1907. Em 1932, Blondel, com um desprezo evidente pelo Magistério infalível da Igreja, estava ainda chocado ou, como ele diz, “amadurecendo” sua concepção heterodoxa do sobrenatural. Por sua vez, De Lubac, exaltado como modelo de “obediência” e de “fidelidade” à Igreja por ocasião de sua morte<sup>25</sup>, com igual desprezo pelo Magistério, encoraja-o e faz do sobrenatural naturalizado de Blondel o fundamento de sua “nova teologia”.

Do mesmo modo, quando Blondel e De Lubac apresentam e difundem uma “nova” noção de “verdade”, vitalista e evolucionista, eles sabem que essa noção fora

---

<sup>24</sup> *Si Si No No*, ed. francesa, nº 131, pp. 2-7, “O Elogio do Padre Henri de Lubac, um dos Padres do Vaticano II”.

<sup>25</sup> Ver *Si Si No No*, ed. francesa, *cit.*

condenada por São Pio X na *Pascendi*<sup>26</sup> e em seguida pelo Santo Ofício, em 1º de dezembro de 1924, mas continuam imperturbáveis no seu caminho do erro.

### ***Os “Reformadores”***

Na realidade, o que espanta em Blondel e De Lubac é, justamente, sua maneira de se apresentar como critérios indiscutíveis de verdade, contra o Magistério secular da Igreja: sua causa é a causa do “cristianismo autêntico”<sup>27</sup>; eles são os artistas do retorno à “tradição mais autêntica”<sup>28</sup>, aqueles que restituíram a vida à “antiga doutrina”<sup>29</sup>, da qual, segundo eles, o “pensamento cristão” e, necessariamente, o Magistério da Igreja se teriam desviado no curso dos séculos, o que é “uma coisa absurda e a mais ultrajante para a própria Igreja”<sup>30</sup>.

São Pio X, na *Pascendi*, bem descreveu a consciência falsificada dos modernistas, que tiravam do santo Papa toda a esperança em suas possibilidades de arrependimento:

“O que se lhes reprova como uma falta é o que eles vêem, ao contrário, como um dever sagrado... Que a autoridade os repreenda tanto quanto queira, eles têm para si suas consciências... E eles seguem seus caminhos; repreendidos e condenados, vão sempre dissimulando, sob mentiras de submissão exterior, uma audácia sem limites. Curvam hipocritamente a cabeça, enquanto com todos os seus pensamentos, com todas as suas energias perseguem, mais audaciosamente que nunca, o plano traçado. Isto é neles uma vontade e uma tática: porque acham que é preciso

---

<sup>26</sup> Dz. 2058 e 2080.

<sup>27</sup> Blondel a De Lubac, 15 de abril de 1945 e 16 de março de 1946, in A. Russo, *op. cit.*, pp. 307 e 309.

<sup>28</sup> De Lubac in A. Russo, *op. cit.*, p. 373.

<sup>29</sup> *Ibid.*

<sup>30</sup> Gregório XVI, *Mirari vos*.

estimular a autoridade, não destruí-la; e porque lhes importa ficar no seio da Igreja para aí trabalhar e aí modificar pouco a pouco a consciência comum.”

E ainda:

“Essa gente faz maravilhas, porque nós não os contamos no número dos inimigos da Igreja [...]; mas deixemos de lado as intenções, de que somente Deus é juiz, e examinemos suas doutrinas [é o critério objetivo para julgar] e suas maneiras de falar e de agir. Na verdade, aqueles que os consideram como os mais nocivos inimigos da Igreja não se afastam da verdade.”<sup>31</sup>

### ***A Arma do Desprezo e da Difamação***

De Lubac, como Blondel (ver o capítulo anterior), utiliza o sistema dos modernistas para não se revelar excessivamente, a fim de, como disse São Pio X na *Pascendi*, “ficar no seio da Igreja para aí trabalhar e aí modificar pouco a pouco a consciência comum”.

Apesar disto, os grandes teólogos tomistas viram imediatamente o termo aonde iriam conduzir as “novidades” propostas por ele, precavidamente encobertas; e imediatamente o futuro Cardeal Journet, fortalecido por sua formação tomista, assinala que “o Pe. De Lubac já não consegue distinguir a filosofia da teologia”<sup>32</sup> ou, ainda, o natural do sobrenatural, e, adiante, percebe nele um “fideísta”<sup>33</sup>.

Não foi difícil para De Lubac convencer “o excelente” Charles Journet<sup>34</sup>, mas não foi assim com os outros teólogos tomistas. Às suas argumentações De Lubac oporá, então, a arma do desprezo e da difamação.

---

<sup>31</sup> *Ibid.*

<sup>32</sup> *Mémoire, cit.*, p. 7.

<sup>33</sup> *Ibid.* p. 20.

<sup>34</sup> *Ibid.*, pp. 7-20.



Em 1946 o Pe. Garrigou-Lagrange lança sua grave advertência: “Para onde vai a nova teologia? Ela retorna ao modernismo”; “a verdade já não é o que é, mas o em que se torna, e muda sempre”, e isto “conduz ao relativismo completo”<sup>35</sup>. Além disso, numa carta pessoal, o grande teólogo dominicano lembra a Blondel, agora avançado em idade, sua responsabilidade diante de Deus. Em vão. De Lubac “utiliza” a carta para “desacreditar o autor”<sup>36</sup> e intervém prontamente para sossegar o inquieto Blondel:

“A carta que ele [Garrigou-Lagrange] acaba de nos enviar explica-se, ao menos em parte, pelo despeito que sente por ter visto recusado um artigo seu para a própria *Revue Thomiste*. Ele já não é somente o homem limitado que nós sabíamos, mas se torna num verdadeiro maníaco; daqui a alguns meses estará fabricando um espectro de heresia, para se dar a satisfação de salvar a ortodoxia. Recorre ao senso comum, mas é ele que já não tem o senso comum. O que se poderia responder é que o fato de pertencer a uma Ordem que tem por divisa ‘*Veritas*’ não lhe confere nenhum privilégio de infalibilidade [...].

O senhor não é responsável por nenhum dos desvios teológicos que ele imagina.

Neste momento existe um forte impulso integrista, denúncias e tagarelices de todo o gênero confluem ao quarto do Padre Garrigou-Lagrange.”<sup>37</sup>

E, em 28 de julho de 1948, ele voltará a falar de “suas [de Garrigou-Lagrange] idéias simplistas sobre o absoluto da verdade”<sup>38</sup>.

Mas em 17 de setembro de 1946 Pio XII, interferindo pessoalmente na questão, expressiu “idéias simplistas”

---

<sup>35</sup> “*La Nouvelle Théologie...*”, *op. cit.*

<sup>36</sup> A. Russo, *op. cit.*

<sup>37</sup> Citado por A. Russo, *op. cit.*, pp. 354 ss.

<sup>38</sup> *Ibid.*, p. 356.

idênticas às do Pe. Garrigou-Lagrange, idéias que foram sempre as da Igreja sobre o absoluto da verdade. Aos padres da Companhia de Jesus, numa alocução que teve grande repercussão, ele exprimira seu ponto de vista sobre a “nova teologia”, “que deve evoluir como todas as coisas evoluem, estar em progresso sem se fixar nunca (...) Se fosse necessário abraçar tal opinião [advertiu o Santo Padre], que seria dos dogmas imutáveis da Igreja Católica? Que seria da unidade e da estabilidade da fé?”<sup>39</sup>

A advertência caíra no vazio. E igualmente cairá, para De Lubac (nesse tempo Blondel já estava morto), a encíclica *Humani Generis* (1950), que repete a imutabilidade da verdade e condena a “nova teologia do sobrenatural”, de De Lubac:

“Ela me parece — escreve este sobre a grande Encíclica — como muitos outros documentos eclesiásticos, muito unilateral; o que não me espantou: é um pouco a lei do gênero. Mas nada vi que me tenha atingido.”<sup>40</sup>

E às críticas vigorosas e luminosas de seus grandes adversários (Garrigou-Lagrange, Labourdette, Cordovan, Boyer etc.) ele continuará a responder com o desprezo e a difamação. Escreve ele a seu provincial em 1 de julho de 1950: “Fui atacado por alguns teólogos, é verdade, em geral pouco estimados [*sic*] por causa de sua ignorância notória [*sic*] da tradição católica ou por qualquer outro motivo.”<sup>41</sup> Adiante fala de “críticos obstinados de um grupo enfurecido” (é o sistema sempre utilizado pelos “que pensam que venceram”; ver a caricatura, tão injuriosa quanto injusta, do Pe. Garrigou-Lagrange apresentada pelo Pe. Martini S.J. — que reserva um

---

<sup>39</sup> *Acta Apostolicae Sedis*, 38, S., 2, 13, 1946, p. 385.

<sup>40</sup> *Mémoire*, cit. p. 240.

<sup>41</sup> *Mémoire*, cit., p. 219.

tratamento parecido para Pio IX em *Vaticano II — Balanço e Perspectivas*).

De Lubac pratica um sistema “transversal” idêntico para defender seus companheiros: Teilhard de Chardin S.J., que fazia teologia através da ciência, como De Lubac fez teologia através da história, é criticado por seus erros teológicos? De Lubac adverte que a culpa vem da “ignorância de seus críticos quanto ao estado atual da ciência [*sic*] e aos problemas que daí derivam”<sup>42</sup>!

### ***A Crise Pós-Conciliar e o “Exame de Consciência” de De Lubac***

Nem as advertências e condenações dos Pontífices Romanos nem as condenações de seus adversários arranharam, em De Lubac, a segurança de “reformador”. Para conter tal segurança, era preciso o horrível desastre do pós-concílio.

Do estado de alma de De Lubac (e de von Balthasar), Paulo VI se fará eco fiel — falaremos nisso depois — no seu famoso discurso de 30 de junho de 1972 sobre “as fumaças de Satanás no templo de Deus”, que é também a confissão de uma ilusão longamente cultivada e obstinadamente perseguida:

“Acreditava-se que, depois do Concílio, viria um dia de sol para a história de Igreja. E, pelo contrário, veio um dia de nuvens, de tempestade, de obscuridade.”

A impossibilidade de cavalgar o tigre das contestações desencadeadas e o desastre que desmentiu as róseas ilusões dos “reformadores” obrigaram De Lubac a um “exame de consciência”, que ele registra na já citada *Mémoire autour de mes oeuvres*. Entretanto, estamos muito

---

<sup>42</sup> Nota pró-memória a seus superiores, de 6 de março de 1947, in *Mémoire, cit.*, p. 178.

longe de uma conversão. Ele admite, no máximo, que “essa época não é menos [*sic*] sujeita aos desvios, aos passos em falso, às ilusões, aos assaltos do espírito do mal”. E continua:

“O que eu percebo hoje desses assaltos não me faz maldizer minha época, mas me leva a perguntar: não teria sido melhor considerar mais seriamente, desde o começo, meu caráter de fiel, meu papel de padre e de membro de uma Ordem apostólica, em suma, minha vocação, e principalmente concentrar com maior decisão meu trabalho intelectual precisamente no centro da fé e da vida cristã, em vez de *o desperdiçar em domínios mais ou menos periféricos, segundo meus gostos ou segundo a atualidade?* [...] Não estaria eu preparado, dessa maneira, para interferir, com um pouco mais de competência e, sobretudo, de autoridade moral, no grande debate espiritual de nossa geração? Não estaria eu, agora, um pouco menos desprovido para esclarecer a uns e encorajar a outros?”

E ainda:

“Há sete ou oito anos estou paralisado pelo medo de afrontar de cara, de maneira concreta, os problemas essenciais, na sua atualidade viva. Isto foi sabedoria ou fraqueza? Tive eu razão ou não? [...]. *Não teria eu aparentemente acabado, contra a minha vontade, no clã integrista que me causa horror?*”<sup>43</sup>

Entre tantas dúvidas, uma única parece não ter jamais aflorado à consciência de De Lubac, a saber, que este “integrismo”, com o “horror” que o paralisava, não era nada menos que a fidelidade à ortodoxia católica, fiel e infalivelmente guardada pela Igreja, e que ele desprezava, para se dispersar em “domínios mais ou menos periféricos”,

---

<sup>43</sup> Pp. 389 ss.

segundo seus “gostos ou segundo a atualidade”, pretendendo em seguida — o que é pior — ser um “mestre” na Igreja, sem jamais ter sido um discípulo:

“Cegos e condutores de cegos, que, inflamados de uma ciência orgulhosa, chegaram a essa loucura de perverter a eterna noção da verdade e, ao mesmo tempo, a verdadeira natureza do sentimento religioso; inventores de um sistema onde, sob o império de um amor cego e desenfreado por novidades, não se preocupam de maneira nenhuma em achar um ponto de apoio sólido para a verdade, mas, desprezando as santas e apostólicas tradições, abraçam outras doutrinas, vãs, fúteis, incertas, condenadas pela Igreja, nas quais homens muito vaidosos pretendem apoiar e assentar a verdade.”<sup>44</sup>

---

<sup>44</sup> São Pio X, *Pascendi*, citação da Encíclica *Singulari Nos*, de Gregório XVI.



## V

### URS VON BALTHASAR, O PAI DA APOSTASIA ECUMÊNICA

CHEGOU A VEZ DE outro representante da “nova teologia”, hoje exaltado como “pedra angular da Igreja” (J. Meinvielle), o ex-jesuíta suíço Urs von Balthasar. Se Maurice Blondel encarna o tipo do filósofo modernista e apologeta, se Henri de Lubac é o tipo do teólogo modernista, Urs von Balthasar encarna o aspecto pseudomístico e ecumenista do modernismo.

Temos em mãos a obra *Urs von Balthasar — Figura e Opera*<sup>1</sup>, de Karl Lehmann e Walter Kasper, personalidades da “nova teologia”. Lemos na orelha do livro: “escrito por seus amigos e discípulos [Henrici, Haas, Lustiger, Roten, Greiner, Treitler, Löaser, Antonio Sicari, Ildefonso Murillo, Dumont, O’Donnel, Guido Somnavilla, Rino Fisichella, Max Schönborn... e Ratzinger], pretende fazer redescobrir toda a importância e o valor de sua obra e de sua pessoa”. Descubramo-lo também nós; é de extrema importância.

#### **“Brilhante mas Vazio”**

Von Balthasar foi apaixonado, desde a juventude, pela música e, como Montini, pela literatura, mais do que pelos estudos filosóficos e teológicos<sup>2</sup>. Somente a filosofia “mística” de Plotino teve o poder de fasciná-lo. Ao contrário, a filosofia e a teologia escolástica suscitaram seu horror:

---

<sup>1</sup> Ed. Piemme.

<sup>2</sup> *Figura e opera*, pp. 29 ss.

“Todos os meus estudos durante os anos de formação na Ordem dos Jesuítas foram uma luta enfurecida com a desolação da teologia, com o que os homens tinham feito da glória da Revelação; não podia suportar essa figura da palavra de Deus, queria aplicar golpes à direita e à esquerda com a fúria de um Sansão, queria, com sua força, derrubar o templo e nele me enterrar. Mas isso era, agora que a missão começava, querer impor meus planos, era viver com minha indignação infinita porque as coisas ficavam assim. Tudo isto eu não dizia praticamente a ninguém. Przywara compreendia tudo, mesmo sem palavras; dos demais ninguém me poderia compreender. Escrevi o ‘*Apocalypse*’ com essa fúria que se propunha destruir o mundo pela violência e reconstruí-lo a partir das fundações, custasse o que custasse.”<sup>3</sup>

A “missão” do futuro demolidor se esboçava. Pelo momento, o resultado foi que seus estudos na Companhia de Jesus terminaram pela “dupla licença eclesiástica em filosofia e teologia; Balthasar nunca obteve doutorado nessas matérias”<sup>4</sup>.

Em compensação, porém, o jovem von Balthasar aprendera a correr atrás dos sistemas e tendências agitadas do pensamento moderno, encorajado pelos “grandes animadores da época de seus estudos”<sup>5</sup>: Erich Przywara, da Universidade de Pullach-Munich, que o forçou a “confrontar Agostinho e Tomás com Hegel, Scheler e Heidegger”<sup>6</sup>, e Henri de Lubac, da *Maison d’études de Lyon Fourvières*. “Por sorte e para minha consolação”, escreve von Balthasar, “Henri de Lubac morava na casa conosco. Foi ele que, além do material de estudo escolástico, nos levou aos Padres da Igreja e com magnanimidade nos

---

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 35, citado da introdução de *Erde und Himmel* (Terra e Céu).

<sup>4</sup> *Ibid.*, 33-34.

<sup>5</sup> P. 35.

<sup>6</sup> Urs von Balthasar, *Prüfet Alles*, p. 9.



emprestava a nós todos [Balthasar, Daniélou e Bouillard] seus próprios estudos e notas.”<sup>7</sup> Foi assim que von Balthasar, “durante as aulas, com os ouvidos tapados com algodão, leu todo [Santo] Agostinho” e aprendeu, pelas notas generosamente emprestadas por De Lubac, a opor, com afetação, a patrística à escolástica, cuja linguagem rigorosa não permitia os jogos interpretativos com textos dos Padres da Igreja a que se entregavam os “novos teólogos”<sup>8</sup>. Ao mesmo tempo, von Balthasar conhecia a poesia francesa: Péguy, Bernanos, Claudel, na tradução dos quais ele trabalhará durante vinte e cinco anos.

No fim de seus estudos, aquele que, segundo De Lubac, seria o “homem mais dotado de nosso século” (outro sistema dos modernistas consiste em criar, uns para os outros, um halo de grandeza inexistente<sup>9</sup>), leva consigo somente uma poeira, tão vasta quanto superficial, nos domínios que testemunham um verdadeiro diletantismo. O Pe. Labourdette O.P., numa tirada significativa, definiu um dos primeiros artigos de von Balthasar como “uma página brilhante mas vazia”<sup>10</sup>.

Com esse “defeito de origem”, von Balthasar estava pronto para engrossar o número dos eclesiásticos modernistas, “que, sob as aparências de amor à Igreja, absolutamente deficientes em filosofia e teologia sérias, impregnados, ao contrário, até os miolos, de um veneno de erro recebido dos adversários da fé católica, se colocam, sem nenhuma modéstia, como renovadores da Igreja”<sup>11</sup>.

Privado de sólida formação filosófica e teológica, admirador apaixonado da poesia e da música, von

---

<sup>7</sup> *Ibid.*

<sup>8</sup> Ver *Figura e opera*, p. 36.

<sup>9</sup> Ver São Pio X, *Pascendi*.

<sup>10</sup> *Ibid.*, pp. 47-48.

<sup>11</sup> São Pio X, *Pascendi*.

Balthasar misturará, com inacreditável superficialidade, a teologia e a literatura, acreditando poder criar uma teologia “dele” com a mesma imaginação com que um artista cria sua obra de arte.

“Somente mais tarde”, escreve ele, “quando o brilho da vocação já me acompanhava havia vários anos e quando eu tinha terminado meus estudos filosóficos em Pullach (acompanhado de longe por Erich Przywara) e os quatro anos de teologia em Lyon (inspirados por Henri de Lubac) com meus discípulos Daniélou, Varillon, Bouillard e muitos outros, compreendi como seria de grande ajuda para a concepção de minha teologia o conhecimento de Goethe, Hölderlin, Nietzsche, Hofmannsthal e, sobretudo, dos Padres da Igreja, para os quais me dirigiu De Lubac. O postulado fundamental de minha obra *Gloria* foi a capacidade de ver uma ‘*Gestalt*’ [forma complexa] na sua coerente totalidade: a visão goethiana devia ser aplicada ao fenômeno de Jesus [*sic*] e à convergência das teologias neotestamentárias.”<sup>12</sup>

### ***O Conquistador dos (Mal) Convertidos***

Em 26 de julho de 1936, von Balthasar foi ordenado padre na igreja de São Miguel em Munique. Em 1939, fez mais uma vez os exercícios espirituais de trinta dias, com o padre Steger, que “era, no meio alemão, um dos primeiros a compreender a espiritualidade inaciana, não tanto asceticamente quanto misticamente”<sup>13</sup>. Esta inclinação pela mística, que já manifestara no contato com a filosofia de Plotino, se revelará cada vez mais nociva para von Balthasar, de tanto que era desprovido de sólida base de saber filosófico e teológico. Pouco depois, encontramos-lo como capelão dos estudantes, em Basileia, onde cultiva

---

<sup>12</sup> *Il nostro compito* (Nossa tarefa), Jaca Book, p. 29.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 37.

música e poesia (desta vez, alemã). Ele também organiza cursos para estudantes e chama, entre outros oradores, Karl Rahner, Congar e De Lubac; no fim dessas noitadas, “sentava-se ao piano e, de memória, tocava o *Don Juan* de Mozart”<sup>14</sup>.

Em Basiléia, ele encontra o protestante Karl Barth, que se torna (depois de Przywara e De Lubac) “o terceiro grande inspirador da teologia de Balthasar”. “A teoria da predestinação de Barth”, escreve, “atrai-me poderosa e constantemente”<sup>15</sup>; mas a influência decisiva que sofreu foi a do “cristocentrismo radical de Barth”<sup>16</sup>: daí a idéia de um ecumenismo que reúne todos em torno de Cristo, separado de sua inseparável Igreja, um Cristo que é, no final, o *solus Christus* de Lutero, ainda que filtrado, como veremos, através de Hegel.

O Vaticano II estava, contudo, ainda longe, e então “o encontro com os protestantes acontecia, nesses anos, na Suíça, de modo quase inevitável [*sic*] sob a perspectiva da conversão”<sup>17</sup>.

Foi assim que, em 1940, von Balthasar batizou (a contragosto?) o esquerdista Béguin, que, em 1950, deveria suceder ao filocomunista Mounier na direção da revista *Esprit* (o *Osservatore Romano* de 3 de março de 1979 dizia que Béguin e *Esprit* prepararam o Vaticano II). Fato ainda mais importante, von Balthasar batizará a “convertida” Adrienne von Speyr, médica, casada em segundas núpcias com o professor Kaegi, “mulher cheia de humor e de espírito, de língua afiada, bem-vista na sociedade”<sup>18</sup>.

Em Basiléia, von Balthasar adquiriu rapidamente o

---

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 39 ss.

<sup>15</sup> *Unser Auftrag*, p. 85.

<sup>16</sup> *Figura e opera*, *cit.*, p. 43.

<sup>17</sup> Henrici S.J., *op. cit.*, p. 44.

<sup>18</sup> *Ibid.*, p. 45.

renome de “conquistador de convertidos”<sup>19</sup>. Parece-nos mais exato dizer dos “mal convertidos”. Já citamos Beguin. De Adrienne von Speyr convém dizer mais amplamente que, como De Lubac esteve em “simbiose intelectual” com Blondel, von Balthasar esteve em “simbiose teológica e psicológica” com Adrienne von Speyr<sup>20</sup>.

### ***Lado a Lado com Adrienne***

“Logo depois da conversão [de Adrienne] começaram a crescer os boatos de milagres que, manifestamente, aconteciam durante os colóquios e visitas que ela recebia. Murmurava-se sobre visões que ela tivera.” Murmurava-se também sobre esses “longos e regulares encontros com seu diretor espiritual, von Balthasar”<sup>21</sup>.

Para publicar os escritos místicos de Adrienne, von Balthasar funda as Edições Johannes; depois, com Adrienne, funda o Instituto Secular Johannes, e ainda para Adrienne, como seus superiores não vissem evidência no misticismo de Adrienne von Speyr, na véspera de sua profissão solene von Balthasar deixa a Companhia de Jesus, escolhendo a “obediência imediata” a Deus.

A partir de então, von Balthasar trabalhará na sombra de Adrienne, morando na casa de seu marido, ocupando-se de literatura, de teologia estética (e estetizante), de seus ditados “místicos”, até que, em 1960, a mobilização neomodernista para o Concílio o engaja na febril preparação do Vaticano II:

“Rádio, televisão, quanta agitação e pedidos sem fim para escrever.”<sup>22</sup>

---

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 44.

<sup>20</sup> *Op. cit.*, p. 147.

<sup>21</sup> *Idem.*

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 59.

***Em Deus a Contradição é Impossível***

“Não é aqui o lugar”, lemos na página 51, “de submeter os carismas de Adrienne a um exame teológico-crítico.” Ao contrário, teria sido justamente o lugar e o caso, visto que o próprio von Balthasar afirma: “Sua obra e a minha não são separáveis nem psicológica nem filologicamente. São as duas metades de um todo que tem por centro uma fundação única.”<sup>23</sup> E ele começa *Il nostro compito* (Nossa tarefa) escrevendo:

“Este livro tem como objetivo, sobretudo, impedir que depois de minha morte procurem separar minha obra da de Adrienne von Speyr.”<sup>24</sup>

Teria bastado a von Balthasar aplicar os critérios que a Igreja aplica em tais casos para repudiar como falso o misticismo de Adrienne. Deixaremos de lado a estranheza de “carismas” como os “estigmas” que ela teria recebido quando ainda era protestante, “a possibilidade dada a seu confessor [von Balthasar] de ‘transferir Adrienne ao passado’, a cada uma das suas idades, para percorrer sua biografia”<sup>25</sup>, sua virgindade recuperada, segundo ela, depois de dois casamentos etc. Basta-nos, como teria bastado a von Balthasar, aplicar o critério fundamental usado pela Igreja para julgar toda e qualquer pretensa “revelação”:

“É preciso considerar como absolutamente falsas as revelações que se opõem ao dogma ou à moral. Em Deus a contradição é impossível.”<sup>26</sup>

---

<sup>23</sup> P. 60, citado de *Rechenschaft* ou, em italiano, *Il filo di Arianna attraverso la mia opera*.

<sup>24</sup> P. 13.

<sup>25</sup> *Il nostro compito*, p. 13, nota 1.

<sup>26</sup> Antonio Royo Marin O.P., *Teologia della perfezione cristiana*, p. 1077.

À luz desse critério fundamental examinemos, entre muitos outros, dois pontos que estão na origem de dois gravíssimos desvios conciliares e pós-conciliares:

- 1) a “teologia da sexualidade” de Adrienne von Speyr;
- 2) sua concepção da Igreja, a “Católica”.

***Mas, para Adrienne e von Balthasar, Deus Pode Contradizer-se***

Segundo von Speyr, ou segundo von Balthasar (concordamos com Balthasar que é impossível separá-los), Adrienne teria recebido do Céu a missão de “repensar” o “valor positivo da corporeidade [ou ainda da sexualidade] no interior da religião da encarnação”<sup>27</sup>.

Acontece que este “valor positivo” é tão positivo que chega a anular as... conseqüências do pecado original e a advertência do Espírito Santo: “quem ama o perigo nele perecerá”. Escreve Adrienne no seu diário: “As receitas de se manterem afastados um do outro, de não se verem, no que concerne à esfera do corporal, hoje estão esgotadas.”<sup>28</sup> O que é claramente contra o dogma do pecado original e contra o ensinamento tradicional da Igreja no domínio moral. Fiel à sua “revolução sexual”, Adrienne concebe e exprime sua relação “espiritual” com von Balthasar pelas categorias mais cruas da sexualidade. Assim, a gênese do instituto secular Johannes é descrita como uma gravidez, em que o instituto é a criança, Adrienne a mãe e Balthasar o pai<sup>29</sup>. Eis, em seguida, como “Inácio” (leia-se Santo Inácio) explica a Adrienne que ela recebeu os estigmas (mesmo sendo protestante) para von Balthasar: “mesmo sendo virgem [Adrienne, casada, só por prodígio, apesar do ‘valor positivo’ da sexualidade],

---

<sup>27</sup> *Il nostro compito*, p. 25.

<sup>28</sup> P. 1.703; ver *Il nostro compito*, p. 91.

<sup>29</sup> *Communio*, mai-jun de 1989, pg.91.

é um modo pelo qual a mulher podia ser marcada pelo homem”<sup>30</sup>.

E, para que não tenhamos mais dúvidas sobre a linguagem atribuída pela “mística” a “Inácio”, leremos o que segue:

“A fecundidade espiritual do homem será depositada na carne da mulher, para que ela possa levar o fruto. Assim, a fecundidade de Hans Urs von Balthasar foi posta nos estigmas que Adrienne tinha recebido para ele.”<sup>31</sup>

E isto pode bastar para que se pergunte, com razão, se não estamos diante de um caso de sensualismo pseudomístico.

Entretanto, aqui é importante indicar, na “inteligência do valor positivo da corporeidade”, por parte de Adrienne, uma das causas, se não a causa determinante, da exaltação atual da sexualidade, infelizmente em voga, até nos meios religiosos, camuflada pelo *slogan* “integração afetiva”.

E von Balthasar? Ele também não admitia “que se pudesse diminuir o significado dos corpos masculino e feminino (e portanto do ser humano masculino e feminino) [de onde o ‘Caros irmãos e irmãs’ e as palestras sobre a masculinidade e a feminilidade de João Paulo II!], justamente onde se fala de uma real encarnação do Filho de Deus”<sup>32</sup>. E, na sua concepção estetizante da teologia, ele deplorava:

“E onde foi parar o Eros no Cântico dos Cânticos [até como poema erótico, naturalmente], que faz parte do centro da teologia?”<sup>33</sup>

---

<sup>30</sup> *Ibid.*, pp. 91 ss, citando o parágrafo 1.645 de *Erde und Himmel*, obra póstuma de Adrienne.

<sup>31</sup> *Erde und Himmel*, II, § 680.

<sup>32</sup> A. Siccari O.C.D., *Communio*, nov.-dez. de 1991, p. 89.

<sup>33</sup> *Figura e opera, cit.*, pp. 58 ss.

Há pior, porém. Von Balthasar sabe muito bem que a “teologia mística” da visionária não se enquadra na doutrina católica. “Na obra teológica global de Adrienne”, escreve ele, “existem passagens particulares que, fora de seu contexto, poderiam parecer às vezes estranhas [também dentro do contexto]”<sup>34</sup>.

Em seguida, no prefácio, admite claramente que as obras de Adrienne “de início são de espantar e talvez desorientadoras [*sic*] para alguns leitores”<sup>35</sup>. Para von Balthasar, contudo, isto não levantava dúvidas sobre o carisma de Adrienne, mas sim sobre a... doutrina católica! “As coisas”, escreve ele, “são sempre tais que a teologia atual não é ou não é ainda [*sic*] capaz de compreender o que é indicado” [nas visões ou nos “ditados” de Adrienne]<sup>36</sup>. O que só pode ser dito admitindo-se que a doutrina católica possa evoluir em contradição com ela mesma, visto que a “teologia mística” de Adrienne não somente é obscura mas também está em oposição à teologia católica.

Infelizmente, von Balthasar não somente não aplicava (talvez porque não os possuísse) os critérios teológicos, para ver claramente, ao “misticismo” de Adrienne von Speyr mas dividia com Blondel e De Lubac a nova noção vitalista e evolucionista da verdade, pela qual, em Deus, e portanto no desenvolvimento da doutrina católica, “a contradição é possível”. Isto aparecerá de modo ainda mais evidente no segundo ponto que nos propomos examinar e que permitirá compreender a borrasca de loucura ecumênica que levou alguns responsáveis da Igreja Católica a ceder sem nenhum freio.

---

<sup>34</sup> *Il nostro compito*, p. 14.

<sup>35</sup> *Ibid.*, p. 9.

<sup>36</sup> *Ibid.*, p. 16.



## A “Católica” Não-Católica

Adrienne afirma que uma missão eclesial foi confiada pelo Céu a von Balthasar e a ela própria. Urs von Balthasar fala disso em *Il nostro compito*<sup>37</sup>. Adrienne, numa visão “marial”, diz a Deus:

“Nós [Adrienne e von Balthasar] queremos amar-te, servir-te e agradecer-te a ‘Igreja que nos confias’ [...]. Estas últimas palavras foram pronunciadas de modo improvisado e ditadas pela Mãe de Deus, isto é, nós [a Mãe de Deus e Adrienne] o dissemos as duas juntas, e o filho (o nosso [de Adrienne e de von Balthasar], você sabe), ela colocou-o uma fração de segundo nos braços, mas não era somente a criança, era a Una Sancta em miniatura, e assim me parece que é uma justa unidade de tudo o que nos foi confiado e que é trabalho em Deus para a Católica.”

O que é então esta outra “criança” de Adrienne e de von Balthasar, essa “Igreja” dita “Católica”, que Deus lhes teria confiado?

Na introdução de *Mystique objective de Adrienne von Speyr*, de Bárbara Albrecht<sup>38</sup>, lemos acerca da “mística” Adrienne esta afirmação espantosa: “Ainda que [Adrienne] se tenha afastado claramente e de modo decisivo da forma protestante do cristianismo, por uma necessidade interior, falta a seu conceito de ‘católica’ certa delimitação confessional.” Então, se o afastamento de Adrienne do protestantismo foi claro e decisivo, sua conversão ao catolicismo não foi nada clara e decisiva. A menos que se dê ao termo “católica” um significado completamente diferente do habitual.

Note-se, de passagem, que o que escreve Bárbara

---

<sup>37</sup> P. 61; *Unser Auftrag*, p. 78; ver *Communio*, mai.-jun. de 1989, p. 102, que dá, entre parênteses, as explicações necessárias.

<sup>38</sup> Jaca Book, p. 72.

Albrecht corresponde exatamente ao testemunho da governanta italiana de Adrienne, a qual, como boa católica veneziana, afirma claramente:

“Eu li também... essa *história* de ‘Mística’. Eu não gosto nada disso. Porque escrever essas bobagens? Madame *não era da Igreja*, ela ia à missa somente duas vezes por ano, no Natal e na Páscoa.”<sup>39</sup>

O mesmo conceito de “católico”, privado de “certa determinação confessional”, encontramos em von Balthasar, que afirma ser também devedor de Adrienne von Speyr. Em *Katholisch*, uma obra que publicou em 1975, ele escreve:

“Essa pequena obra é, ao mesmo tempo, uma homenagem a meus mestres E. Pryzwara e H. de Lubac e igualmente a Adrienne von Speyr, pois todos, em face de uma teologia escolástica, me mostraram *a dimensão da realidade católica, vasta como o mundo.*”

E nessa “catolicidade que não omite nada”<sup>40</sup>, tudo encontra lugar e justificação: a verdadeira e as falsas religiões, a Igreja Católica e as seitas heréticas e/ou cismáticas, o sagrado e o profano, a religião e o ateísmo; abreviando: o erro e a verdade, o bem e o mal. Exatamente como na dialética hegeliana.

## **O Iceberg**

Aprofundemos a conversa. Urs von Balthasar — admite a revista *Communio* — é exaltado como “teólogo da beleza” e “ao mesmo tempo é criticado por seu estilo hermético e complicado”<sup>41</sup>. Além disso, escreve ainda

---

<sup>39</sup> *Il Popolo de Pordenone*, 16 de agosto de 1992.

<sup>40</sup> *Ibid.*, p. 32.

<sup>41</sup> Mai.-jun. de 1989, p. 83.

*Communio*, o que se conhece e o que se diz dele “representa — *mal haja quem nisto põe malícia* — somente a ponta do *iceberg*”. Lancemos pois um olhar para a parte submersa do *iceberg*, isto é, para o que se esconde sob o estilo hermético e complicado, para ver se há ou não razão para pensar mal dele.

Aparentemente, os escritos de von Balthasar são obscuros e herméticos e seu comportamento é incompreensível. Por exemplo, ele trabalha para demolir a teologia católica e a Roma católica, mas critica asperamente Karl Rahner e o “complexo anti-romano”; quer o ecumenismo mais vasto possível, que abrace até as religiões pagãs e idólatras, mas critica a “tendência à liquidação” dos católicos pós-conciliares. Entretanto, basta possuir a boa chave interpretativa de sua teologia para que tudo se torne claro. Esta chave interpretativa é o idealismo em geral e a lógica hegeliana em particular, que, sabe-se, é diametralmente oposta não só à lógica aristotélica e tomista mas também ao bom senso comum. Enquanto a lógica aristotélica, de fato, tem por fundamento o princípio de identidade e de não-contradição, segundo o qual os opositores se excluem, a lógica hegeliana é fundada no princípio exatamente contrário: os opositores não somente não se excluem, mas são a alma da realidade, sendo momentos necessários, apesar de abstratos; realidade que é uma síntese de opositores na qual os ditos opostos (afirmação e negação, teses e antíteses) encontrarão sua realização e sua verdadeira realidade.

Urs von Balthasar aplicou à eclesiologia essa lógica obscura e hermética, porque ele ignora o “medo da contradição”, medo que é natural a qualquer homem de bom senso, mas que foge das preocupações do... ecumenismo atual: tantas “Igrejas”, tantas “religiões”, o ateísmo, com suas contradições, não espantam von

Balthasar e, segundo seu julgamento, não devem espantar ninguém, porque são somente os momentos (teses e antíteses, afirmações e negações) desse processo que conduzirá inevitavelmente, por necessidade intrínseca, à síntese, que é a “Católica” (a catolicidade que não omite nada, a universalidade sem exclusão alguma), na qual se realizará (finalmente, depois de dois mil anos) a verdadeira Igreja de Cristo.

Uma vez possuindo esta “chave”, a teologia de von Balthasar de hermética se torna transparente e todo o mundo pode ver a enormidade do *iceberg* que navega sob a água contra a santa Igreja de Deus.

### ***Do “Delírio Filosófico” ao Delírio Ecumênico***

Do “delírio filosófico” de Hegel (assim o define Schopenhauer) só poderia nascer o atual delírio ecumênico.

Com esta chave interpretativa, de fato, é possível compreender todos os enigmas de von Balthasar e do ecumenismo atual, de que ele é mestre e autor. Compreende-se, de fato, porque no diálogo ecumênico “uma única coisa fica: fiar-se nas configurações eclesiais e teológicas e na rivalidade entre elas”<sup>42</sup>. Só o jogo necessário dos opositores é que conduzirá à síntese: “Se esta indicação é levada a sério [fiar-se... nas rivalidades]”, escreve von Balthasar, “então ela exige muito daqueles que lutam cristãmente pela catolicidade, sobretudo o não fixar-se em nenhum sistema [católico ou não] que, *a priori*, se suponha onicompreensível e ofereça a mais ampla perspectiva, e não desprezar os pontos de vista opostos.”<sup>43</sup> Essa onicompreensibilidade, de fato, será dada somente à “Católica”, que é a síntese, e não aos sistemas

---

<sup>42</sup> *Figura e opera, cit.*, p. 417.

<sup>43</sup> *Ibid.*, citado por *Anspruch auf Katholizität*, p. 66.

atuais (incluindo o “sistema” católico), que são as teses e antíteses destinadas a ser ultrapassadas, aniquilando-se mutuamente, na síntese.

Aos “sistemas” atuais pede-se somente duas coisas: por um lado, que favoreçam a síntese, o “relaxamento e o degelo” de seu próprio bloqueio em torno de um ponto de vista que exclui os pontos de vista opostos; por outro lado, a “competição”, o deixar agir a “rivalidade” com os outros sistemas, incluindo as “formas de cristianismo anônimo”<sup>44</sup>. A síntese, de fato, brota justamente do jogo dos contrários. Tudo isso é incompreensível pela lógica aristotélico-tomista, que é a lógica do bom senso, mas não pela lógica hegeliana.

Compreende-se, então, por que o atual ecumenismo (ver Assis<sup>45</sup>) põe no mesmo plano e até mantém separadas as diversas “religiões” (“não queremos sincretismo”, e é verdade) e, ainda quando promove o insensato diálogo, quer que os budistas sejam bons budistas, os católicos bons católicos (segundo a “nova teologia”, é claro), os protestantes bons protestantes e assim por diante: a “competição”, o jogo das “rivalidades”, de contradições e oposições é essencial ao processo que conduzirá à super-Igreja ecumênica, a “Católica”, síntese de todas as religiões, na qual enfim as contradições e oposições serão ultrapassadas.

Compreende-se também por que von Balthasar teve, como De Lubac, sua “crise” pessoal pós-conciliar, que, entretanto, também para ele não foi uma conversão<sup>46</sup>. Não

---

<sup>44</sup> *Ibid.*, pp. 69-70.

<sup>45</sup> Na cidade italiana de Assis, em 1986, deu-se uma reunião de representantes de todas as religiões, convocada por João Paulo II, e que, dando origem ao chamado “espírito de Assis”, se vem repetindo desde então todos os anos, em diferentes cidades. Já provocou diversos escândalos, como a presença de uma imagem de Buda sobre um Sacrário.

<sup>46</sup> Ver *Figura e opera*, pp. 417-418.

entrava em sua lógica hegeliana que os católicos abandonassem assim sua identidade: a “Católica” é, também ela, “comunhão entre aquilo que aparentemente se exclui”<sup>47</sup>. Assim, os contrastes são essenciais à realização da dita “comunhão”, exatamente como, na lógica de Hegel, a tese e a antítese são essenciais à realização da síntese, pois, se a tese se retira da “competição” e se torna também antítese, nunca haverá síntese<sup>48</sup>.

Eis por que a Igreja Católica não deve “pôr entre parênteses” mas deve “integrar” (é a palavra-chave para von Balthasar) no “todo católico” (= a “Católica”) tudo o que é visto atualmente como “excesso católico”<sup>49</sup>. No seu livro, enganador e mal-compreendido, *Le Complexe antiromain*, que tem o incrível e significativo (e frequentemente omitido) subtítulo *Como Integrar o Papado na Igreja Universal* (= “Católica”?), von Balthasar sugere justamente a maneira de integrar “esse elemento, que parece atrapalhar, ao todo católico”, que claramente não é a Igreja Católica. Eis a maneira sugerida: a Igreja deve ser não somente de Pedro mas também de Paulo, de Maria e de João<sup>50</sup>. E assim o primado de jurisdição, definido pelo Vaticano I, se apaga atrás de um vago primado da caridade inventado por von Balthasar (e por seus “irmãos separados”), para o qual João Paulo II, como São Paulo, percorre o mundo há anos, explicando aos jornalistas que ele recebera não somente o carisma de Pedro mas também o de Paulo!

---

<sup>47</sup> *Communio*, jul-ago de 1992, art. H. Urs von Balthasar, *Communion: un programme*.

<sup>48</sup> Ver *Figura e opera*, p. 417.

<sup>49</sup> *Ibid.*, p. 446.

<sup>50</sup> *Ibid.*, p. 447.

## A Apostasia

Basta conhecer o Catecismo da Igreja Católica (o antigo, não o novo) para compreender que o ecumenismo de Balthasar é uma verdadeira proposta de apostasia.

Christophe Schönborn, secretário de redação (aviso ao leitor!) do novo “Catecismo”, por ocasião do primeiro aniversário da morte de von Balthasar ilustrou o ecumenismo na Igreja de Santa Maria em Basiléia<sup>51</sup>.

O que é, então, o ecumenismo para von Balthasar? É a “integração no todo da Católica”<sup>52</sup>, a qual “Católica” não existe ainda e no momento é “somente uma promessa, uma esperança escatológica”. Eis como Schönborn explica a “importância ecumênica” da “figura” de Maria em von Balthasar: “em Maria a Igreja aparece como a Igreja santa e imaculada, em quem a plena figura da Igreja, sua ‘catolicidade’, é não somente *promessa, esperança escatológica*, mas antes plenitude já realizada”. Então, contrariamente à Fé constante e infalível da Igreja, repetida por Pio XI em *Mortalium Animos*, e contrariamente ao dogma que todo e qualquer católico tem o dever de professar (*Credo Ecclesiam unam, sanctam, catholicam*), a catolicidade da Igreja não é uma realidade, realizada há dois mil anos, mas uma realidade que ainda está por se realizar, uma simples “promessa, uma esperança escatológica”. E o que é, então, a atual Igreja Católica para von Balthasar? Um “sistema” entre outros, uma das numerosas “configurações eclesiais”, teses ou antíteses (consoante ela recusa ou é recusada), que será ultrapassada e aniquilada na “Católica”, como as seitas, as religiões pagãs e idólatras e os diversos “marxismos”.

No catolicismo, não menos que no protestantismo,

---

<sup>51</sup> Ver *Figura e opera*, pp. 31 ss: “A Contribuição de Hans Urs Balthasar ao Ecumenismo”.

<sup>52</sup> *Ibid.*, p. 448.

para von Balthasar, a “negação do outro, a recusa da comunhão”, teria produzido uma “unidade que, no fundo, consistia somente na reunião em torno de um ponto de vista rígido”<sup>53</sup>.

A Igreja Católica é a “realização romana da Catolicidade”<sup>54</sup>; tanto a Igreja Católica como as seitas heréticas e/ou cismáticas, o próprio judaísmo e as “formas anônimas do Cristianismo” são “o todo em fragmentos”, onde o todo é a “Católica” e a Igreja Católica é um dos numerosos fragmentos que, inevitavelmente, retornam ao todo. “Cada fragmento”, escreve von Balthasar, “faz logo pensar no vaso sagrado de que ele provém, cada pedaço brilha pelo espírito, a partir da obra inteira completa”<sup>55</sup>, e a Igreja Católica é um “fragmento”, um pedaço entre os outros.

Vê-se claramente, então, por que já não se ensina que a Igreja de Cristo “é” a Igreja Católica, mas continua-se a ensinar, com o Vaticano II (ver o novo “Catecismo”), que a Igreja de Cristo “*subsistit in*”, subsiste na Igreja Católica, exatamente como o “todo no fragmento”! Eis por que, no diálogo ecumênico, em matéria de fé, o católico concorda em aprender tanto quanto os outros:

“Para os católicos é imperativo afastar a voz daqueles que nos sugerem e nos levam de volta a algum pedaço que falta [*sic*] ou medianamente valorizado da integridade da fé.”<sup>56</sup>

É por isso que hoje, como escreve Romano Amerio, “se professa abertamente que a união não se deve fazer por conversões individuais, mas pelo acordo das grandes coletividades [as diversas teses e antíteses] que são as Igrejas”, e que essa união deve fazer-se não por um retorno dos separados da Igreja Católica, mas “por um

---

<sup>53</sup> Ver *Figura e opera*, p. 407.

<sup>54</sup> *Ibid.*, p. 405.

<sup>55</sup> Citado em *Figura e opera*, p. 409.

<sup>56</sup> H. U. von Balthasar, *Kleine Fibel*, p. 92, citado em *Figura e opera*, p. 444.



movimento de todas as confissões para um centro que está fora de cada uma delas [a síntese evolutiva]”<sup>57</sup>.

E aqui a proposta de apostasia, isto é, de abandono de toda e qualquer doutrina de fé, se torna flagrante. Onde achar a Revelação Divina na sua integridade e na sua pureza senão na Igreja Católica? Propor aos católicos, de maneira mais ou menos dúbia, o êxodo da Igreja Católica é propor a apostasia:

“A fé em Jesus Cristo não ficará pura e incontaminada se não for sustentada e defendida pela fé na Igreja, coluna e fundamento da verdade (1 Tm. III,15).”<sup>58</sup>

### ***O Desprezo do Magistério***

Em conclusão, é importante assinalar que von Balthasar, como também Blondel e De Lubac, cultivou “sua” teologia com evidente desprezo pelo Magistério da Igreja e especialmente por São Pio X, que, na encíclica *Pascendi* (1907), condenou o ecumenismo, em que desemboca inevitavelmente o naturalismo dos modernistas; e por Pio XII, que em *Humani Generis* condena tanto a tentativa de conciliar o idealismo, e portanto Hegel, com a teologia católica como o ecumenismo, em que todos se teriam, “sim, unidos, mas em ruína geral”. Em 1946, escrevia o Pe. Garrigou-Lagrange: “Para onde vai a nova teologia com os novos mestres em que se inspira? Para onde senão o caminho do cepticismo, da fantasia e da heresia?” E os novos “mestres” eram Hegel e Blondel, que Fessard (da “turma” de De Lubac) chamava, não sem razão, “nosso Hegel”<sup>59</sup>. Hoje, no domínio ecumênico, mais do que na fantasia, estamos no delírio. Num dos

<sup>57</sup> R. Amerio, *Iota Unum*, Nouvelles Editions Latines, p. 461.

<sup>58</sup> Pio XI, *Mit Brennender Sorge*.

<sup>59</sup> Ver A. Russo, *H. de Lubac: Théologie et dogme dans l'Histoire. L'Influence de Blondel*.

documentos “ecumênicos” dos mais escandalosos: “Indicações Úteis para Apresentar Corretamente o Judaísmo”, da Comissão para Relações com o Judaísmo, presidida pelo cardeal Willebrands<sup>60</sup>, pode-se ler que os católicos e os judeus, “ainda que partindo de pontos de vista diferentes [ler: opostos], tendem para fins análogos [*sic*], a vinda ou o retorno [é a mesma coisa!] do Messias”. É textualmente o pensamento de von Balthasar, que, como Hegel, encontra o modo de conciliar todos os opostos, fazendo violência à realidade dos fatos:

“Pedro, o renegado, abandona o julgamento do Senhor e se solidariza [*sic*] com os judeus [que crucificaram Cristo] [...]; juntamente com vós, judeus, também nós, cristãos, esperamos a (re)vinda [*sic*] do Messias.”<sup>61</sup>

Contudo, von Balthasar e seus companheiros da “nova teologia” nunca teriam conseguido impor na Igreja suas nebulosas elucubrações, que não têm a seu favor nem a força da verdade da razão nem a força da verdade revelada, se João Batista Montini não tivesse subido ao trono de Pedro, mas... daquele mau teólogo filomodernista, posto ao serviço da “nova teologia”, sua alta autoridade e seu sucessor foram os propagadores eufóricos. Voltaremos a falar nisso.

---

<sup>60</sup> Ver *Si Si No No*, ed. francesa, nº 64, de outubro de 1985.

<sup>61</sup> H. U. von Balthasar, *Communio*, jul.-ago. de 1992, p. 57.

## VI PAULO VI E O GOLPE DE MESTRE DE SATANÁS

A “NOVA TEOLOGIA” — os leitores que nos seguiram até aqui puderam ver — não é, como diria Pirandelo, uma coisa séria. Por outro lado, o que é extremamente sério é o fato de que, para se impor ao mundo católico, ela pôde e pode ainda contar com a força da autoridade daquele que na Igreja é o sucessor de Pedro. É então necessário considerar o “golpe de mestre de Satanás”: a autoridade suprema daquele que tem o dever de guardar e defender a Fé põe-se, ao contrário, ao serviço do modernismo, “síntese de todas as heresias” (São Pio X).

### ***G. B. Montini, Simpatia pela “Nova Teologia”***

“Dizia-se que Giovanni Battista Montini tinha simpatia pelos ‘filósofos de *l’Action*’, popularizados entre nós por Laberthonnière, Blondel e Ed. Roy”, escrevia em 1970 Pe. Raymond Dulac<sup>1</sup>.

Este “dizia-se” é hoje largamente confirmado pelo livro *Paul VI Secret*<sup>2</sup>, no qual Jean Guitton recolheu e publicou, depois da morte do Papa Montini, as notas que ele tinha tomado o cuidado de redigir de seus encontros amigáveis. Essas notas mostram que G. B. Montini era maravilhado pela “nova teologia”, em particular por De

---

<sup>1</sup> *La nouvelle présentation du Nouvel Ordo Missae, Courrier de Rome*, 10 de setembro de 1970.

<sup>2</sup> Ed. Desclée de Brouwer, 1979.

Lubac: “8 de setembro de 1969: o Papa elogia o Pe. De Lubac, gaba seu espírito, a segurança, a vastidão de sua documentação, espanta-se com que alguns o tomem por ‘ultrapassado’ [é o destino dos ‘inovadores’]”<sup>3</sup>; “28 de abril de 1974: o Papa faz grandes elogios aos teólogos atuais. Cita Manaranche, De Lubac, aos quais dá a palma; Congar, Rahner (que diz ser muito confuso), e o cardeal Journet (*que acha um pouco escolástico*)”<sup>4</sup>. Essa aversão pela escolástica e essa admiração pela “nova teologia” não eram novidade em G. B. Montini.

### *Uma Carta de Pio XII*

Enquanto na França as polêmicas mais agudas se desenvolviam em torno da ortodoxia de Blondel, que pervertia pelo modernismo a noção eterna de verdade, que reduzia o sobrenatural ao natural e que, inclinándose como bom samaritano sobre o “homem moderno”, se afundava nos erros da filosofia moderna, o mesmo Blondel recebia do Secretariado de Estado de Pio XII, onde Mons. Montini era então substituto, a seguinte carta:

“Vaticano, 2 de dezembro de 1944

Professor,

Sua trilogia sobre a ‘filosofia e o espírito cristão’, cujo primeiro volume o senhor já publicou, confirma-se um monumento de alta e benéfica apologética; e como sua filial homenagem a Sua Santidade (Pio XII) não lhe teria sido agradável? A ninguém pode escapar a importância de tal assunto, no qual são estudadas, com tanta sagacidade, as relações da filosofia e do cristianismo, da razão e da fé, do natural e do sobrenatural, onde o

---

<sup>3</sup> P. 110.

<sup>4</sup> P. 141.

senhor sublinha  *muito bem*  a ‘incomensurabilidade’, sem excluir a ‘simbiose’ e esse fim único de que o homem não pode legitimamente fugir, mistério cheio de misericórdia e de bondade infinita, ao qual os espíritos nobres e cuidadosos não podem deixar de aderir para seu maior progresso intelectual e moral, como para sua maior e verdadeira felicidade.

Apesar de todo o  *respeito pela transcendência do dado revelado* , suas especulações filosóficas não deixam de se exercer  *com frutos*  sobre o conjunto dos mistérios da fé, para lhes fazer achar uma melhor escuta junto a uma geração demasiado imbuída de uma autonomia da razão, cujo fracasso é hoje bem conhecido. O senhor fez isso com talento e fé, e,  *salvo algumas expressões que o rigor teológico pediria mais precisas* , sua especulação pode e deve levar aos meios instruídos uma  *contribuição preciosa*  à melhor compreensão e aceitação da mensagem cristã, única via de salvação para os indivíduos como para a sociedade. Na realidade, o mundo atormentado de hoje está à procura da verdade e dos caminhos que a ela conduzem com mais segurança!

E, a propósito, não seria talvez oportuno lembrar ainda uma vez que, ainda considerada do único ponto de vista de seu valor filosófico, a especulação que procede da  *filosofia perene*  oferece realmente às antinomias aparentes do universo soluções positivas, as mais aptas a satisfazer a inteligência,  *sem pretender, é claro, apagar uma sede de luz maior?*  [...] Sua caridade intelectual de Bom Samaritano, inclinando-se sobre a humanidade ferida, esforçando-se para compreendê-la e falando sua própria linguagem, contribuirá eficazmente para recolocá-la nas perspectivas inevitáveis e salvadoras de sua vocação divina.

Assim, alegrando-se vivamente com as melhores notícias sobre sua cara saúde, o Santo Padre faz votos ardentes de que o senhor tenha forças para levar ao fim essa obra importante e lhe envia de todo coração a Bênção apostólica.

Com a certeza de minha religiosa devoção. Respeitosamente

Giovanni Battista Montini, Substituto.”

***Mais de Montini Que de Pacelli***

Assim, a obra de Blondel, “salvo algumas expressões que um teólogo rigoroso preferiria mais precisas”, estava aprovada em bloco, do alto, fechando com autoridade a boca de seus detratores, que o atacavam em nome da doutrina perene da Igreja. A esses oponentes (de Tonquedec, Labourdette, Garrigou-Lagrange etc.), como se os fundamentos da fé não estivessem em jogo, mas antes se tratasse de uma disputa em torno de matéria ainda controversa, dava-se a pequena satisfação do elogio da “filosofia perene”, sob uma tímida forma interrogativa e sem excluir a possibilidade de “maiores luzes”, que poderiam vir de uma “nova teologia”. E todos os estudos críticos, rigorosos e documentados sobre os desvios explícitos e implícitos do pensamento de Blondel? Jogados no cesto com incrível desenvoltura.

Há, porém, um “mas”. A carta a Blondel era um reconhecimento enviado, sim, em nome de Pio XII, mas que levava a assinatura de Montini com a expressão de sua “religiosa devoção”. Na realidade, o conteúdo da carta é mais montiniano do que pacelliano. Quando Pio XII tomou pessoalmente a palavra sobre a “nova teologia” e sobre a “nova filosofia” que a subentende, no discurso aos padres da Companhia de Jesus (1946) e em seguida em *Humanis Generis* (1950)<sup>5</sup>, expressou um pensamento totalmente oposto e com ponderações muito diferentes. Além disso, sobre a falta de lealdade de G. B. Montini quando trabalhava na Secretaria de Estado, há hoje muitos testemunhos concordantes e inatacáveis, provenientes de fontes que não lhe eram hostis.

---

<sup>5</sup> Ver *Sim Sim Não Não* de janeiro de 1994, p. 4.

## A “Desconfiança” de Pio XII

Entre os mistérios do isolamento em que se fechou o pontificado de Pio XII, há o afastamento imprevisto de J. B. Montini da Cúria Romana. Foi nomeado arcebispo de Milão, mas, de modo significativo, nunca foi nomeado cardeal por Pio XII, mesmo sendo Milão uma sede cardinalícia. Assim, o Papa Pacelli o afastou da Secretaria de Estado e, ao mesmo tempo, o excluiu do futuro conclave, significando assim claramente a seu futuro sucessor, por essa recusa tácita da púrpura cardinalícia, que tal deslocamento tinha sido um “*promoveatur ut amoveatur*” (uma promoção afastamento), e isto por motivos muito graves.

O tempo começou a levantar os véus desse mistério. Em *Paul VI Secret*, Jean Guittou, falando da contestação de que foi objeto a encíclica *Humanae Vitae*, escreve de Paulo VI:

“Ele atravessa uma prova análoga àquela que lhe infligiu Pio XII, a da *diffidentia* [desconfiança — em latim e em itálico no original]. No caso de Pio XII, a desconfiança vinha do alto, porque Pio XII parecia ter perdido a confiança que tinha posto nele. Paulo VI pressente que a encíclica *Humanae Vitae* lhe vai infligir uma prova inversa, onde a desconfiança virá não do alto, mas sim da base.”<sup>6</sup>

O jesuíta Martina, no livro *Vaticano II — Bilan et Perspectives*, também nos fala da “desconfiança” de Pio XII para com Montini. Na página 39, fala do “afastamento do ‘substituto’ Montini, ‘promovido’ a arcebispo de Milão, jamais nomeado cardeal e nenhuma vez recebido pelo Papa (com quem tivera durante anos contatos diários) em audiência privada”. Em nota, Martina escreve: “O episódio significativo não está ainda esclarecido. Diversos

---

<sup>6</sup> P. 144.

fatores influenciaram para o deslocamento: o pouco de simpatia que gozava Mons. Montini na Secretaria de Estado, a irritação de Pio XII com certa *independência de julgamento* de seu colaborador, a demora de Montini em comunicar alguns fatos ao Papa, na esperança de que no entretanto as coisas se aplainassem” (como se Montini fosse o papa e Pio XII... o “substituto”).

### ***Manobras à Esquerda***

Por sua vez, em *Pie XII devant l’histoire*, Mons. Roche, colaborador íntimo do cardeal Tisserant, revela-nos uma razão precisa da “desconfiança” de Pio XII: o substituto Montini estabeleceu, contra as diretivas do Papa e sem que ele soubesse, contatos com Stalin durante a Segunda Guerra Mundial. Pio XII foi disso informado pelo arcebispo protestante de Uppsala, que obteve as provas pelos serviços secretos suecos. Mais tarde, em 1954, por um relatório secreto do arcebispo de Riga, aprisionado pelos soviéticos, Pio XII teve a confirmação de que “houve *em seu nome* contatos com os perseguidores, por parte de uma alta personalidade da Secretaria de Estado”. Depois desta traição de Montini, escreve Mons. Roche: “a amargura de Pio XII foi tão viva, que sua saúde se ressentiu e ele se resignou a tomar conta sozinho dos negócios exteriores do Vaticano”<sup>7</sup>.

É então certo que Montini manobrou à esquerda na política, pelas costas de Pio XII, para realizar suas utopias juvenis: “com a esquerda pode-se colaborar, com a direita não”<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Ver *Si Si No No*, ed. francesa, nº 53, outubro de 1984 – *Les Accords Montini-Stalin de 1942*; e *Si Si No No*, ed. italiana, de 15 de abril 1986, p. 5 – *Um fato histórico, a traição de Mons. Montini*.

<sup>8</sup> Ver Frappani-Molinari, *Montini giovane* [Montini jovem], ed. Marietti.



## ***E contra a Humani Generis***

É também certo que Montini manobrou pelas costas de Pio XII para realizar suas utopias filomodernistas, que na juventude o tinham levado a freqüentar (e era o único padre a fazê-lo) o salão do conde Gallaratti Scotti, representante do modernismo lombardo, o qual terá seu décimo aniversário de morte celebrado no *Osservatore Romano* de 7 de julho de 1976 por Montini transformado em Paulo VI:

“Nesses últimos anos uma grande consolação lhe veio do Concílio Vaticano, porque sentiu que as amarguras de sua juventude [pela condenação do modernismo] não as tinha suportado em vão: a Igreja se encaminhava para um caminho rude e difícil em que, entretanto, muitas coisas que tinha desejado se tornavam uma realidade viva.”

Agora é Jean Guitton quem nos vai descobrir Montini, ainda substituto, em flagrante delito de traição ao Pio XII e à *Humani Generis*. Em *Paul VI Secret* ele transcreve fielmente, na mesma noite, as notas que tinha tomado num encontro com Mons. Montini sobre a grande Encíclica contra o modernismo, logo após sua publicação. A Guitton, que teme possa a *Humani Generis* ser interpretada como um obstáculo ao “progresso do pensamento”, Montini, substituto na Secretaria de Estado de Pio XII, responde:

“O senhor sem dúvida observou as nuances que estão inscritas neste texto pontifical. Por exemplo, a Encíclica nunca fala de erros (*errores*). Ela fala somente de opiniões (*opiniones*). [Como se os erros não fossem também, precisamente, opiniões!]. Isto indica que a Santa Sé visa a condenar não os erros propriamente ditos, e sim os modos de pensamento que poderiam levar a erros, mas que *em si mesmos permanecem respeitáveis*.”

Por outro lado, existem três razões para que a Encíclica não seja deformada. A primeira, posso confiar-lhe, *é a vontade expressa do Santo Padre*. A segunda é o estado de espírito do episcopado francês, tão largo de espírito, *tão aberto às correntes contemporâneas*; sem dúvida um episcopado, qualquer que seja, é sempre levado (pois ele tem contato imediato com as almas, porque deve ser fiel a seu dever, que é um dever *pastoral*, como se diz)... é sempre levado, digo, a alargar as vias da doutrina e da fé. [Nesta frase se acha em embrião todo o ‘espírito’ de ‘pastoral’ do Vaticano II]. E, sem dúvida, *ele tem razão*. Aqui em Roma temos o dever de velar igualmente no lado doutrinal. Nós somos particularmente sensíveis a tudo o que possa alterar a pureza da doutrina, que é verdade. O soberano pontífice deve guardar o depósito, como diz São Paulo. E chego à minha terceira razão, que é curta: *os franceses são inteligentes*.”

### **A Traição**

O comportamento do Substituto Montini era muito grave.

Pio XII, na *Humani Generis*, condenara em tons graves e solenes a “nova teologia”, indicara as conseqüências fatais para a Fé e ordenara que não se falhasse no “dever sagrado”, que os Bispos e os Superiores gerais, “marcando de maneira muito grave suas consciências”, velassem “com a maior diligência para que as opiniões desse gênero não sejam sustentadas nas escolas ou nas reuniões e conferências, nem nos escritos, quaisquer que sejam, e que não sejam ensinadas de nenhuma maneira aos clérigos ou aos fiéis”.

Os professores dos Institutos católicos, continuava o Papa, “sabem que não podem exercer com consciência tranqüila o ofício de ensinar que lhes foi confiado se não aceitam *religiosamente* as normas que nós estabelecemos

e se não as observam exatamente nos ensinamentos de suas matérias”.

E eis que a dois passos do Papa, na própria Secretaria de Estado, G. B. Montini não tinha escrúpulo de afirmar que os erros condenados por Pio XII eram, ao contrário, opiniões “respeitáveis”. Ele até as encorajava, assegurando em confidências que essa era a “vontade formal” do mesmo Pio XII.

Ele pretendia que Pio XII tivesse redigido a *Humani Generis* sozinho e a contragosto, porque, tendo o encargo controlador da autoridade, não podia permitir-se fazer diferente (teoria tipicamente modernista sobre a autoridade, à qual voltaremos), mas que em Roma se tinha confiança na “largueza de espírito” do episcopado francês, para que se alargassem os “caminhos da doutrina e da fé”, e — piscar de olho final — ele, Montini, sabia que os franceses eram “inteligentes”, e... a bom entendedor meia palavra basta. Assim, enquanto Pio XII fechava as portas ao neomodernismo, o Substituto Montini, pelas costas do Papa, as abria.

Mais uma vez Pio XII conheceu a traição. G. Martina S. J., na obra já citada<sup>9</sup>, após fazer alusão à interpretação da *Humani Generis* proposta pelo Substituto Montini a Jean Guitton, continua:

“Mas seu esforço [de Montini] para redimensionar a importância da intervenção pontifical não iria ter sucesso, graças a Pio XII, que se queixou, ao contrário, com o diretor da Civiltà Cattolica, dos esforços para minimizar seu documento, *que não era uma simples advertência*, e deplorou a falta de cuidado dos representantes da Companhia de Jesus, a quem ele recorrera em setembro de 1946, em seguir fielmente as diretivas pontificais.”

---

<sup>9</sup> Pp. 56-67.

Seguiram-se medidas disciplinares contra De Lubac e sua “turma”, da parte da Companhia, e contra Montini, da parte de Pio XII, como vimos acima.

### ***Poder da Autoridade a Serviço do Erro***

As coisas estavam nesse pé, e, voltando à carta de “Pio XII” a Blondel, não nos espantaremos se descobrirmos, um dia, que Pio XII, que não a assinou, dela soube pouca coisa, e soube mal. Montini, que agia como Papa sem o ser, pôs desde cedo a Autoridade Suprema do Sucessor de Pedro a serviço da “nova teologia”. E desde este momento os efeitos dessa traição foram extremamente desastrosos. A *Documentation Catholique* de 8 de julho de 1945, col. 498-99, publicou a carta assinada pelo Substituto Montini com o título “Carta do Papa a M. Blondel”, acompanhada de exposição elogiosa da “doutrina e principais obras” de Blondel. Essa exposição deplorava os “dois exclusivismos errôneos”: o racionalismo e a... teologia católica, as quais, por razões opostas, tinham manifestado “repúdio” e “incompreensão” para com a nova “filosofia cristã” de Blondel, que, ao contrário — concluía triunfante o artigo — “o testemunho de Sua Santidade Pio XII, que nos alegramos em publicar, ratifica plenamente”.

Por sua vez, Bruno de Solages, reitor do Instituto Católico de Toulouse e amigo de De Lubac, entrando na luta para defender Blondel, opunha ao Pe. Garrigou-Lagrange o argumento... de autoridade: a carta “enviada por Pio XII por intermédio de Mons. Montini”, com “elogios significativos” às obras de Blondel<sup>10</sup>. Gerard Philips (Louvaina), em seguida, em “Erasmus”<sup>11</sup>,

---

<sup>10</sup> Ver A. Russo, “Henri de Lubac...”, p. 347.

<sup>11</sup> 1946, pp. 202-205.

argumentava para defender também o sobrenatural naturalizado de De Lubac:

“Se o Pe. De Lubac refuta resolutamente a possibilidade da natureza pura, ele não é mais condenável do que os autores agostinianos que a Santa Sé tomou mais de uma vez sob sua proteção, como fez recentemente em favor de Maurice Blondel.”<sup>12</sup>

Na Itália Mons. Natale Bussi, que Mons. Rossano nos revelou, em seguida, como filomodernista<sup>13</sup>, na tradução italiana da apologética de Falcon<sup>14</sup> aniquilava a refutação lúcida e rigorosa dos erros de Blondel<sup>15</sup> pelo asterisco seguinte, acrescentado à nota 1 da página 39:

“Evidentemente não se pode identificar o pensamento de Blondel com os desenvolvimentos que L. Laberthonière, condenado pelo Santo Ofício, deu ao princípio de imanência, uma vez que Blondel, nos últimos anos, *teve o reconhecimento mais autorizado da ortodoxia de sua doutrina numa carta da Secretaria de Estado de 2 de dezembro de 1944*, carta que faz, entretanto, restrição a algumas expressões do próprio Blondel, que o rigor teológico teriam querido mais precisas.”

### ***O “Golpe de Mestre de Satanás”***

Em suma, a carta de “Pio XII” assinada por Montini foi como um ensaio do desastre pós-conciliar: a “nova teologia” varreria toda a resistência e se imporia ao mundo católico desde que pudesse contar com o apoio, ainda que “discreto”, da Autoridade Suprema. Esta ocasião lhe

---

<sup>12</sup> Citado. por H. de Lubac em *Memoria intorno alla mia opera*, Jaca Book, p. 68.

<sup>13</sup> Ver *Si Si No No*, ed. francesa, nº 134, abril de 1992.

<sup>14</sup> Ed. Paoline, 1951.

<sup>15</sup> Pp. 39 ss.

foi oferecida pela subida de G. B. Montini ao trono pontifical.

Desde seu exílio milanês, o Arcebispo de Milão continuara a encorajar os “novos teólogos” contra Pio XII e a *Humani Generis*, e sob o pontificado de João XXIII ele pôde favorecer-los ainda melhor pelo fato da ascendência que tinha sobre Roncalli. Urs von Balthasar atesta-o nos termos seguintes, em sua obra *Henri de Lubac — Sein organisches Lebenswerk*:

“O Pe. Garrigou-Lagrange lançou contra De Lubac e seus amigos a palavra de ordem do ataque contra a ‘Nova Teologia’ (1946), o Papa [Pio XII], irritado, atacou, e o *Osservatore Romano* publicou seu discurso. O padre geral Janssens, no início, comportou-se de maneira leal com De Lubac, mas, quanto mais os ataques vindos de todos os países aumentavam, mais seu comportamento se tornava diplomático. Vai-se procurar o que parece suspeito até em outras obras. Com a *Humani Generis* o raio caiu sobre o escolasticado de Lyon, e De Lubac foi mostrado como o principal bode expiatório... Seus livros difamados foram recolhidos das bibliotecas da Companhia de Jesus e retirados do comércio...”

Depois, pouco a pouco, o clima — segundo von Balthasar — se acalmou:

“Do Arcebispo Montini vieram palavras de adesão e encorajamento (foi ele que, mais tarde, quando Paulo VI, insistiu em que De Lubac, no encerramento do Congresso Tomista, na grande sala da chancelaria, falasse sobre Teilhard de Chardin)... Até a nomeação de De Lubac, por João XXIII, como consultor dos trabalhos preparatórios da Comissão Teológica, juntamente com o Pe. Congar.”

Feito cardeal por João XXIII, que lhe abriu assim o caminho para o Pontificado, G. B. Montini pôde ser finalmente Papa e pôr livremente a força da autoridade

adquirida — e que autoridade! — a serviço da “nova teologia”.

### ***A Tenacidade do “Papa Hesitante”***

Tornado Paulo VI, Montini começou a abrir as portas do Concílio aos “novos teólogos” muito mais largamente do que ele tinha conseguido influenciando João XXIII.

“Muitos teólogos de grande renome [ou ainda suspeitos do Santo Ofício, e alguns já condenados], ausentes no início, entraram progressivamente no círculo dos peritos, graças à influência discreta de Paulo VI, que lhes manifestava sua consideração recebendo-os em audiência particular, concelebrando com eles, louvando sua colaboração.”<sup>16</sup>

Paulo VI exerceu a mesma “influência discreta” sobre os Padres conciliares a fim de que, na maior parte ignorantes e confiantes em “Pedro”, ratificassem essa mesma “nova teologia” que Pio XII condenara na *Humani Generis*. Lembremos o que escreveu o jesuíta Henrici (recentemente nomeado bispo!):

“Para o *aggiornamento* os Padres conciliares deviam apoiar-se (não podendo fazer de outro modo, poderíamos dizer) no trabalho já realizado pelos teólogos antes do Concílio [...]; pelos textos aprovados pelo Concílio eles deram, pode-se dizer, uma espécie de autenticação eclesial. Se esses textos puderam parecer novos, é somente pelo fato de que o trabalho dos teólogos e o estado da teologia católica no final dos anos 50 *eram largamente desconhecidos daqueles que eram estranhos aos trabalhos (entre estes se podem enumerar muitos Padres conciliares)*, ou também porque agora uma parte dos

---

<sup>16</sup> R. Latourelle S.J., *Vatican II – Bilan et Perspectives*, ed. Citadelle-Assise, obra realizada pelas três universidades da Companhia de Jesus, em Roma, com a participação do Instituto Paulo VI.

resultados desse trabalho, que até recentemente tinha sido objeto de censura, era reconhecido como ortodoxo.”<sup>17</sup>

A “discrição” utilizada por Paulo VI, que, como atesta Mons. A. Bugnini, visava somente a evitar reações previsíveis e indesejáveis<sup>18</sup>, alimentou a lenda de um Papa hesitante, mas os fatos demonstram que Paulo VI sabia o que queria. Ele agia com “discrição”, sim, mas ainda com maior obstinação: “Com uma firmeza metódica e tenaz, que nega uma lenda igualmente tenaz, ele (Paulo VI) guia a barca”, escrevia em 1963 De Lubac, naturalmente admirativo<sup>19</sup>.

Cita-se entre os grandes adversários de De Lubac o Pe. Charles Boyer S.J., reitor da Gregoriana. O próprio De Lubac nos faz conhecer com que “discrição” e “firmeza” Paulo VI fez dobrar esse grande teólogo, achando o meio de reabilitar de um só golpe, sem outro argumento senão o de sua própria autoridade, tanto De Lubac quanto Teilhard de Chardin, cujas obras tinham sido atingidas por um *Monitum* do Santo Ofício:

“Em *Teilhard posthume*”, escreve De Lubac, “faço referência à conferência que tive de fazer sobre ele em Roma em 1963. O convite me foi feito pelo Pe. Charles Boyer, prefeito da Gregoriana. Acabei de encontrar sua carta. Quando se sabe que o padre Boyer foi o grande adversário romano de Teilhard (e também o meu!), esta carta ganha muita significação:

‘Academia Pontifical Romana de São Tomás de Aquino e de Religião Católica. Roma, 10 de junho de 1963.

Reverendo Padre, *Pax Christi*. O senhor deve ter recebido, a seu tempo, o aviso do sexto Congresso Tomista

---

<sup>17</sup> *Communio*, nov.-dez. de 1990.

<sup>18</sup> Ver A. Bugnini, *La Réforme liturgique*, pp. 297-99.

<sup>19</sup> *Mémoire autour de mes oeuvres*, Jaca Book, p. 420.



Internacional. Compreendo que outras ocupações não lhe tenham permitido interessar-se por ele. Mas eis por que ousou tornar a falar-lhe. *Tendo sido recebido nesses dias pelo Santo Padre, pude constatar a grande estima que ele tem por sua pessoa e seus escritos.* Ao mesmo tempo ele exprimiu, apesar de algumas reservas, *um julgamento sobre o Pe. Teilhard que não lhe teria desgostado.* Minhas reflexões me levaram então a pensar que, nesse Congresso, nós deveríamos ouvir uma exposição favorável ao pensamento do Pe. Teilhard de Chardin sobre nosso tema ‘*De Deo*’. Ninguém poderia fazê-lo melhor do que o senhor. Rogo-lhe, então, simplesmente, que participe do nosso Congresso, cuja data será fixada justamente antes da abertura da quarta sessão do Concílio: 6 a 11 de setembro. O senhor poderia vir somente para os últimos dias e contentar-se, se não puder mais, com uma breve comunicação...’<sup>20</sup>

Foi assim que De Lubac, pela vontade de Paulo VI e a convite de um de seus mais corajosos adversários, pôde exaltar Teilhard de Chardin S.J. na sala da chancelaria, no encerramento do... Congresso Tomista! Não se poderia melhor relatar o triunfo da “nova filosofia” e da “nova teologia” sobre a “filosofia perene” e sobre a teologia católica! A via “do ceticismo, da fantasia e da heresia” (Garrigou-Lagrange) estava aberta.

Com a mesma “firmeza metódica e tenaz”, Paulo VI fez dobrar, desencorajou e esfriou (como no caso de Mons. Lefebvre) todas as outras resistências e — o que é pior — pôs as alavancas do poder nas mãos dos “inovadores”, assegurando-lhes o futuro por uma série de reformas, incluindo a reforma das normas para a eleição do Pontífice Romano.

Diante do desastre, Paulo VI pareceu ter, ele também,

---

<sup>20</sup> *Op. cit.*, p. 451.

sua crise pessoal; mas também para ele, como para De Lubac e os “inovadores teólogos”, não foi uma conversão, e sim somente uma vã tentativa de não reconhecer a paternidade de tantas ruínas e de transferir a responsabilidade aos inovadores “abusivos”. Mas falaremos disto mais amplamente. Basta-nos agora lembrar, como demonstração do que precede, que em 1976, dois anos após os retumbantes discursos sobre a “autodemolição” da Igreja e as “fumaças de Satanás” no Templo de Deus, e dois anos antes de sua morte (1978), Paulo VI escrevia a De Lubac por ocasião de seu octagésimo aniversário:

“O senhor levantou, caro filho, um monumento mais durável que o bronze, para admiração e utilidade de todos os pesquisadores.”

Como é verdade que a perversão modernista da inteligência tira qualquer esperança de arrependimento!

## VII

# RATZINGER: UM PREFEITO SEM FÉ NA CONGREGAÇÃO PARA A FÉ

### O “TEÓLOGO” RATZINGER

A discrição e a tenacidade do Papa Montini asseguraram à “nova teologia” incontestável supremacia no mundo católico. O triunfo da “nova teologia”, entretanto, não marcou o triunfo da Fé católica. Ao contrário, “nunca uma encíclica pontifical, com apenas quinze anos, foi desobedecida em tão pouco tempo e tão completamente por aqueles que precisamente ela condenava como a *Humani Generis* (1950)”, escreveu o teólogo alemão Dörmann sobre o Concílio<sup>1</sup>. O quadro da situação atual foi traçado pelo jesuíta Henrici, “novo teólogo”:

“Enquanto as cadeiras teológicas são ocupadas pelos colegas da *Concilium* (ala avançada do modernismo), quase todos os teólogos nomeados bispos nestes últimos anos provêm dos grupos da *Communio* (ala moderada do mesmo modernismo)... Balthasar, De Lubac e Ratzinger, os fundadores [da *Communio*], todos se tornaram cardeais.”<sup>2</sup>

Nas universidades eclesiásticas, incluídas as pontificais, estudam-se os padres fundadores da “nova teologia” e fazem-se teses de doutorado sobre Blondel, De Lubac, von Balthasar. O *Osservatore Romano*, a *Civiltà Catholica* exaltam-lhes a figura e seus “pensamentos”, e a imprensa se alinha: *ad instar Principis, totus componitur orbis*.

---

<sup>1</sup> *L'Étrange théologie de Jean Paul II et l'esprit d'Assise*, Edições Fideliter.

<sup>2</sup> *30 Jours* de dezembro de 1991.

Um “novo teólogo” preside diretamente a Congregação para a Doutrina da Fé, que foi outrora a suprema Congregação do Santo Ofício: o cardeal Joseph Ratzinger.

Por comodidade de exposição, e somente por isso, vamos distinguir nele o “teólogo” do Prefeito. De fato, no caso que nos interessa, tal distinção é válida. Não estamos, com efeito, numa matéria discutível, mas no domínio da Fé. Por outro lado, um Prefeito da Congregação da Fé sem Fé é um contra-senso, e o prefeito Ratzinger está em perfeito acordo com o “teólogo” Ratzinger.

O livro do “teólogo” Ratzinger *Einführung in das Christentum* (Introdução ao Cristianismo) é apresentado como sua obra fundamental. Eis como é descrito em seu “*Rapporto sulla Fede*” com Vittorio Messori<sup>3</sup>:

“Um tipo de clássico continuamente reeditado, no qual se formou uma geração de clérigos e de leigos, atraídos por um pensamento absolutamente ‘católico’ e ao mesmo tempo absolutamente aberto ao novo clima do Vaticano II.”

Ficamos, por necessidade, somente em algumas considerações fundamentais, suficientes, entretanto, para se fazer uma idéia exata da “teologia” do atual Prefeito da Congregação para a Fé.

### ***Um Problema Muito Grave***

É verdade divina e católica, isto é, fundada na autoridade de Deus, a qual no-la revelou (Tradição e Santa Escritura), e também na autoridade do Magistério infalível da Igreja, que, em Jesus, Deus se fez homem e é precisamente a segunda Pessoa da Santíssima Trindade, e que por isso, em Cristo, duas naturezas existem (a humana e a divina), unidas na única Pessoa divina (união

---

<sup>3</sup> Edizione Paoline, p. 14.

hipostática). Aquele que quer permanecer católico e salvar-se deve professar esta verdade fundamental revelada, que a Igreja sempre e em todos os lugares propôs fosse acreditada e que ela defendeu contra a heresia (Concílio de Éfeso, Concílio de Calcedônia e V Concílio de Constantinopla). Por conseguinte, que dizer quando somos obrigados a constatar que o atual Prefeito da Congregação da Fé, ao contrário, declara em seus livros de teologia que em Jesus não foi Deus que se fez homem, mas sim um homem que se tornou Deus? Quem é de fato Jesus Cristo para Ratzinger? É esse “homem em que se manifesta a realidade definitiva de ser do homem, e que nisto mesmo é simultaneamente Deus”. Que significa isto, senão que o homem na sua “realidade definitiva” é Deus, e que Cristo é um homem que é, ou melhor, se tornou Deus, pelo único fato de que n’Ele veio à luz a “realidade definitiva de ser do homem”<sup>4</sup>?

### ***Deus é Homem, e o Homem é Deus***

O problema é, aliás, posto claramente e resolvido afirmativamente pelo próprio Ratzinger, que pergunta:

“Temos nós, então, ainda o direito de assimilar a cristologia (estudo sobre Cristo) na teologia (estudo sobre Deus)? Não devemos antes reivindicar Jesus passionalmente como *homem*, e fazer da cristologia um humanismo, uma antropologia? Ou então o homem autêntico, pelo fato mesmo de que é inteiramente e autenticamente homem, seria ele Deus, e seria Deus precisamente um homem autêntico? Será possível que o humanismo mais radical e a fé no Deus da revelação se encontrem aqui até se confundirem?”<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> *Introduction au Christianisme*, ed. Mame e Cerf, 1985, p. 126.

<sup>5</sup> P. 140. Grifo do original.

A resposta, continua Ratzinger, é que a luta desenvolvida nos cinco primeiros séculos da Igreja em torno dessas questões “chegou, nos concílios ecumênicos da época, a uma resposta afirmativa [*sic*] às três questões”<sup>6</sup>.

Isso inclui, então, a tese central, que, sem trair o pensamento do autor, podemos transcrever assim: *o homem autêntico, justamente pelo fato de ser integralmente tal, é Deus, e, em conseqüência, Deus é um homem autêntico.*

### ***Uma “Cristologia” Coerente na Heresia***

Toda a cristologia de Ratzinger se desenvolve de modo coerente em torno dessa tese fundamental, e seria muito difícil dar uma explicação diferente às afirmações que na sua obra *Introdução ao Cristianismo* se seguem em ritmo firme, entre as quais citamos as seguintes, para honestidade de nossa documentação.

“O cerne dessa cristologia joânica do Filho” seria o seguinte: “O fato de ser servidor já não é apresentado como uma ação, atrás da qual a pessoa de Jesus ficaria confinada nela mesma; ele penetra toda a existência de Jesus, de tal modo que seu próprio *ser* é serviço. E, precisamente porque este ser todo inteiro é só serviço, é ser filial. Nesse sentido, é aqui somente que a mudança de valores operada pelo cristianismo chegou a seu fim; somente aqui se torna plenamente claro que aquele que se põe inteiramente ao serviço dos outros, que se engaja no desinteresse total e na entrega de si, que se *torna* formalmente desinteressado e despojado, este é o homem verdadeiro, o homem do futuro, onde homem e Deus se encontram.”<sup>7</sup>

“O ser Jesus é pura atualidade das relações ‘a partir de’ e ‘para’. E, *pelo simples fato* de que esse ser já não é separável

---

<sup>6</sup> P. 140. Grifo do original.

<sup>7</sup> P. 152. Grifo do original.

de sua atualidade, ele *coincide com Deus*; ele se torna, ao mesmo tempo, o homem exemplar, o homem do futuro, através do qual se pode perceber quão pouco o homem começou a ser ele mesmo [quer dizer, Deus].”<sup>8</sup>

Foi a “comunidade cristã primitiva” que aplicou a Jesus pela primeira vez o Salmo 2: “Tu és meu Filho, hoje eu te engendrei. Pede e te darei as nações por herança.” Esta aplicação — diz Ratzinger — pretendia explicar apenas a convicção de que “aquele que estabeleceu o sentido da existência humana, não no poder a se autoafirmar, mas numa existência radicalmente para os outros, e que *era* esta existência para os outros, como prova a Cruz, foi só a Este que Deus disse: “Tu és meu Filho, hoje eu te engendrei””<sup>9</sup>; e Ratzinger explica: “Tu és meu Filho, hoje — isto é, nessa situação [na Cruz] — eu te engendrei”, e conclui: “A noção de filho de Deus [...] através da explicação da ressurreição e da cruz, pelo salmo 2, entrou desse modo e dessa forma na confissão de fé em Jesus de Nazaré.”<sup>10</sup>

É o bastante, por enquanto.

### ***A Reviravolta***

Para Ratzinger, pois, Jesus não é Deus porque Filho natural de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos, “gerado, não criado, consubstancial ao Pai”, porque sua Pessoa divide *ab aeterno* a infinita natureza divina e assim possui as perfeições infinitas, mas é um homem que “veio para coincidir com Deus” quando na cruz ele encarnou o “ser pelos outros”, o “altruísta por antonomásia”. Ele se distingue, então, de nós e dos outros homens somente

---

<sup>8</sup> P. 153. Grifo nosso.

<sup>9</sup> P. 146.

<sup>10</sup> P. 147.

pelo grau de desenvolvimento humano atingido e não pelo abismo que separa Deus do homem, o Criador da criatura. A cristologia da Igreja é rejeitada por Ratzinger como “uma cristologia triunfalista, que não sabe o que fazer do homem crucificado e do servidor [sic], para inventar de novo, em seu lugar, um mito de Deus ontológico”<sup>11</sup>. À “cristologia triunfalista” que cria um “mito de Deus ontológico”, Ratzinger opõe sua “cristologia de serviço”, que afirma encontrar em São João, e pela qual “Filho” significaria unicamente “servidor perfeito”.

Em compensação, o homem Jesus, que, por seu serviço perfeito, veio para “coincidir com Deus”, revela ao homem que o homem é um Deus “em formação”, e que entre o homem e Deus há uma identidade essencial. E traindo também Dante, Ratzinger nos diz que “isso faz pensar no final comovente da *Divina Comédia*, de Dante, onde na contemplação do mistério de Deus o poeta, no meio desse ‘todo poder do Amor que move em harmonia o sol e os astros’, percebe com espanto bem-aventurado uma imagem à sua semelhança, um rosto de homem”<sup>12</sup>.

### ***A Confirmação sem Equívoco***

Este pensamento de Ratzinger é confirmado sem equívoco pela concepção de Cristo como “último homem”<sup>13</sup>. Aqui Ratzinger *força* a interpretação de outra passagem da Sagrada Escritura (precisamente de São Paulo), descuidando de que a exegese católica deve guardar o sentido que sempre manteve nossa Santa Madre Igreja nas passagens que tocam o dogma:

“E que diferença de perspectiva, por outro lado, quando

---

<sup>11</sup> P. 152.

<sup>12</sup> Pp. 125-126.

<sup>13</sup> Dada a partir da p. 158.



se retoma a idéia paulina segundo a qual Cristo é o ‘último homem’ (I Cor. 15, 45), o homem definitivo, que introduz o homem no seu futuro, um futuro que consiste em *não ser simplesmente homem, mas em ser um com Deus.*”<sup>14</sup>

Logo após, sob o título “O Cristo, ‘o último homem’”, ele prossegue:

“Chegamos ao ponto onde podemos tentar resumir a significação da confissão de fé: *eu creio em Cristo Jesus, o Filho único de Deus nosso Senhor.* Depois de todas as nossas reflexões, deveríamos poder afirmar de início o seguinte: a fé cristã reconhece em Jesus de Nazaré o *homem exemplar* — esta é, parece-me, a melhor maneira de entender o conceito paulino do ‘último Adão’ evocado acima [que, ao contrário, significa somente o ‘segundo Adão’, chefe da humanidade resgatada em oposição ao ‘primeiro Adão’]. Mas é *precisamente como homem exemplar, como homem tipo, que ele transcende o limite do humano.* É somente por isso que ele é o homem realmente exemplar.”<sup>15</sup>

E o motivo seria o seguinte:

“É a abertura ao Todo, ao Infinito, que faz o homem. O homem é homem pelo fato de que tende infinitamente para além de si mesmo; ele será, por conseqüência, tanto mais homem quanto menos voltado para si mesmo, menos ‘limitado’ [*beschränkt*]. Mas então — repetimos — *será o mais homem, o homem verdadeiro, o que for mais ilimitado [ent-schränkt], o que não somente entrar em contato com o infinito [Infinito] mas for um com ele: Jesus Cristo.* Nele, o processo de *hominização* chegou verdadeiramente a seu termo.”<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> P. 158.

<sup>15</sup> P. 158. Grifo nosso.

<sup>16</sup> P. 159. Grifo nosso.

## O “Mérito” de Teilhard

E, a fim de dissipar toda e qualquer dúvida tanto acerca de seus pensamentos quanto acerca das “fontes” de sua “teologia”, Ratzinger chama o mais triste e ousado dos “novos teólogos”, Teilhard de Chardin, o jesuíta “apóstata” (R. Valnève):

“É um grande mérito de Teilhard de Chardin ter repensado essas relações a partir da imagem atual do mundo, [...] tê-las de novo tornado acessíveis.”<sup>17</sup>

Seguem-se numerosas citações das obras de Teilhard. Bastará para nós mostrar a última, que é também a conclusão:

“o desvio cósmico põe-se ‘na direção de um inacreditável estado quase mononuclear [...] onde cada *ego* é destinado a atingir seu paroxismo em algum misterioso *superego*’. É verdade que o homem, enquanto *ego*, representa um fim, mas a direção do movimento do ser, de sua própria existência, o revela como um organismo destinado a um *superego* que não o dissolve, mas sim o engloba: somente essa integração poderá fazer aparecer a forma do homem vindouro, na qual o homem terá atingido plenamente o fim e o cume de seu ser [a perfeita “humanização”, impropriamente chamada divinização ou sobrenatural].”<sup>18</sup>

E este delírio monístico-panteísta seria para Ratzinger o conteúdo da... cristologia de São Paulo!

“Percebe-se certamente que essa síntese, elaborada a partir da visão atual do mundo, com um vocabulário às vezes sem dúvida demasiado biológico, é entretanto fiel à cristologia paulina, cuja orientação profunda é bem percebida e levada a uma nova inteligibilidade: a fé vê em

---

<sup>17</sup> P. 160.

<sup>18</sup> P. 162.

Jesus o homem em que se realizou — para retomar o esquema biológico — *a mutação seguinte do processo de evolução...* A partir daí, a fé verá em Cristo o começo de um movimento que faz entrar cada vez mais a humanidade dividida no ser de um único Adão, de um único ‘corpo’, no ser do homem do futuro. Ela verá em Cristo o movimento para esse futuro do homem, no qual este é totalmente ‘socializado’, incorporado ao Único.”<sup>19</sup>

Estamos na perfeita reviravolta da Fé católica: não é Deus que se fez homem, mas o homem que se manifestou Deus em Jesus Cristo.

### As “Fontes”

Como Ratzinger chegou a essa reviravolta? O cardeal Siri explica-nos em *Gethsémani — Réflexions sur le mouvement théologique contemporain*. O “monismo cósmico” ou “antropocentrismo fundamental” em que Ratzinger dissolve a teologia é o termo obrigatório do erro de De Lubac acerca do “sobrenatural” implicado no natural, onde o “sobrenatural” vem necessariamente coincidir com o desenvolvimento máximo da natureza humana. Escreve De Lubac: “Revelando o Pai e sendo revelado por Ele, [Cristo] acabou por revelar o homem a si mesmo [...]. *Por Cristo a pessoa é adulta, o homem emerge definitivamente do Universo*”.<sup>20</sup> É exatamente a “cristologia” de Ratzinger em germe. O próprio cardeal Siri pergunta: “Qual pode ser o sentido dessa afirmação? Cristo é somente homem, ou o homem é divino?”<sup>21</sup> Acrescentemos que o “sobrenatural” que se explica pelo natural está também no centro da “nova filosofia” de Blondel, que explica o

<sup>19</sup> Pp. 162-163. Grifo nosso.

<sup>20</sup> H. de Lubac, *Catholicisme*, ed. du Cerf, Paris, 1928, 4ª. ed., 1947, pp. 295-96.

<sup>21</sup> *Gethsémani...*, p. 60.

“*consortium divinae naturae*”, a participação do homem na natureza divina, como uma “restituição, por assim dizer, de Deus a Deus, em nós”<sup>22</sup>.

O erro de De Lubac (e de Blondel) — demonstra Siri — amadureceu, posteriormente, em K. Rahner, S.J., que pergunta: “Pode-se ver a união hipostática na linha desse aperfeiçoamento absoluto do que é o homem?”<sup>23</sup> A resposta positiva, antes que se achar em Ratzinger, está no próprio Rahner, que “altera radicalmente o pensamento e a fé da Igreja a propósito do mistério da Encarnação do Verbo de Deus em Jesus Cristo tal como é relatado no Evangelho e pela Tradição”.<sup>24</sup> E Ratzinger altera também o pensamento e a fé da Igreja exatamente no mesmo sentido que faz Rahner. Ratzinger, aliás, foi e fica sendo, apesar de alguns distanciamentos secundários, substancialmente o discípulo de Rahner (foi até seu fiel colaborador durante o Concílio<sup>25</sup>). “Em Rahner”, escreve Siri, “aparece claramente uma antropologia fundamental que não somente concorda com o pensamento do Pe. De Lubac mas o excede, de modo que transforme, na consciência dos adeptos da nova teologia, artigos de fé, como por exemplo o da Encarnação e o da Imaculada Conceição.”<sup>26</sup> E ainda:

“Quando se age, quando se pensa e quando se fala de modo que se enunciem postulados como o da identidade da essência de Deus e do homem [é justamente o postulado da ‘cristologia’ de Ratzinger], que desmorona a doutrina proveniente da revelação, não se segue um caminho de verdade, mas sim de erro [ou mais exatamente

---

<sup>22</sup> Carta a De Lubac, 5 de abril de 1932.

<sup>23</sup> K. Rahner, *Nature et Grâce*, p. 79, citado em *Gethsémani*.

<sup>24</sup> *Gethsémani*, p. 85.

<sup>25</sup> Ver R. Wiltgen, *Le Rhin se jette dans le Tibre*. [Este livro será lançado proximamente pela Editora Permanência. (N. do E.)]

<sup>26</sup> *Op. cit.*, p. 78.

de heresia] [...]. Eis o ponto aonde se chegou, partindo de um conceito [errado] concernente a um grande mistério, como o mistério do sobrenatural, artificialmente apresentado [por De Lubac e companhia] como fazendo parte da doutrina da Igreja... Um por um, todos os princípios, todos os critérios e todos os fundamentos da fé foram postos em questão e se quebram.”<sup>27</sup>

***“No Caminho da Fantasia, do Erro e da Heresia”, o Retorno ao Modernismo***

O cardeal Siri faz eco ao padre Garrigou-Lagrange O.P., que já em 1946 tinha assim resumido a “cristologia” da “nova teologia”: “Assim o mundo material teria evoluído para o espírito, e o mundo do espírito evoluiria naturalmente, por assim dizer, para a ordem sobrenatural e para a plenitude do Cristo. Assim, *a Encarnação do Verbo, o Corpo místico, o Cristo universal, seriam momentos da Evolução...* Eis o que resta dos dogmas cristãos, nessa teoria que se afasta de nosso Credo na mesma medida em que se aproxima do evolucionismo hegeliano.”<sup>28</sup> E o grande teólogo dominicano lançou seu grito de alarme:

“Para onde vai a ‘nova teologia’? Ela volta ao modernismo pela via da fantasia, do erro, da heresia.”<sup>29</sup>

Ratzinger sustenta, repetindo assim o velho jogo de seus “mestres”, que esse delírio monístico-panteísta, além de na “cristologia paulina” (interpretada por Teilhard), se encontraria nas “mais antigas profissões de fé” e no Evangelho de São João, e nos tornaria “claro” o verdadeiro “sentido” dos dogmas de Éfeso e de Calcedônia. Esta afirmação, entretanto, além de ser insustentável, constitui

---

<sup>27</sup> *Op. cit.*, pp. 74 ss e 82.

<sup>28</sup> “*La nouvelle théologie, où va-t-elle?*”.

<sup>29</sup> *Idem.*

por si mesma outra gravíssima heresia. Se assim fosse, de fato, deveríamos dizer que a Igreja, infalível pela promessa divina, já desde os primeiros séculos (e até à “nova teologia”)... perdeu a memória, esquecendo o sentido da doutrina de São Paulo, do Evangelho de São João, das mais antigas profissões de fé e dos dogmas cristológicos e da própria Revelação divina!

A triste realidade é bem outra: Ratzinger retoma, muitas vezes literalmente, como demonstramos, os “mestres” da “nova teologia” e com eles, trocando a “filosofia do ser” pela filosofia do “devir”, repudiando a Tradição e o Magistério, marcha “tranqüilamente” (para utilizar um termo de que ele gosta) “no caminho da fantasia, do erro e da heresia”, voltando ao modernismo, que “no Cristo não reconhece nada além de um homem”, ainda que fosse ele “de natureza muito elevada, como nenhum outro parecido foi ou será”, e que, por outro lado, no homem vê um Deus, porque, se o “princípio da fé é imanente no homem... esse princípio é Deus”, e então “Deus é imanente no homem”. Para alguns modernistas o sentido panteísta “é o mais coerente com o resto de suas doutrinas”<sup>30</sup>.

Por necessidade (temos somente um artigo para opor a um livro cheio de “fantasias”, de “erros” e de “heresias”), limitamos nossa atenção à “cristologia” de Ratzinger. O leitor, entretanto, pode bem compreender que, sendo alterado este ponto fundamental da cristologia, todo o resto será contaminado: a soteriologia (doutrina da salvação), a “satisfação vicária” (por intermédio de Cristo), seria somente uma invenção medieval de Santo Anselmo de Óstia!; algo semelhante se daria com mariologia (a concepção virginal fica nas nuvens, e, para serem coerentes, da maternidade divina nem se fala) e com todos

---

<sup>30</sup> São Pio X, *Pascendi*.

os artigos do Credo que Ratzinger cita em sua obra *Introdução ao Cristianismo*, que se deveria intitular mais corretamente *Introdução à Apostasia*.

### ***O Prefeito***

Será que o prefeito Ratzinger desmentiu o teólogo Ratzinger? Pelo contrário, suas obras “teológicas” continuam a ser reimpressas sem mudanças (a versão italiana, *Introduzione al Cristianesimo*, está na oitava edição); o prefeito Ratzinger nunca pensou em corrigir ou retirar coisa alguma. Sobre essas obras “teológicas” poderão continuar a se formar outras “gerações de clérigos”, que ignorarão a teologia católica e deformarão as verdades mais elementares da fé católica.

O prefeito Ratzinger faz ainda mais: mantém sob seu patrocínio, nela colaborando, a revista *Communio*, órgão de imprensa “dos que pensam que venceram”, que ele fundou com De Lubac e von Balthasar. Em 28 de maio de 1992, Ratzinger, fortalecido por seu prestígio de Prefeito pela Fé, podia celebrar o vigésimo aniversário da *Communio* diretamente em Roma, no grande anfiteatro da Gregoriana, diante de uma platéia cheia de cardeais e de professores das faculdades teológicas romanas. A *Communio*, impressas em diversas línguas e com o patrocínio do Prefeito da Congregação para a Fé, indica oficiosamente, mas claramente, ao clero dos diversos países a linha aceita por Roma: a de Blondel, de De Lubac, de von Balthasar, a “via do erro, da fantasia, da heresia” (*30 Jours* de dezembro de 1991 chama-a “teia de aranha”, sem dar contudo o exato sentido da fórmula).

### ***O “Jogo dos Partidos”***

Será então por acaso que os colaboradores da *Communio* ocupem sucessivamente as sedes episcopais que se tornam

vacantes? *Il Sabato* (6 de junho de 1992), num artigo que celebrava o vigésimo aniversário da *Communio*, escrevia:

“Vinte anos se passaram, a *Communio* venceu, ao menos no que concerne à batalha pela hegemonia eclesial. Aos três teólogos ‘dissidentes’ [Ratzinger, De Lubac, von Balthasar], que nessa noite, via Aurelia, levaram a idéia à pia batismal, a Igreja concedeu a mais prestigiosa recompensa: o chapéu cardinalício.

Mas houve glória para todos. Os mais eméritos colaboradores da *Communio* foram promovidos a bispos! Os alemães Karl Lehmann e Walter Kasper, o italiano Angelo Scola, o suíço Eugênio Corecco, o austríaco Cristoph von Schönborn, o belga André Jean Léonard, o brasileiro Karl Romer. Uma tropa de bispos-teólogos cuja influência vai muito além de suas jurisdições diocesanas. Um verdadeiro *think tank* [tanque de pensamentos] da Igreja de Karol Wojtyła.”

Não é por acaso que “as cadeiras teológicas são dominadas pelos colegas de *Concilium*”<sup>31</sup>.

Não é o prefeito Ratzinger que os deixa tranqüilos e impunes? E tudo isso não corresponde perfeitamente ao conceito modernista da autoridade, denunciado por São Pio X na *Pascendi*, e que nós colhemos dos lábios de Mons. Montini em seu encontro com Jean Guitton?<sup>32</sup> Para os modernistas — explica São Pio X — a evolução doutrinal da Igreja “é como o resultado de duas forças que se combatem, uma progressista e a outra conservadora”, e o exercício da força conservadora “é próprio da autoridade da Igreja”, cabendo pois à força progressista estimular a evolução. É lógico, segundo a lógica modernista, que os ultraprogressistas da *Concilium* e os “moderados” da *Communio* dividam as tarefas: aos colaboradores da

---

<sup>31</sup> *30 Jours* de dezembro de 1991.

<sup>32</sup> Ver *Si Si No No*, ed. francesa, n° 148, de jul.-ago. de 1993.



*Concilium*, como “força progressista”, as Universidades, o domínio da pesquisa teológica; à autoridade religiosa, a “hegemonia eclesiástica”. Nenhuma ilusão, então: atualmente já não há luta alguma entre “católicos liberais” e “católicos conservadores”; os “conservadores”, isto é, os católicos mesmos, foram eliminados do quadro eclesiástico oficial; a luta é entre modernistas que tiram até o fim as conclusões de seus princípios errados e modernistas “moderados”; não se trata de verdadeira luta, mas sim de escaramuça ou, mais exatamente, de “jogo de partidos”.

### ***Roma Ocupada pelos “Novos Teólogos”***

Como elemento motor do trem da “nova teologia”, o prefeito Ratzinger encheu Roma de “novos teólogos”, e em particular a Congregação para a Fé e as Comissões que ele preside. E é assim que, para “promover a sã doutrina”, na prefeitura do cardeal Ratzinger encontramos, entre outros, um bispo Lehmann, que nega a Ressurreição corporal de Jesus<sup>33</sup> (mas, para Ratzinger também, Jesus é “aquele que morreu na cruz e que aos olhos da fé [*sic*] ressuscitou”<sup>34</sup>); um Georges Cottier O.P., “grande experto” em maçonaria e “participante do diálogo entre a Igreja e as lojas”; um Albert Vanhoye S.J., para quem “Jesus não era padre” (mas Ele não o é também para Ratzinger, nem para o “mestre” Rahner); um Marcel Bordoni, para quem ficar ancorado no dogma cristológico de Calcedônia é um intolerável “fixismo” (mas isto também o é para Ratzinger).

É assim que na Comissão Bíblica Pontifical, ressuscitada de sua longa letargia e da qual o prefeito Ratzinger é Presidente *ex officio*, se sucederam como Secretário um

---

<sup>33</sup> Ver *Sim Sim Não Não*, nº 10, de outubro de 1993, p. 5.

<sup>34</sup> P. 146.

Henri Cazelles, sulpiciano, pioneiro da exegese neomodernista, cuja *l'Introduction à la Bible* foi, a seu tempo, objeto de censura por parte da Congregação Romana para os Seminários<sup>35</sup>, e depois Albert Vanhoye S.J., já citado. Entre os membros encontramos um Gianfranco Ravasi, que se bate publicamente com a Sagrada Escritura e com a Fé, e um Giuseppe Segalla, que nega a João seu Evangelho e divulga o mais acentuado criticismo<sup>36</sup>.

É assim que na Comissão Teológica Internacional, de que Ratzinger é o presidente e onde os membros são escolhidos sob sua proposta, figuram, entre outros, o bispo Walter Kasper, para quem esses textos evangélicos “onde se fala de um Ressuscitado que se toca com as mãos e que come com seus discípulos” são “afirmações grosseiras... que trazem o perigo de justificar uma fé pascal demasiado ‘cor-de-rosa’” (mas Ratzinger também não gosta de uma “representação pesadamente terrestre da ressurreição”<sup>37</sup>); o bispo Christoph Schönborn O.P., secretário redacional do novo “catecismo” e que, no primeiro aniversário da morte de von Balthasar, celebrou-lhe a super-Igreja ecumênica, a “católica” não-católica, na igreja de Santa Maria em Basileia<sup>38</sup>; o bispo André Jean Léonard, hegeliano... bispo de Nemur, responsável pelo Seminário São Paulo para onde Lustiger envia seus seminaristas. Tudo em família!<sup>39</sup> etc. etc.

### ***Com (e sem) Discrição***

Que dizer, em seguida, dos meios mais “discretos”, mas não menos eficazes, pelos quais o prefeito Ratzinger

---

<sup>35</sup> Ver *Si Si No No*, ed. francesa, nº 105, de jul.-ago. de 1989.

<sup>36</sup> Ver *Si Si No No*, ed. italiana, ano IV, nº 11, p. 2.

<sup>37</sup> *Introdução ao Cristianismo*, p. 219.

<sup>38</sup> Ver *H. U. von Balthasar, Figura e opera*, ed..Piemme, pp. 431 ss.

<sup>39</sup> *30 Jours* de dezembro de 1991, p. 67.

faz a promoção da “nova teologia”? Walter Kasper foi nomeado bispo de Rottenburg, Stuttgart. Seu “velho colega” Ratzinger lhe escreve: “Para a Igreja católica, num período turbulento, você é um dom precioso.”<sup>40</sup> Urs von Balthasar morre na véspera de receber a merecida “distinção honorífica do cardinalato”. O prefeito Ratzinger pessoalmente pronuncia a oração fúnebre no cemitério de Lucerne, mostrando no defunto um teólogo “*probatus*”.

“O que o Papa queria exprimir por este gesto de reconhecimento”, diz Ratzinger, “ou mesmo de honra, permanece válido: já não são somente particulares, pessoas privadas, mas a Igreja na sua responsabilidade ministerial oficial [*sic*] que nos diz que é preciso um autêntico mestre de fé, um guia seguro para as fontes de água viva, uma testemunha da Palavra, pela qual nós podemos ensinar Cristo, ensinar a vida.”<sup>41</sup>

O prefeito Ratzinger, além disso, é o cabeça do grupo que patrocina a abertura em Roma de um “centro de formação para candidatos à vida consagrada”, formação “inspirada pela vida e pelas obras de Henri de Lubac, Hans Urs von Balthasar e Adrienne von Speyr”<sup>42</sup>.

Enfim, para conter nosso assunto nos limites do necessário, o prefeito Ratzinger apresentou à imprensa a “Instrução sobre a Vocação Eclesial do Teólogo, sublinhando que esse documento “afirma — talvez pela primeira vez com essa clareza — que há decisões do magistério que não podem ser uma palavra definitiva sobre o assunto enquanto tal, mas são uma âncora substancial no problema e antes de tudo também uma

---

<sup>40</sup> *30 Jours* de maio de 1989.

<sup>41</sup> Citado de Lehmann e Kasper, *H. U. von Balthasar, Figura e opera*, ed. Piemme, pp. 457 ss.

<sup>42</sup> *30 Jours* de ago.-set. de 1990.

expressão de prudência pastoral, uma espécie de disposição provisória”<sup>43</sup>. E Ratzinger forneceu alguns exemplos de “disposições provisórias” hoje “ultrapassadas nas particularidades de suas determinações”: 1) as “declarações dos Papas do último século sobre a liberdade religiosa”; 2) as “decisões antimodernistas do início deste século”; 3) as “decisões da Comissão Bíblica da época”. Resumindo: os três patamares opostos pelos Pontífices Romanos ao modernismo nos domínios do social, do doutrinal e do exegético.

Será necessário acrescentar outra coisa para demonstrar que o prefeito Ratzinger está em perfeito acordo com o “teólogo” Ratzinger? Sim, devemos acrescentar que Elio Guerriero, redator-chefe da *Communio* (edição italiana), está perfeitamente de acordo conosco quanto a este ponto. Ilustrando o vitorioso avanço da “nova teologia na revista *Jésus* de abril de 1992, ele escrevia: “Sempre em Roma é preciso assinalar o trabalho cumprido por Joseph Ratzinger tanto como teólogo quanto como prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé.” Assim, do “restaurador” Ratzinger só resta o mito.

### ***O Mito do “Restaurador”***

Não é difícil entender como este mito pôde nascer. No prefácio de *Introduzione al Cristianesimo*<sup>44</sup>, por exemplo, Ratzinger escreve: “O problema de conhecer exatamente o conteúdo e a significação da fé cristã é hoje cercado por um nebuloso halo de incerteza, denso e espesso como talvez nunca tenha sido antes na história.” E isto porque “aqueles que seguiram ao menos um pouco o movimento teológico no último decênio e que não pertencem ao rebanho dos desmiolados que consideram as novidades

---

<sup>43</sup> *Osservatore Romano* de 27 de junho de 1990, p. 6.

<sup>44</sup> Ed. italiana de 1968 da obra de Ratzinger *Einführung in das Christentum*.

sempre e sistematicamente como automaticamente o melhor” se preocupam em saber se “nossa teologia [...] não seguiu talvez o caminho de uma interpretação gradualmente redutora da reivindicação de nossa fé, que parecia demasiado opressiva, simplesmente porque nada de importante parecia perder-se com isso, mas, mesmo que muitas coisas ficassem ainda, que se pudesse logo depois ousar dar outro passo adiante [...]”<sup>45</sup>.

Que católico, que ame a Igreja e sofra com a crise atual, não subscreveria afirmações parecidas? Já há nesse Prefácio, deixado intacto desde 1968, o que basta para criar em volta de Ratzinger o mito de “restaurador”. Mas o que opõe Ratzinger à demolição progressiva da Fé perpetrada pela teologia contemporânea? Opõe a absolvição geral dessa mesma teologia, da qual — declara — “não se pode afirmar [...] honestamente que [...], tomada no seu conjunto, ela tenha desembocado em tal direção”. E sobretudo opõe como corretivo a mesma negação da Tradição e do magistério pela qual a teologia dos últimos decênios chegou a envolver “o conteúdo e a significação da fé cristã” num “nebuloso halo de incerteza [...] espesso e denso como talvez jamais tivesse sucedido antes na história”. À tendência criticada, sempre mais redutível, dessa teologia, de fato, segundo Ratzinger, “não se poderá seguramente remediar por uma obstinação em ficar atado somente ao metal nobre das fórmulas fixas em vigor no passado, que permanece no fim [não as declarações solenes do Magistério, mas] simplesmente sempre uma pilha de metal: um ponto que sobrecarrega em vez de facilitar, em virtude de seu valor, a possibilidade de atingir a verdadeira liberdade, que vem assim perder sub-repticiamente o lugar da verdade”<sup>46</sup>.

Que em seguida esse preâmbulo conduza, também

---

<sup>45</sup> P. 7.

<sup>46</sup> Prefácio da *Introduzione al Cristianesimo*, p. 8.

“certamente”, ao ponto aonde chegou a “teologia” contemporânea parece escapar a Ratzinger. E, no entanto, seu livro inteiro está aí para demonstrá-lo. Já São Pio X notava que todos os modernistas eram incapazes de tirar, de suas premissas erradas, as conclusões verdadeiramente inevitáveis<sup>47</sup>.

Ratzinger é sempre assim: aos excessos, de que guarda distância, ele não opõe jamais a verdade católica, mas um erro aparentemente mais moderado, o qual, porém, na lógica do erro, conduz às mesmas conclusões ruinsas.

Ratzinger qualifica-se a si próprio, no *Rapporto sulla Fede*, de “progressista equilibrado”. Defende uma “evolução tranqüila da doutrina” sem “arrancadas solitárias avante”, mas também “sem nostalgia por um ontem irremediavelmente passado”, isto é, pela Fé católica deixada tranqüilamente para atrás<sup>48</sup>. Se não gosta do progressismo de ponta, Ratzinger não gosta também da Tradição católica:

“É só ao *hoje* da Igreja que devemos ficar fiéis, não ao *ontem* nem ao *amanhã*”.<sup>49</sup>

É por isso que o católico, que tem fé e ama a Igreja, poderá subscrever algumas afirmações críticas de Ratzinger (e também de De Lubac e de von Balthasar no fim de sua vida); mas, se examina o que o pretendo “restaurador” propõe em substituição aos “abusos” deplorados, não pode aprovar uma linha. E isto porque a inclinação é sempre a mesma e, ainda que mais lenta, conduz ao mesmo repúdio total da Revelação divina, isto é, à apostasia. As obras do “teólogo” Ratzinger estão aí para demonstrá-lo de maneira incontestável.

---

<sup>47</sup> Ver *Pascendi*.

<sup>48</sup> Pp. 16-17.

<sup>49</sup> P. 32. Grifo do original.

## VIII

# O PONTIFICADO DE KAROL WOJTYLA, TEMPOS DE PROVAÇÃO MUITO GRAVE PARA A IGREJA

### *UMA ENORME PROVAÇÃO*

E se um “novo teólogo” vem sentar-se na cátedra de Pedro? Sem nenhuma dúvida a Igreja sofre, em tal caso, uma provação sem igual, por diversos motivos. Primeiro, já que se trata de neomodernismo, “não foi nos ramos ou nos rebentos que [os erros teológicos pessoais do Papa] puseram o machado, mas na própria raiz, isto é, na fé e nas suas fibras mais profundas”<sup>1</sup>. E mais: esses erros “teológicos” influenciarão profundamente o mundo católico: o católico está habituado a pensar que a fé pessoal do Papa se identifica com a da Igreja, e no mundo católico, mais do que em qualquer outra sociedade, se verifica o ditado “*ad instar Principis totus componitur orbis*”: todos se alinham com a atitude daquele que se senta no trono de Pedro. Por causa disto um Papa pode impor *de facto*, sem nenhuma imposição formal, uma orientação herética a todo o curso eclesial. Vimos isso na ação “discreta” do Papa Montini em favor do neomodernismo ou “nova teologia”. A provação é então enorme, mas não insuportável. Procedamos por etapas.

### *Karol Wojtyla, “Novo Teólogo”*

Se o Papa Montini foi admirador entusiasta dos “novos

---

<sup>1</sup> São Pio X, *Pascendi*.

teólogos”, João Paulo II é pessoalmente favorável à “nova teologia”. O teólogo alemão Johannes Dörmann demonstrou-o num estudo sereno, objetivo e científico sobre os escritos de Karol Wojtyła: *L'étrange théologie de Jean Paul II et l'esprit d'Assise*<sup>2</sup>.

A obra, primeiro volume de uma trilogia por completar, examina a “teologia” que inspirou a iniciativa ecumênica de Assis e demonstra que essa “teologia” já está presente nos textos de Wojtyła professor, bispo e cardeal. O autor propõe-se demonstrar, em seguida, que a mesma “nova teologia” constitui o cerne das encíclicas doutrinárias de João Paulo II (segundo volume) e é a fonte de inspiração de suas viagens pastorais à África e à Ásia (terceiro volume). Resumiremos aqui, brevemente, o conteúdo do primeiro volume, que é fundamental e suficiente para o fim a que nos propomos.

O erro central da “teologia” de Karol Wojtyła, erro que está na base de seu ecumenismo e, logo, na iniciativa de Assis, é este: não somente o Cristo morreu por todos os homens (como ensina a Igreja católica), mas (eis a novidade) cada homem, “quer o saiba, quer não o saiba, quer aceite, quer não aceite a fé”<sup>3</sup>, está, desde o início, desde o nascimento, em estado de redenção efetiva, ainda que inconsciente. E isto vale para todos os homens, de todos os tempos e de todos os lugares.

Esta tese contradiz a Sagrada Escritura, a Tradição, o dogma da Igreja, e, segundo o julgamento de Dörmann, não tem base sólida nem sequer nos textos do Concílio. Por outro lado, ela se prende à “nova teologia”, que afirma a salvação incondicional de todos os homens, a redenção universal já não somente objetiva, mas também subjetiva: não somente todos podem salvar-se, mas todos já estão salvos (o que lembra o “o inferno existe, mas está vazio”

<sup>2</sup> Ed. Fideliter, França.

<sup>3</sup> K. Wojtyła, *Segno di contraddizione*, Milão, 1977.



de von Balthasar). Desta nova concepção da redenção subjetiva ou justificação universal decorre uma nova ecclesiologia, um novo conceito de Revelação e de Fé.

### ***Uma Nova Ecclesiologia***

Se o Filho de Deus, como quer o “teólogo” Wojtyla, por sua Encarnação, se uniu a cada homem, se a “existência no Cristo” é a dimensão religiosa de todos os homens, se “cada homem concreto, histórico”, após o primeiro instante de sua existência, “quer ele o queira, quer não, quer o aceite, quer não” (e, portanto, independentemente da fé e do batismo), é unido sobrenaturalmente a Cristo, disso resulta:

1) que qualquer homem pertence de certa forma à Igreja;

2) que a Igreja coincide com toda a humanidade, que forma com Cristo um organismo, por assim dizer, naturalmente sobrenatural.

É evidente que a noção de Igreja que daí resulta é essencialmente modificada, e que a distinção entre natureza e graça e entre Igreja e humanidade é radicalmente destruída. É o que queriam, justamente, Blondel e De Lubac, que, contra o pensamento da Igreja, julgavam tal distinção um “dualismo” intolerável, o qual se devia “ultrapassar” a todo o custo.

### ***Uma Nova Noção de Revelação***

A Igreja e a humanidade, então, segundo a “nova teologia” de João Paulo II, não se distinguem em seu ser profundo, porque esse “ser profundo” é a própria “existência no Cristo”, mas distinguem-se somente no grau de consciência que têm de seu ser profundo (é substancialmente a tese dos “cristãos anônimos” de K. Rahner S.J. e dos “cristianismos anônimos” de von Balthasar). E aqui vemos emergir uma nova noção de

Revelação. Nosso Senhor Jesus Cristo não teria feito nada além de “manifestar plenamente o homem a si mesmo”, não lhe mostrando, como ensina a Igreja católica, seu estado original de pecador e, logo, sua necessidade radical de redenção, que ele deve obter pela fé e pelo batismo, e sim manifestando ao homem seu estado original de redenção inconsciente mas efetiva, seu estado “naturalmente sobrenatural”. E o que distingue o cristão do não-cristão é a consciência do primeiro e a inconsciência do segundo. Essa “revelação” exterior de Cristo é secundária e não estritamente necessária, porque pode existir, e existe necessariamente também, uma revelação interior, comum a todos os homens (fiéis e infiéis) e a todas as religiões (que, então, já não se podem distinguir entre verdadeiras e falsas).

### *Uma Nova Noção de Fé*

Postas assim as coisas, a fé torna-se somente a tomada de consciência do que preexiste no homem, do “sobrenatural” original inato, implícito na natureza humana, e essa tomada de consciência pode vir, sim, graças à revelação de Cristo, mas pode vir, e até vem necessariamente, de certa maneira, na “fé” dos “cristãos anônimos” (que não são mais do que infiéis), assim como nos “cristianismos anônimos” (que não são mais do que falsas religiões).

### *A “Teologia” de Assis*

Daí vem o “irreversível” diálogo ecumênico, que — dizemos nós — é a “nova” noção de missão; daí a iniciativa de Assis, cujo “espírito” está justamente na “nova teologia” de Karol Wojtyła:

“A redenção universal é a base comum... Todas as religiões possuem verdadeiras revelações, conhecimentos e experiência de Deus. A fé engloba todos os ‘fiéis’ de todas as religiões. A fé é a fé na humanidade. Mas a ‘revelação oferecida aos homens em Cristo’, a fé cristã, então, é... a fé que explica verdadeira e definitivamente o ‘mistério do homem’, ‘a existência em Cristo’ [daí o apelo a Cristo no discurso final de João Paulo II em Assis]. Essa ‘oferta’ não é, portanto, de nenhum modo necessária à salvação; não é exclusiva e única. Encontram-se também nas outras religiões revelação, fé e experiência de Deus. Sobre a base da liberdade religiosa, o diálogo inter-religioso, troca fraternal de experiências religiosas com vistas a um enriquecimento mútuo, é o caminho dourado conduzindo à paz religiosa.”<sup>4</sup>

Não podemos citar tudo, e remetemos à obra de Dörmann para a documentação relativa a esse texto.

### ***Retorno ao Modernismo***

Não se pode negar que, com a “nova teologia” do Papa Wojtyla, voltamos ao modernismo, que reduz a fé (e a própria Revelação, ou ao menos seu princípio) ao sentimento e à experiência religiosa: “esse sentimento que aparece na consciência é Deus que, nesse sentimento, ainda que confuso, se manifesta à alma...”<sup>5</sup> Compreende-se assim o favor dado por João Paulo II aos movimentos eclesiais atuais, todos mais ou menos carismáticos, fundados no sentimento; daí resulta a abolição de toda e qualquer diferença entre religião natural e sobrenatural, a equivalência de todas as religiões, e o poderem todas dizer-se ao mesmo tempo naturais e sobrenaturais. O Cristianismo, como as outras religiões saídas do

---

<sup>4</sup> Dörmann, *op. cit.*, pp. 150-151.

<sup>5</sup> São Pio X, *Pascendi*.

subconsciente de um “gênio” religioso, tiraria sua origem não do Céu, mas do subconsciente religioso de Cristo, “homem de natureza distinta, como ninguém foi nem será jamais”<sup>6</sup>, e da comunidade cristã primitiva. A Revelação reduz-se, para o homem, à tomada de consciência de sua relação íntima com Deus, e é comum a todas as religiões. A Revelação cristã foi a tomada de consciência dessa relação por parte do homem Jesus; nas outras religiões o foi por parte de Buda, de Maomé etc.

Já a Tradição não é, como ensina a Igreja, a transmissão das verdades reveladas por Deus, mas a renovação dessa experiência religiosa íntima e subjetiva em qualquer indivíduo ao longo de todo o período de gerações sucessivas, e nesse sentido é uma “Tradição viva”<sup>7</sup>. Em conseqüência, “uns de modo escondido e outros abertamente tomam por verdadeiras todas as religiões... Nessa mistura de religiões, o máximo que eles poderiam reivindicar em favor da religião católica é que ela é a mais verdadeira, tendo em vista a ‘natureza distinta’ de Cristo, e que se deve levar o não-fiel a fazer a experiência da religião católica... a mesma que foi fundada por Jesus Cristo, isto é, o produto de um desenvolvimento progressivo do germe que ele trouxe ao mundo”<sup>8</sup>.

“O estudo da antropologia”, escrevia Tyrelle, corifeu inglês do modernismo, “proíbe-nos de afirmar... que Deus não se revelou progressivamente na vida moral e social de cada alma, apesar de sobretudo na de Cristo, e na vida de todas as religiões [...] apesar de sobretudo na vida do cristianismo [...].

A religiosidade do futuro será o resultado da reflexão indutiva sobre as formas passadas e presentes da religião, de seu exame enquanto são elas inspiradas pela Luz da

---

<sup>6</sup> Dörmann, *idem*.

<sup>7</sup> *Idem*.

<sup>8</sup> *Idem*.

Verdade que ilumina cada homem vindo a este mundo, enquanto representam elas, cada uma de maneira especial, o esforço do Espírito Divino de se tornar inteligível ao homem em harmonia com os outros degraus de seu desenvolvimento moral, mental e social.”<sup>9</sup>

Isso é exatamente o “espírito de Assis” e o motor secreto das contínuas viagens “pastorais” de João Paulo II à Ásia e à África (incluído o encontro com os feiticeiros vudus).

“Se vou percorrendo o mundo para encontrar homens de todas as civilizações e religiões, é porque tenho confiança nos germes de sabedoria que o Espírito suscita nas *consciências* dos povos: daí jorra a verdadeira fonte para o futuro humano do nosso mundo.”<sup>10</sup>

### **Os “Mestres”**

Por que caminho o “teólogo” Wojtyla chegou ao modernismo? Pelo caminho da “nova teologia”. Hoje, aqueles “que pensam que venceram” são menos circunspetos que antes, e numa das intervenções inaugurais do Centro de Arquivos Maurice Blondel, na Universidade (antes) católica de Louvain (eles não venceram?), lemos claramente que, para Blondel, “o sobrenatural não é uma natureza sobreposta, mas, no fundo, a libertação de toda a natureza [logo, enquanto parte integrante da natureza, o sobrenatural é natural], a participação [criada ou incriada?] da liberdade divina”<sup>11</sup>.

Esta alteração da noção católica fundamental do

---

<sup>9</sup> *Rinnovamento*, jul-ago de 1907, “*Per la sincérité*”.

<sup>10</sup> Discurso de João Paulo II aos jovens de Ravena, 11 de maio de 1986, citado em *Tutte le encicliche dei Sommi Pontefici*, ed. dall’Oglio, p. 1.821.

<sup>11</sup> *Centre d’Archives Maurice Blondel – Journées d’inauguration*, 30-31 de março de 1973, *Textes des interventions*, p. 59.

sobrenatural, alteração sustentada com obstinação até por De Lubac, leva necessariamente ao que chegou a “nova teologia” de João Paulo II: a abolição de qualquer distinção entre natureza e graça (se o sobrenatural é implícito na natureza humana, todos os homens estão em estado de graça, “quer o saibam, quer não o saibam, quer o aceitem, quer não o aceitem pela fé”) e, em conseqüência, a heresia da redenção universal, a identificação da humanidade com a Igreja, a deformação da noção da Revelação e da fé e assim por diante. Já para De Lubac, por exemplo, o sobrenatural implicado na natureza humana, e que então se explica por ela, torna a Revelação de Cristo em fato secundário, acessório.

“Decorre daí”, escreve ele, “que a rigor não haveria necessidade para o homem de outra revelação para conhecer seu Deus; fora de qualquer intervenção sobrenatural, essa ‘revelação natural’ seria suficiente.”<sup>12</sup>

E isso pode ser suficiente para compreender que a “nova teologia” põe realmente o machado “não nos ramos e brotos... mas na própria raiz, isto é, na fé e suas fibras mais profundas”<sup>13</sup>.

### ***A Autoridade Pontifical Posta a Serviço da “Nova Teologia”***

A iniciativa ecumênica de Assis já bastaria para o demonstrar. Entretanto, dada a gravidade do que afirmamos, citaremos aqui outros fatos, cujo conjunto é suficiente para eliminar qualquer dúvida que possa subsistir.

Já no centro da encíclica inaugural do pontificado de João Paulo II (*Redemptor Hominis*) está a tese da redenção

---

<sup>12</sup> *Sulle vie di Dio*, p. 21.

<sup>13</sup> São Pio X, *Pascendi*.

universal subjetiva, que o papa Wojtyla lê na *Gaudium et Spes* nº 22, em cuja redação ele colaborou durante o Concílio:

“Por sua encarnação, o Filho de Deus *uniu-se de algum modo a todo homem.*”<sup>14</sup>

E hoje, para nos mostrar que a inspiração de João Paulo II não mudou, Christoph Schönborn, no *Osservatore Romano*, adverte-nos de que o “texto chave” do novo “Catecismo” é justamente e sempre a *Gaudium et Spes* 22<sup>15</sup>.

Já falamos das viagens de João Paulo II. Todas as iniciativas ecumênicas e os discursos do pontificado atual encontram fundamento e explicação não na doutrina católica, mas sim na “nova teologia” citada acima: tudo se centra no homem e seu desenvolvimento integral, que traria em si mesmo, igualmente, a tomada de consciência do sobrenatural imanente em cada homem independentemente da fé e do batismo, “quer ele o saiba, quer não o saiba, quer aceite, quer não aceite a fé”.

Se Paulo VI fez celebrar Teilhard de Chardin no encerramento do VI Congresso Tomista Internacional, João Paulo II fez ainda mais: em 12 de maio de 1981, por ocasião do centenário de nascimento do jesuíta monístico-panteísta, a Secretaria de Estado enviou ao reitor do Instituto Católico de Paris, “em nome do Santo Padre”, uma carta altamente elogiosa. Ela exalta “a maravilhosa notoriedade de suas pesquisas [de Teilhard], e ao mesmo tempo o brilho de sua personalidade e a riqueza de seu pensamento”, define-o como “um homem penhorado por Cristo na profundidade de seu ser, empenhado em honrar ao mesmo tempo a fé e a razão; respondendo assim, quase por antecipação, ao chamado de João Paulo II: ‘Não tenhais medo, abri, abri bem ao Cristo as portas, os imensos

---

<sup>14</sup> Grifo do original – ver *Tutte le encicliche dei Sommi Pontefici*.

<sup>15</sup> *Osservatore Romano* de 12 de janeiro de 1993.

espaços da cultura, da civilização, do desenvolvimento’”. Em suma, um precursor do pontificado de Wojtyła<sup>16</sup>.

E, no entanto, apenas vinte anos antes o Santo Ofício tinha promulgado um *Monitum* contra Teilhard, o qual mesmo sendo moderado (estamos sob João XXIII, e a influência de Montini se faz sentir) declara que suas obras “estão cheias de tais ambigüidades e até de tão graves erros, que elas ofendem a doutrina católica”. E sempre na mesma linha, recentemente, em 11 de fevereiro, João Paulo II enviou — desta vez com sua própria assinatura — uma mensagem pública ao arcebispo de Aix para celebrar o centenário da publicação da *Action*, de Blondel: “Lembrando-nos de sua obra”, escreve ele, “entendemos antes de tudo honrar seu autor, que, no seu pensamento e na sua vida, soube fazer coexistir a crítica mais rigorosa e a pesquisa filosófica mais corajosa com o catolicismo mais autêntico, bebendo nas fontes da tradição dogmática, patrística e mística.”<sup>17</sup> É a ratificação póstuma da pretensão herética de Blondel (e depois de De Lubac): a de haver descoberto, após dois mil anos, o “cristianismo autêntico”<sup>18</sup>.

Não é tudo. Mostramos, apoiados nas fontes, o desprezo obstinado de Blondel pelo magistério da Igreja e lembramos suas “reflexões”, isto é, suas tentativas, que nunca convenceram a ninguém, de “explicar” em sentido ortodoxo seus próprios pensamentos a fim de não se expor a censuras desagradáveis e retardantes<sup>19</sup>. Mas João Paulo II, em sua carta, louva-lhe a “coragem de pensador, unida a uma fidelidade e a um amor indefectível para com a Igreja”, e propõe aos “filósofos e aos teólogos atuais” o

---

<sup>16</sup> Ver *Osservatore Romano* de 10 de junho de 1981, e *SiSiNoNo*, ed. italiana, de 15 de junho de 1981.

<sup>17</sup> *Osservatore Romano* de 12 de maio de 1993.

<sup>18</sup> Cf. *Sim Sim Não Não*, nº 13, de janeiro de 1994.

<sup>19</sup> Ver *Sim Sim Não Não*, nº 12, de dezembro de 1993.



exemplo de Blondel, que “perseguiu sua obra explicando infatigavelmente e obstinadamente [*sic*] seu pensamento, sem renegar a inspiração”<sup>20</sup>.

### ***A Glorificação dos “Padres” da “Nova Teologia” e o Repúdio Tácito da Humani Generis***

Sob o pontificado do papa Wojtyla, os outros padres fundadores da “nova teologia” puderam recolher, ainda em vida, sua parte de glória. Em 2 de fevereiro de 1983, João Paulo II nomeava cardeal a De Lubac, com quase 80 anos de idade. Era uma reabilitação de fato, absolutamente injustificável, e um descrédito também injustificável da *Humani Generis* de Pio XII. Era também um claro sinal da nova orientação teológica do novo Papa. “Sempre se perguntou por que o padre Wojtyla, que fez em Roma seus estudos teológicos sob Pio XII, depois quase nunca se referiu aos ensinamentos doutrinários deste grande papa. É que ele tinha teologicamente escolhido De Lubac, contra Pio XII. Compreende-se melhor hoje”, escreveu nessa ocasião o diário parisiense *Present*<sup>21</sup>. Em 1991 De Lubac morreu, e o *Osservatore Romano*<sup>22</sup> publicou na primeira página os dois telegramas enviados por Sua Santidade João Paulo II ao Cardeal Lustiger, arcebispo de Paris, e ao Geral da Companhia de Jesus, precisamente por ocasião da morte do “venerado” cardeal.

No primeiro telegrama lê-se:

“Lembrando-me do longo e fiel serviço cumprido por este teólogo, que soube recolher o melhor da tradição católica na sua meditação sobre a Igreja e o mundo moderno, rezo com fervor a Cristo salvador para que lhe conceda a recompensa de sua paz eterna.”

---

<sup>20</sup> Ver *Osservatore Romano cit.*

<sup>21</sup> De 7 de janeiro de 1983.

<sup>22</sup> De 5 de setembro de 1991.

E no segundo telegrama:

“No curso dos anos, vivamente apreciei a vasta cultura, a abnegação e a probidade intelectual que fizeram deste religioso exemplar um grande servidor da Igreja, notadamente por ocasião do Concílio Vaticano II.”

Na página 6 publicava-se o *curriculum vitae* do desaparecido, pela redação do *Osservatore Romano*, que de novo, em 8 e 11 de setembro, continuava a celebrar a memória do “padre” da “nova teologia”, condenada por Pio XII em *Humani Generis*.

Urs von Balthasar, em vida, foi glorificado pelo papa Wojtyła. E não somente ele, mas também aquela que ele mesmo definiu como sua “metade” teológica: Adrienne von Speyr. Em 1985, estando assegurada a publicidade pelo *Osservatore Romano*, faz-se em Roma um simpósio sobre a “mística” Adrienne, e von Balthasar, em *Premessa e Il nostro compito*, nos faz saber que tal simpósio foi a realização de um “desejo expresso em 1983 pelo Santo Padre”. O próprio von Balthasar é nomeado cardeal, mas morre na véspera de sua “merecida distinção honorífica” (Ratzinger). Contudo, disse o próprio Ratzinger no elogio fúnebre: “o que o Papa queria exprimir por este gesto de reconhecimento, ou, antes, de honra, permanece válido”. Como não lhe dar razão? É entretanto um fato que este gesto de reconhecimento, ou, antes, de honra, foi dirigido à pseudoteologia de um pseudoteólogo que tomou “o caminho da fantasia, do erro, da heresia”<sup>23</sup>.

### ***A Hegemonia dos “Novos Teólogos”***

Em 1981, João Paulo II nomeou o “novo teólogo” alemão Joseph Ratzinger Prefeito da Congregação pela

---

<sup>23</sup> Ver *Sim Sim Não Não*, nº 14, de fevereiro de 1994; para a homilia de Ratzinger, ver *U. von Balthasar – Figura e opera*, p. 541.

Fé. E recentemente confirmou-o no cargo por um terceiro quinquênio. Isso constitui outro “gesto de reconhecimento” significativo da “nova teologia”. Como, nesses anos, o ex-Santo Ofício defendeu a ortodoxia contra as agressões mais virulentas do neomodernismo, deixamos o próprio Ratzinger dizer: “O mito da dureza do Vaticano em face dos desvios progressivos apareceu como fruto de vãs elucubrações. Até hoje e em nenhum caso foram aplicadas penas canônicas, bastando as advertências”<sup>24</sup>. Em compensação, Joseph Ratzinger assegurou a hegemonia eclesial aos “novos teólogos”<sup>25</sup>.

Em 1985, realizou-se em Roma o Sínodo pelo vigésimo aniversário do Vaticano II. Outro “novo teólogo”, Walter Kasper, velho colega de Ratzinger, é nomeado teólogo do Sínodo. Mas Kasper nega abertamente a historicidade e a autenticidade dos Evangelhos e, “à luz da crítica das formas” (ou *Formgeschichte*), considera que os milagres de Jesus foram inventados, desde a tempestade acalmada até a ressurreição de Lázaro, incluída a Ressurreição corporal de Jesus Cristo Nosso Senhor, que para Kasper não é Deus<sup>26</sup>. Em 1989, o mesmo Kasper, que é também membro da Comissão Teológica Internacional, sem nada retirar de suas heresias, é nomeado bispo de Rottenburg-Stuttgart. Não se trata de favores pessoais entre velhos amigos, pelo menos não somente disso, mas sempre e antes de tudo de “gestos de reconhecimento” significativos por um assunto “teológico” muito preciso. Os carreiristas sabem, assim, a que demônio vendem a alma.

---

<sup>24</sup> Discurso na Conferência Episcopal Cristã - ver *SiSiNoNo*, ed. francesa., nº 97, de novembro de 1988.

<sup>25</sup> Cf. *Sim Sim Não Não*, nº 16, de abril de 1994.

<sup>26</sup> Ver “*W. Kasper - Jésus le Christ*”, *Si Si No No*, ed. francesa, nº 105, de jul.-ago. de 1989.

## ***O Aval à Communio***

Em 1992 celebra-se em Roma, sob o patrocínio de Ratzinger, os vinte anos da revista *Communio*, órgão oficial daqueles “que pensam que venceram”. Em 29 de maio, João Paulo II recebe em audiência os redatores de diferentes países e pronuncia um discurso solene, em que evoca “com gratidão a lembrança de dois de seus promotores, eminentes teólogos da catolicidade, o Cardeal Henri de Lubac e o Pe. Hans Urs von Balthasar”. Exorta os redatores a ser sempre um “fermento de comunhão e de unidade” e lembra: “como arcebispo de Cracóvia, tive ocasião de encorajar e de promover a edição polonesa [de *Communio*]”<sup>27</sup>. Podemos compreender melhor por que De Lubac, no tempo de Paulo VI, dizia a seus amigos: “o dia em que se precisar de um novo papa, tenho um candidato: Wojtyla”<sup>28</sup>.

O espaço nos obriga a parar; evocaremos somente, para completar nossa exposição, o teólogo da Casa Pontifical Georges Cottier, as nomeações episcopais dos diversos colaboradores da *Communio* (Schönborn, Scola, Corecco, Kasper, Lehmann, Martini, Lustiger etc.), que se fazem passar por “conservadores”, não sendo senão modernistas somente um pouco mais circunspetos (nem sempre), e enfim todas as nomeações nas diversas Congregações e Comissões Romanas, onde os “novos teólogos” pululam hoje em dia<sup>29</sup>.

O leitor tem ainda alguma dúvida sobre a orientação que o papa Wojtyla imprimiu na Igreja, cada vez com mais decisão? Que o leitor considere, então, que a *Civiltà Cattolica*, sempre considerada um indicador autorizado das orientações da Santa Sé, se transformou decididamente,

---

<sup>27</sup> Ver *Communio* de jul.-ago. de 1992.

<sup>28</sup> *30 Jours* de julho de 1985, entrevista de De Lubac a Angelo Scola. <sup>29</sup> Ver *Sim Sim Não Não* de abril de 1994.

do órgão da ortodoxia católica que era, em órgão da “nova teologia”. E a imprensa “católica”, desde o *Avvenire* até o mais modesto boletim paroquial, se alinha: *ad instar Principis totus componitur orbis*.

### ***Os Graves Deveres da Hora Presente***

Não nos devemos espantar, depois do que se acaba de ler, de a crise atual da Igreja ter sido comparada à crise ariana, caso típico de heresia que “ameaça toda a Igreja”<sup>30</sup>.

O teólogo sabe que a infalibilidade do Papa “não significa firmeza pessoal na fé”, “não garante uma inerrância pessoal”<sup>31</sup>, e que no caso presente a infalibilidade nem vem ao caso. Além disso, o teólogo sabe que na teologia católica há também a questão do “papa herético”, que foi objeto de disputa nos períodos mais negros da história do papado. A provação, por outro lado, é enorme para aqueles que, não sendo teólogos, estão habituados a estender erradamente a infalibilidade a todos os atos do poder pontifical e até à pessoa privada do Papa.

Provação enorme, mas — já o dissemos — não insuperável. Para superar o escândalo da hora presente, bastará ao católico persuadir-se de algumas verdades simples de fé e de razão:

1) Deus não pode contradizer-se, e portanto o Espírito Santo não pode inspirar hoje desenvolvimentos doutrinários ou costumes em contradição com o que Ele inspirou anteriormente.

2) A Revelação divina acabou definitivamente com a morte do último Apóstolo, e portanto nem a Igreja nem o Papa podem adicionar ou suprimir coisa alguma.

3) À Igreja e ao Papa não foi prometida a revelação de novas verdades (nem, muito menos, de verdades

---

<sup>30</sup> São Vicente de Lerins, *Commonitorium*.

<sup>31</sup> Bartmann, *Manuel de Théologie dogmatique*.

contraditórias), mas a assistência divina para anunciar as verdades já reveladas e para julgar, com base na Revelação divina, as eventuais controvérsias doutrinárias. Portanto, nenhum Papa pode contradizer o que sempre se conteve no “depósito da Fé”.

“Aos sucessores de Pedro o Espírito Santo foi prometido não para que, por Sua revelação, eles ensinem uma nova doutrina, mas para que, com Sua assistência, guardem santamente e exponham fielmente a revelação transmitida por intermédio dos Apóstolos, isto é, o depósito da Fé.”<sup>32</sup>

4) A infalibilidade foi prometida não somente ao Papa atual, mas aos Papas de todos os tempos, e portanto nenhum Papa “de hoje” pode contradizer os Papas “de ontem”.

5) A infalibilidade não é somente para o Papa, mas também para a Igreja universal (isto é, de todos os lugares e de todos os tempos)<sup>33</sup>, e portanto nenhum Papa pode contradizer o que na Igreja sempre foi acreditado, em todos os lugares e por todos (*quod semper, quod ubique, quod ab omnibus creditum est*).

6) Em um eventual conflito entre o Papa “de hoje” e os Papas “de ontem” e a Igreja de todos os tempos e de todos os lugares, o católico deve ficar com os Papas de sempre e com a fé da Igreja universal (no tempo e no espaço), justamente como ensina São Tomás<sup>34</sup>.

Estas verdades elementares são sugeridas a todos os católicos pelo *sensus fidei* e pelo bom senso comum. Acrescentamos que, quando um Papa, em vez de anunciar e de guardar a Verdade revelada e sempre ensinada pela Igreja, segue suas próprias opiniões erradas, que estão em contradição com tal Verdade, não age como Papa e

---

<sup>32</sup> Vaticano I, Const. *De Ecclesia Christi*, Denz. 1836.

<sup>33</sup> Ver Vaticano I, Dz. 1839.

<sup>34</sup> S. Th. II-II, q. 2, ad. 3m.

não pode exigir obediência, e não se tem de obedecer a ele.

Isto pode afligir, mas não deve espantar. A noção exata de infalibilidade, de fato, não exclui totalmente esta infeliz hipótese. A infalibilidade significa que a assistência divina impedirá, com certeza, que o Papa chegue a impor formalmente, *ex cathedra*, seus erros pessoais a toda a Igreja, podendo permitir que por outros meios (discursos, escritos, atos de governo etc.) ele os tente impor não formalmente, mas de fato.

Quando, no Vaticano I, se apresentou aos bispos a redação final da Constituição acerca da infalibilidade pontifical, o redator oficial, Mons. Gasser, Bispo de Bressanone, explicou o sentido exato:

“Se toda a Igreja pudesse ser induzida em erro pela má-fé e por negligência de um Papa [...] a vigilância de Cristo [...] impediria tal declaração (infalível).”<sup>35</sup>

A infalibilidade pontifical, então, não nos garante que a fé do mundo inteiro não possa jamais ser posta em perigo pela “negligência” e até pela “má-fé” de um sucessor de Pedro, mas nos garante somente que a “*tutela Christi*”, a assistência divina, impedirá (assistência negativa) uma declaração infalível, *ex cathedra*, também em circunstâncias desfavoráveis. Como de fato isto aconteceu na crise atual, a começar pelo Vaticano II, que foi somente “pastoral”.

Eis por que o teólogo (entenda-se, verdadeiro teólogo) sabe que na crise eclesial atual a infalibilidade pontifical nem entra em consideração. Isto não retira a dura provação da hora presente para os filhos da Igreja, que para se salvar devem conservar intacta sua própria fé, apesar das

---

<sup>35</sup> “*Si per malum fidem et negligentiam pontificis, universalis ecclesia in errorem inducit possit [...] tutela Christi [...] iudicium tale impediretur*”, Mansi 52, col. 1212-1214.

adversidades das circunstâncias (digamos francamente, daquele que se senta no trono de Pedro), e dar testemunho de fidelidade a Cristo e à Igreja (que não se identifica com a teologia pessoal de um Papa). A hora presente é ainda mais grave para as novas gerações, que correm o risco de conhecer somente “uma falsa religião cristã, que está a cem léguas da única Igreja de Cristo”<sup>36</sup>.

A gravidade da hora impõe, portanto, graves deveres a todos e a cada um segundo seu próprio estado, de leigo, de padre, de teólogo, de bispo e de cardeal. Além do dever da oração e da penitência (reclamado com tanta insistência pela Mãe imaculada de Deus, em Lourdes e em Fátima), impõe-se a cada católico o dever de resistir e de se opor ao curso eclesial atual, defendendo não somente sua própria fé mas também a de seus irmãos, e preparando-se, segundo suas próprias possibilidades, para as múltiplas necessidades da hora presente; e, se seu estado oferece ocasião e o exige, deve lembrar ao Pontífice atual os deveres de seu cargo<sup>37</sup>. São graves deveres de caridade, aos quais nenhum católico pode faltar sem pecar mortalmente. Agir diferentemente é trair o Cristo, é pôr em perigo sua própria salvação eterna e a do próximo, é fazer-se cúmplice da “autodemolição” da Igreja.

---

<sup>36</sup> Pio XI, *Mortalium animos*, condenação antecipada do ecumenismo atual.

<sup>37</sup> Cf. São Paulo, *Col. IV, 17*.



## IX

# A DESOBEDIÊNCIA AO MAGISTÉRIO INFALÍVEL: MARCA DA “NOVA TEOLOGIA”

NESTA SÉRIE DE ARTIGOS mostramos que, apesar de condenado e combatido por São Pio X (*Pascendi*) e por seus sucessores até Pio XII (*Humani Generis*), o modernismo continuou a se infiltrar na Igreja, como uma seita. A longa desobediência, que ficara mais ou menos clandestina até então, explode por ocasião do Concílio pastoral Vaticano II, e hoje a “nova teologia” ou neomodernismo triunfa com força, não a força da verdade, mas unicamente pelo favor das autoridades (dos diferentes níveis, até o mais alto), com grande perigo para as almas que ela engana (o que nos impede de calar).

Vimos que na base do modernismo há a falsa “filosofia cristã” de Blondel, que, na ilusão de conciliar a Igreja com o “mundo moderno”, isto é, com a filosofia moderna doente de cepticismo e de subjetivismo, perverte, à maneira modernista, “a eterna noção de verdade”<sup>1</sup>, bem como a do “sobrenatural”. Assim, a verdadeira “restauração” na Igreja será marcada pelo retorno à filosofia perene.

Em seguida, mostramos os erros do jesuíta De Lubac, “pai” de uma “nova teologia” que “evolui com a evolução das coisas, *semper itura, numquam perventura*”, sempre a caminho, sem jamais atingir seu fim<sup>2</sup>.

Pensamos haver lançado também um pouco de luz

---

<sup>1</sup> São Pio X, *Pascendi*.

<sup>2</sup> Pio XII, alocução de 17 de setembro de 1946.

sobre a pseudoteologia hermética de von Balthasar, que transfere ao domínio ecumênico o “delírio filosófico” de Hegel. Em seguida, consideramos o pensamento e o comportamento de três personalidades investidas de autoridade na Igreja (conquanto em graus diferentes), as quais têm, pois, a principal responsabilidade no triunfo atual dos modernistas: Paulo VI (que propriamente se deve definir como um filomodernista), João Paulo II (que é, por sua vez, pessoalmente admirador da “nova teologia”) e o cardeal Ratzinger. Esforçamo-nos para pôr às claras, mais do que os erros, o desprezo ao Magistério infalível da Igreja, o qual é como a marca da “nova teologia e permite julgá-la pelo que ela é e pelo que ela quer — juízo possível até para quem não é filósofo e teólogo. É isto, realmente, o que queria o “novo curso eclesial”: apagar vinte séculos de Cristianismo, sob pretexto de um “retorno às fontes”, ao “Cristianismo autêntico”, em nome de um Concílio pastoral (que hoje, ao contrário, se pretende dogmático) e em nome de um “magistério vivo”, de “hoje”, que pretende hereticamente estar morto o Magistério de “ontem”. Pretensão herética porque leva necessariamente a dizer que “todos os fiéis de todas as idades, todos os santos, todos aqueles que guardaram a castidade, a continência ou a virgindade, todos os clérigos, os levitas, os padres, milhares de confessores, tantas legiões de mártires, tantas cidades conhecidas e nações populosas, tantas ilhas, províncias, reis, raças, reinos, nações, numa palavra, o universo quase inteiro incorporado pela fé católica em Cristo, seu chefe, tenha ignorado, errado, blasfemado, e durante tantos séculos não soube nada do que se deveria crer”<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> São Vicente de Lerins, *Commonitorium*.

## *O Mito da “Restauração”*

Por fim, demonstramos que a pretensa “restauração” é somente um mito nascido do modesto, moderado e em si insignificante conflito entre a ala moderada (que está no poder) e a ala extremista ou “integrista” do neomodernismo. As ilusões eventuais engendradas por esse conflito deveriam ter sido cassadas completamente por nosso estudo: não se pode esperar nenhuma “restauração” daqueles que caminham sempre na “via do cepticismo, da fantasia e do erro”.

É verdade que De Lubac, von Balthasar, o papa Montini, o cardeal Ratzinger e o próprio João Paulo II deploraram várias vezes alguns excessos pós-conciliares.

De Lubac escreveu que “O Concílio foi traído... pela ação do que poderia chamar um paraconcílio”<sup>4</sup> e parece fazer suas as “preocupações” de M. Villepelet:

“Inconsciência aparente de nossos bispos, desvio político de sua querida ‘ação católica’, desordens litúrgicas incontroladas, decadência interna dos seminários, tratamento privilegiado a ex-padres, desprezo da Tradição, deixar de lado a doutrina (eucaristia) e a moral (casamento etc.), pesada responsabilidade de certas revistas [...]”<sup>5</sup>

E outros neomodernistas ou filomodernistas fiéis à “linha da nova teologia de Lyon” fielmente fazem eco a seu “mestre”.

Von Balthasar deplorou a “tendência à liquidação” do ecumenismo pós-conciliar<sup>6</sup>. Paulo VI, diante dos alunos do seminário lombardo, chorou pela “autodemolição” da Igreja: “a Igreja se acha numa hora de inquietação, de autocrítica, diria mesmo de autodemolição. A Igreja vem

---

<sup>4</sup> *Mémoire autour de mes oeuvres.*

<sup>5</sup> *Idem.*

<sup>6</sup> *H. U. von Balthasar, Figura e opera*, p. 435.

quase a se chocar consigo mesma”<sup>7</sup>. Na intimidade com Guitton, ele lamenta-se de os “padres tomarem o mau hábito de só ler o Cânon II, que é o mais curto, e mais ligeiro”. E, no seu último encontro, chegou até a dizer:

“No interior do catolicismo, um pensamento do tipo não-católico parece às vezes levar vantagem, e pode ser que este pensamento não-católico, no interior do catolicismo, se torne amanhã o mais forte. Mas ele não representará jamais o pensamento da Igreja. É preciso que subsista um pequeno rebanho, ainda que muito pequeno.”<sup>8</sup>

Também o cardeal Ratzinger, em seu *Rapporto sulla fede*, deplorou as “fugas em avanço”<sup>9</sup> e falou, como De Lubac, de “Concílio traído”, de uma “decadência no interior da Igreja, de forças latentes agressivas e centrífugas”<sup>10</sup>.

Enfim, João Paulo II, por ocasião de uma conferência para as *Missioni al Popolo* (Missões ao povo), diz:

“É preciso admitir com realismo e com profunda e dolorosa sensibilidade que hoje os cristãos, em grande número, se sentem perturbados, desorientados, perplexos e até decepcionados; idéias em desacordo com a Verdade revelada e sempre ensinada são espalhadas: verdadeiras heresias são difundidas no domínio dogmático e moral, criando dúvidas, confusões, rebeliões; a Liturgia é alterada, imersa no ‘relativismo’ intelectual e moral e, pois, no permissivismo; os cristãos são tentados pelo ateísmo, pelo gnosticismo, pelo iluminismo vagamente moralista, por um cristianismo sociológico, sem dogmas definidos nem moral objetiva.”<sup>11</sup>

---

<sup>7</sup> *Il Popolo*, 9 de dezembro de 1968.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 168.

<sup>9</sup> P. 29.

<sup>10</sup> P. 28.

<sup>11</sup> *Osservatore Romano*, 7 de fevereiro de 1981.

## ***A Triste Realidade***

Esta declaração e outras, tomadas isoladamente, poderiam induzir, e de fato induziram muitas pessoas, a acreditar numa reflexão e até numa “restauração”. Infelizmente não é assim: sob a pretensa “restauração” prossegue a autodemolição radical da Igreja. Devemos, com efeito, estender a todos os “moderados” o discurso feito pelo cardeal Ratzinger.

Antes de tudo, os “abusos” são deplorados (pelos “moderados”) como tais, não em relação à doutrina católica por defender e restaurar, mas em relação à sua própria forma mais moderada (e por isso mesmo mais perigosa) de modernismo, que esses que deploram os abusos não querem repudiar e continuam a sustentar tenazmente. O contraste, nem sério nem profundo, e que já definimos como simples disfarce, é entre os que acham De Lubac “ultrapassado”<sup>12</sup> e os que decidiram permanecer fiéis: “Nossa linha é a do extremo centro. Nem atenção excessiva ao Magistério [*sic*] nem contestação. Nem direita nem esquerda. Apego à tradição na linha da nova teologia de Lyon [berço da teologia de De Lubac], que sublinhava a não-oposição [ler identificação] entre natureza e sobrenatural e [por conseqüência] entre fé e cultura, e que se tornou a teologia oficial do Vaticano II”, explicou muito bem o Pe. Henrici S.J. em sua entrevista de 30 de dezembro de 1991. Mostramos, nesta série de artigos, o que é tal “linha”. Assim, quando De Lubac escreve que o “Concílio foi traído”, entende traído em relação a seu ponto de vista e às suas ambições pessoais, não em relação à Fé católica; quando o cardeal Ratzinger defende o “Concílio autêntico”, entende o Concílio interpretado à luz da “nova teologia” e não da Tradição católica; quando João Paulo II fala do

---

<sup>12</sup> Ver *Paul VI Secret*, p. 110.

Concílio interpretado à luz da Tradição, quer dizer: à luz da “tradição na linha da nova teologia” de De Lubac ou ainda da tradição que evolui com a evolução do tempo, e não à luz da Tradição católica imutável. E De Lubac, depois de ter fingido serem suas as “preocupações” de M. VILLEPELET<sup>13</sup>, escreve logo depois:

“Nossa época ‘pós-conciliar’ é certamente, ainda que através de um caos meio rude, visitada pelo espírito de Deus; creio também que os sinais começam a se ver cada vez mais [*sic*] e faço minha a frase de uma pessoa que me escreveu nesses últimos dias: ‘A esperança já não me aparece como um dever, mas como uma primavera’.”<sup>14</sup>

As ilusões quanto à “primavera da Igreja”, devida à “nova teologia”, demoraram verdadeiramente a morrer. Sobretudo porque sua morte exige a confissão dos próprios erros e das próprias responsabilidades pessoais no desastre atual. E, de fato, o “pai” da “nova teologia” declarou até o fim não haver nunca “encontrado o meio nem sentido a necessidade de se explicar mais nada”<sup>15</sup> acerca de sua noção errada de “sobrenatural”, que portanto está na base de todos os erros e de todas as heresias da pseudoteologia contemporânea, como demonstrou o cardeal Siri em *Gethsémani*, e como reconheceu o próprio *Osservatore Romano*<sup>16</sup>:

“H. de Lubac é, sem sombra de dúvida, um dos grandes fundadores da teologia católica contemporânea. Nem Karl Rahner [e, por que esquecer? Hans Küng] nem o próprio H. U. von Balthasar existiriam sem ele.”

---

<sup>13</sup> Cf. *Mémoire autour de mes oeuvres*.

<sup>14</sup> P. 389.

<sup>15</sup> *30 Jours* de julho de 1985.

<sup>16</sup> De 8 de setembro de 1991.

Por sua vez, se Urs von Balthasar deplora a “tendência à liquidação” do ecumenismo atual, não renega de jeito algum seu “delírio ecumênico”, sua heresia — sejamos claros — de uma “catolicidade que não omite nada”, de uma super-Igreja sem nenhuma “delimitação confessional”, na qual (agora é Pio XII quem fala) “todos seremos unificados, sim, mas na ruína comum”<sup>17</sup>. E, se o papa Montini chora pela autodemolição da Igreja e, em *Paul VI Secret*, deplora que os padres optem (e por que não deveriam?) pelo Cânon “mais curto e mais ligeiro”, na mesma obra diz que, com a reforma litúrgica, “não somente mantivemos o passado mas encontramos a fonte que é a tradição mais antiga, a mais primitiva, a mais próxima das origens. Ora, *esta tradição havia sido obscurecida no curso dos séculos e particularmente no Concílio de Trento*”<sup>18</sup>.

Inacreditável na boca de um Papa, mas infelizmente verdadeiro. Que seria então a Igreja Católica se, no curso dos séculos e num Concílio dogmático, tivesse obscurecido ou deixado obscurecer a Tradição e somente hoje começasse a redescobri-la? Certamente não seria a Igreja de Cristo, à qual foi prometida a infalibilidade na guarda inalterada do “depósito da Fé”. E, se Paulo VI, em seu último encontro com Guitton, profetizando como Caifás<sup>19</sup>, prevê a apostasia geral e um pequeno “resto” fiel, o mesmo Paulo VI se mostra claramente em seu julgamento de Mons. Lefebvre e sua condenação, em sua hostilidade ao “pequeno rebanho” que, por amor à Igreja, desaprova sua tenaz obra de demolição.

Quanto a Ratzinger, no *Rapporto sulla fede*, deplora os “avanços excessivos” e ao mesmo tempo exclui o “voltar atrás”:

---

<sup>17</sup> *Humani Generis*.

<sup>18</sup> *Paul VI Secret*, p. 158.

<sup>19</sup> Jo XI, 51 ss.

“Se por ‘restauração’ se entende uma volta atrás, então nenhuma restauração é possível. A Igreja marcha para o cumprimento da história; ela olha para diante, para o Senhor que vem. Não se volta atrás, não se pode retornar.”<sup>20</sup>

Então, que queria e quer sempre o cardeal Ratzinger? Uma “evolução tranqüila” da doutrina, onde tranqüila não significa harmônica e coerente com dois mil anos de Cristianismo: “É ao hoje da Igreja que devemos ficar fiéis, não ao ontem nem ao amanhã; e este hoje da Igreja são os documentos do Vaticano II em sua autenticidade.”<sup>21</sup> Mesmo onde esses documentos contradizem os ensinamentos perenes da Igreja (como em *Nostra Aetate*, *Dignitatis Humanae* etc.).

E, se João Paulo II, no início de seu pontificado, deplorou que fossem propagadas verdadeiras heresias nos domínios dogmático e moral, ele mesmo declarou “irreversível” o novo curso eclesial que, com uma tenacidade e uma firmeza dignas da causa exatamente oposta, continua sempre a sustentar e defender. A confirmação do que dizemos, se necessária, está no comportamento dispensado aos modernistas extremistas por aqueles que foram ou são investidos de autoridade na Igreja: nem Paulo VI, nem Ratzinger, nem João Paulo II usaram de sua autoridade para reprimir os “abusos” que eles deploram, abusos a que eles parecem reconhecer, ao modo modernista, um papel estimulante na “evolução” da doutrina e das instituições eclesiais<sup>22</sup>.

Suas aversões e suas medidas disciplinares (da marginalização à excomunhão) são reservadas aos que resistem para permanecer fiéis à doutrina da Igreja.

---

<sup>20</sup> P. 40.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 32.

<sup>22</sup> Cf. São Pio X, *Pascendi*, e *Sim Sim Não Não*, nº 16, de abril de 1994.



***Não Moderados, mas Incoerentes***

Se então paramos na parte relativa à crítica da destruição, isto é, de alguns acessos pós-conciliares, podemos aceitar numerosas afirmações de De Lubac, de von Balthasar, de Paulo VI, de Ratzinger e também de João Paulo II. Se porém consideramos o que estes querem construir, isto é, o que querem por sua vez implantar na Santa Igreja de Deus, percebemos que põem e impõem bases idênticas às que promoveram os “abusos” que eles deploram. E então a pretensa “moderação” se revela pelo que ela é: ou uma tática tipicamente modernista para não suscitar reações não desejadas ou retardá-las, ou a incapacidade de ir até o fundo em todas as conclusões acerca de seus próprios erros.

Já São Pio X na *Pascendi*, fazendo a distinção entre um modernismo “moderado” e um modernismo “integrista”, observava que este último é mais coerente do que o primeiro: partindo os dois da mesma base, os modernistas “integristas” passam imediatamente às conclusões finais, enquanto os “moderados”, ao contrário, não. Para eliminar a ilusão de poder parar no meio do caminho, na sua admirável encíclica o santo Pontífice teve o cuidado de desenvolver até o fim todas as considerações dos erros que estão na base do modernismo, provocando nos modernistas de ontem e de hoje a acusação de haver exagerado a importância do modernismo. Na realidade, a incapacidade de tirar todas as conclusões de suas próprias bases erradas não impede que, uma vez postas essas premissas, as conseqüências se sigam inevitavelmente. Um pequeno erro de princípio comporta grandes e graves conseqüências, imprevisíveis para muitos dos que apóiam esses erros iniciais.

“Que os professores saibam”, escrevia São Pio X, “que afastar-se de Santo Tomás, sobretudo nas questões metafísicas, não acontece sem grave dano moral.”<sup>23</sup>

“*Parvus error in principio est magnus in fine*”, diz Santo Tomás. E o Padre Garrigou-Lagrange desenvolve: “Certamente dirão que nós exageramos, mas um erro, ainda que pequeno, acerca das primeiras noções e dos primeiros princípios tem conseqüências incalculáveis, que não foram previstas por aqueles que assim se enganaram. As conseqüências das novidades de que acabamos de falar [a ‘nova teologia’] devem pois ultrapassar as previsões dos autores que citamos [De Lubac, Bouillard, Fessard etc.].”<sup>24</sup> Sabemos muito bem, por dolorosa experiência, que hoje sucede exatamente assim.

### ***O “Pecado Original” do Modernismo***

Nenhuma moderação, portanto, mas somente astúcia ou, na melhor das hipóteses, incoerência intelectual, que, entretanto, não tira dos “moderados” seu “pecado original” (o modernismo). Uma humilde obediência ao Magistério infalível da Igreja tê-los-ia salvo de sua própria incoerência. Lacordaire, depois de sua dolorosa crise “liberal”, escreveu: “Depois de dez anos de esforço para conceber o verdadeiro papel da filosofia da Igreja... aonde cheguei? Aos mesmos pensamentos que possuíam, sem inquietação, aqueles que *contaram mais com o espírito da Igreja do que com o seu próprio...* Quanto senti, com admiração, a superioridade da Igreja, esse instinto inefável que a empurra, esse discernimento divino que afasta dela qualquer sombra de ilusão!” E referindo-se a Lamennais, por quem nutrira fascinação, confessava com muita humildade:

---

<sup>23</sup> *Pascendi*.

<sup>24</sup> “*La nouvelle théologie, où va-t-elle?*”.

“Perguntei-me como uma filosofia em que hoje percebo tão claramente o vício pôde por tanto tempo manter em suspenso minha razão; e compreendi que, lutando contra uma inteligência superior à minha e querendo lutar sozinho contra ela, era impossível que não fosse vencido. Pois a verdade não é um auxiliar suficiente para restabelecer o equilíbrio das forças; de outro modo, o erro jamais triunfaria sobre a verdade. *É preciso, pois, que no mundo haja um poder que sustente as inteligências fracas contra as inteligências fortes, e que as livre da opressão mais terrível, que é a do espírito.* [...] Aprendi com minha própria experiência que *a Igreja é a libertadora do espírito humano*; e, como da liberdade da inteligência provêm necessariamente todas as outras, percebi sob sua verdadeira luz as questões que hoje dividem o mundo.”<sup>25</sup>

Reside justamente aí o “pecado original” dos modernistas, moderados ou não: ter contado com sua própria inteligência antes que com a infalibilidade da Igreja, que, sozinha, os teria preservado do erro e da sua própria fraqueza intelectual. E é isto o que qualquer filho da Igreja deve infatigavelmente opor às “novidades”: a humilde submissão ao Magistério infalível da Igreja, que, sozinha, liberta as inteligências mais fracas ou menos dotadas da opressão do erro. Magistério infalível que não pode ser confundido com a teologia de um “Papa de hoje”, sobretudo se ele está em ruptura com o Magistério de dois mil anos, mas que é o Magistério harmonioso e coerente de todos os Papas de todos os tempos, de todos os bispos de todos os tempos, e de todos os lugares que estejam em comunhão com a Sé apostólica: o que sempre, em todos os lugares e por todos foi acreditado e ensinado na Santa Igreja de Deus.

---

<sup>25</sup> Lacordaire, *Considérations sur le système philosophique de M.de Lamennais*.

## **Haec Est Hora Vestra et Potestas Tenebrarum**

É somente com tal retorno do Chefe (visível) e dos membros à Tradição que se terá a verdadeira “restauração”, que será superada a crise atual da Igreja, amadurecida num clima prolongado de “resistência passiva mas real” às diretivas da Roma católica, e que finalmente se reparará o longo “pecado difuso e geral contra a luz que vem de Roma e que brilha nos tesouros doutrinários do passado”<sup>26</sup>.

A hora luminosa do retorno à Tradição católica virá, é de fé. Se a desolação atual a que está reduzida a Igreja não fosse suficiente para demonstrar que “os que pensam que venceram”, ao contrário, já perderam, bastar-nos-ia escutar a promessa divina: “*Portae inferi non praevalerunt*”, os poderes infernais podem soltar-se, mas jamais prevalecerão definitivamente contra a Santa Igreja de Deus. “*Haec est hora vestra et potestas tenebrarum*”, mas, passada esta hora de trevas, da “nova teologia” e de seus seguidores, não ficará mais que uma lembrança triste e infeliz.

A nós, que nesta hora de trevas, qualquer que seja, nos devemos orientar para a porta da salvação eterna, compete resistir “*fortes in fide*” (São Pedro), rezando, abrindo o coração à graça e também socorrendo, na necessidade espiritual desta hora grave, o próximo que a Providência Divina nos pôs no caminho.

---

<sup>26</sup> *La Vie spirituelle*, 1923, pp. 174-5, citado por Aubry em *L'Étude de la Tradition*, p. 102.

ANEXO

*Padre Garrigou-Lagrange*



## PARA ONDE VAI A NOVA TEOLOGIA?<sup>1</sup>

EM UM LIVRO RECENTE do P. Henri Bouillard, lê-se:

“Quando o espírito evolui, uma verdade imutável não se mantém senão graças a uma evolução simultânea e correlativa de todas as noções, mantendo entre elas uma mesma relação. *Uma teologia que não fosse atual seria uma teologia falsa.*”<sup>2</sup>

Ora, nas páginas anteriores e nas seguintes, mostra-se que a teologia de Santo Tomás em muitas partes importantes já não é atual. Por exemplo, Santo Tomás concebeu a graça santificante como uma *forma* (princípio radical de operações sobrenaturais que têm por princípio próximo as virtudes infusas e os sete dons):

“As noções utilizadas por Santo Tomás são simplesmente noções aristotélicas aplicadas à teologia”<sup>3</sup>

Que se segue daí? “Renunciando à Física aristotélica, o pensamento moderno abandonou as noções, os esquemas, as oposições dialéticas que só tinham sentido em função dela.”<sup>4</sup> Ele abandonou, pois, a noção de forma.

Como evitará o leitor esta conclusão: a teologia de Santo Tomás, por já não ser atual, é uma teologia falsa?

Mas, então, como os Papas amiúde nos recomendaram

---

<sup>1</sup> Padre Garrigou-Lagrange, Apêndice à sua obra *La Synthèse thomiste*, Paris, Ed. Desclée de Brouwer, 1946.

<sup>2</sup> *Conversion et grâce chez saint Thomas d'Aquin*, 1944, p. 219.

<sup>3</sup> *Ibid.*, pp. 213 ss.

<sup>4</sup> P. 224.

seguir a doutrina de Santo Tomás? Como, então, diz a Igreja no Código de Direito Canônico, can. 1.366, n. 2: *“Philosophiæ rationalis ac theologiæ studia et alumnorum in his disciplinis institutionem professores omnino pertractent ad Angelici Doctoris rationem, doctrinam, et principia, eaque sancte teneant”*?

Ademais, como “uma verdade imutável” se pode manter, se as duas noções que ela reúne pelo verbo *ser* são *essencialmente cambiantes*?

Uma relação imutável não se concebe sem algo imutável nos dois termos que ela une. De outro modo, poder-se-ia dizer que um grampo de ferro pode imobilizar as ondas do mar.

Sem dúvida, as duas noções que estão unidas numa afirmação imutável são primeiramente confusas e depois distintas, como as noções de natureza, de pessoa, de substância, de acidente, de transubstanciação, de presença real, de pecado, de pecado original, de graça etc. Mas, se no que têm de fundamental essas noções não são imutáveis, como a afirmação que as une pelo verbo *ser* seria imutável? Como manter que a presença real da substância do Corpo de Cristo na Eucaristia requer a transubstanciação, se essas noções são essencialmente cambiantes? Como manter que o pecado original em nós depende de uma falta voluntária do primeiro homem, se a noção de pecado original é essencialmente instável? Como manter que o julgamento particular após a morte é irrevogável para a eternidade, se essas noções são chamadas a mudar? E como enfim manter que todas essas proposições são imutavelmente verdadeiras, se a noção mesma de verdade deve mudar, e se há que substituir à definição tradicional da verdade (a conformidade do julgamento ao real extramental e a suas leis imutáveis) a definição proposta nesses últimos anos pela filosofia da ação: a conformidade do



jugamento às exigências da ação ou da vida humana, vida que evolui sempre?

• • •

**1° *As próprias fórmulas dogmáticas mantêm sua imutabilidade?***

O P. H. Bouillard responde: A afirmação que se exprime nelas permanece.<sup>5</sup> Mas acrescenta:

“Perguntar-se-á talvez se ainda é possível considerar contingentes as noções implicadas nas definições conciliares. Não seria isso comprometer o caráter irreformável dessas definições? O Concílio de Trento, sess. 6, cap. 6, can. 10, por exemplo, empregou em seu ensinamento acerca da justificação a noção de *causa formal*. Não terá ele, pelo fato mesmo, consagrado esse emprego e conferido à noção de graça-forma um caráter definitivo? *De maneira alguma*. Certamente não era intenção do Concílio canonizar uma noção aristotélica, nem sequer uma noção teológica concebida sob a influência de Aristóteles. Queria simplesmente afirmar, contra os protestantes, que a justificação é uma renovação interior... Utilizou para esse fim noções comuns na teologia de então. *Mas é possível substituí-las por outras, sem modificar o sentido de seu ensinamento*”<sup>6</sup> (grifo nosso).

Indubitavelmente, o Concílio não canonizou a noção aristotélica de forma e todas as suas relações com outras noções do sistema aristotélico. Mas aprovou-a como *noção humana estável*, no sentido em que falamos todos do que constitui formalmente uma coisa (aqui a justificação)<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> *Op. cit.*, p. 221.

<sup>6</sup> *Idem*.

<sup>7</sup> Explicamos isso mais longamente em *Le Sens commun, la philosophie de l'être et les formules dogmatiques*, 4<sup>a</sup> ed., 1936, pp. 362 ss.

Nesse sentido ele fala da graça santificante distinta da graça atual, dizendo que ela é um dom sobrenatural, infuso, que inere à alma, e pelo qual o homem está formalmente justificado<sup>8</sup>. Se os Concílios definem a fé, a esperança, a caridade como *virtudes infusas permanentes*, seu princípio radical (a graça habitual ou santificante) deve ser também um dom infuso permanente, e por conseguinte distinto da graça atual ou de uma moção divina transitória.

Mas como se pode manter *o sentido* deste ensinamento do Concílio de Trento, “a graça santificante é a causa formal da justificação”, se “*se substitui por outra noção* a noção de causa formal”? Não digo “se se substitui por um equivalente verbal”; digo, com o P. H. Bouillard, “se se substitui por outra noção”.

Se ela é *outra*, já não é a de *causa formal*: então, já não é *verdadeiro* dizer com o Concílio: “a graça santificante é a causa formal da justificação”. Há que se contentar com dizer: a graça foi concebida na época do Concílio de Trento como a causa formal da justificação, mas hoje há que concebê-la *de outra maneira*; essa concepção passada *já não é atual* e, portanto, *já não é verdadeira*, pois uma doutrina que já não é atual, como se disse, é uma doutrina falsa<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> Cf. Denzinger, 799, 821.

<sup>9</sup> De resto, as virtudes infusas (particularmente as virtudes teologais), que derivam da graça habitual, são qualidades, *princípios permanentes* de operações sobrenaturais e meritórias; é preciso pois que a própria graça habitual ou santificante (pela qual estamos em estado de graça), cujas virtudes procedem como de sua raiz, seja uma *qualidade infusa permanente* e não uma moção como a graça atual. Ora, foi muito antes de Santo Tomas que se concebeu a fé, a esperança e a caridade como *virtudes infusas*. Que há de mais claro? Por que perder tempo, sob pretexto de fazer avançar as questões, a pôr em dúvida as verdades mais certas e fundamentais? É um indício da desordem intelectual de nosso tempo.

Responder-se-á: pode-se substituir a noção de causa formal por *outra noção equivalente*. Aqui não nos contentamos com meras palavras (insistindo primeiro em *outra* e depois em *equivalente*), visto que não se trata somente de equivalência verbal — trata-se de *outra noção*. Em que se torna a *noção* mesma de *verdade*?<sup>10</sup>

Assim, volta sempre a gravíssima questão: A proposição conciliar é mantida como *verdadeira per conformitatem cum ente extramentali et legibus eius immutabilibus, an per conformitatem cum exigentiis vitæ humanæ quæ semper evolvitur?*

Vê-se o perigo da nova definição da verdade, já não *adæquatio rei et intellectus*, mas *conformitas mentis et vitæ*. Quando Blondel em 1906 propunha essa substituição, não lhe previra todas as conseqüências no domínio da fé. Ele mesmo se terá talvez espantado com elas, ou pelo menos

---

<sup>10</sup> Maurice Blondel, vimo-lo, escrevia nos *Annales de Philosophie chrétienne* de 15 de junho de 1906, p. 235: “A abstrata e quimérica *adæquatio rei et intellectus* é substituída pela busca metódica deste direito, a *adæquatio realis mentis et vitæ*.” Não é sem grande responsabilidade que se chama *quimérica* à definição tradicional da verdade admitida há séculos pela Igreja, e que se fala de a *substituir* por outra, em todos os domínios, incluído o da fé teologal.

Será que as últimas obras de Blondel corrigem esse desvio? Vimos que não o podemos afirmar. Ele diz ainda em *L'Être et les êtres*, 1935, p. 415: “Nenhuma evidência intelectual, nem sequer a dos princípios — *absolutos de per si e possuidores de necessário valor ontológico* — se impõe a nós com uma certeza espontaneamente e infalivelmente obrigatória.” Para admitir o valor ontológico desses princípios, é necessária uma *opção livre*. Antes dessa opção, tal valor ontológico não é, portanto, senão provável. Mas há que admiti-los segundo as exigências da ação — *secundum conformitatem mentis et vitæ*. E não pode ser diferente, se se substitui a *filosofia do ser* ou ontologia pela *filosofia da ação*. Então a verdade é definida já não em função do ser, mas da ação. Tudo mudou. Um erro acerca da noção primeira de verdade acarreta um erro acerca de tudo o mais. Ver também em *La Pensée*, de Maurice Blondel, 1934, t. I, pp. 39, 130-136, 347, 355, e t. II, pp. 65 ss. pp., 96-196.

ficado muito inquieto<sup>11</sup>. De que vida se trata nesta definição: “*conformitas mentis et vitæ*”? Trata-se da vida humana. E, então, como evitar a proposição modernista: “*Veritas non est immutabilis plusquam ipse homo, quippe quæ cum ipso, in ipso et per ipsum evolvitur*”<sup>12</sup>? Compreende-se que Pio X tenha dito dos modernistas: “*æternam veritatis notionem pervertunt*”<sup>13</sup>.

É muito perigoso dizer: “as noções mudam, as afirmações permanecem”. Se muda a noção mesma de verdade, as afirmações já não permanecem verdadeiras da mesma maneira nem segundo o mesmo sentido. Então, *o sentido dos Concílios* já não se mantém, como se teria querido.

Infelizmente a nova definição da verdade se espalha entre os que esquecem o que dissera Pio X:

*“Magistros autem monemus, ut rite hos teneant Aquinatem vel parum deserere, præsertim in re metaphysica, non sine magno detrimento esse. Parvus error in principio, sic verbis ipsius Aquinatis licet uti, est magnus in fine.”*<sup>14</sup>

E ainda mais se se desdenha de qualquer metafísica, de qualquer ontologia, e se se tende a substituir a filosofia do ser pela do fenômeno, ou pela do devir, ou pela da ação.

Não é a nova definição da verdade o que se encontra

---

<sup>11</sup> Outro teólogo, que citaremos mais adiante, nos convida a dizer que na época do Concílio de Trento se concebia a *transubstanciação* como a mudança, a conversão da substância do pão na do Corpo de Cristo, mas que hoje convém conceber a *transubstanciação sem essa mudança de substância*, concebendo, porém, que a substância do pão, que permanece, se torna o signo-eficaz do Corpo de Cristo. E pretende-se ainda conservar *o sentido do Concílio!*

<sup>12</sup> Denz. 2058.

<sup>13</sup> Denz. 2080.

<sup>14</sup> Encíclica *Pascendi*.

sob a nova definição da teologia: “A teologia não é senão uma espiritualidade ou experiência religiosa que encontrou sua expressão intelectual”? E, então, que pensar de asserções como esta: “Se a teologia nos pode ajudar a compreender a espiritualidade, a espiritualidade, por seu turno, fará em muitos casos explodir nossos quadros teológicos, e nos obrigará a conceber diversos tipos de teologia... A cada grande espiritualidade correspondeu uma grande teologia”? Querera isso dizer que duas teologias podem ser verdadeiras, ainda que se oponham *contraditoriamente* em suas teses capitais? Responder-se-á não se se mantiver a definição tradicional da verdade. Dir-se-á sim se se adotar a nova definição do verdadeiro, concebido não com relação ao ser e a suas leis imutáveis, mas com relação a diferentes experiências religiosas. Isto nos aproxima singularmente do modernismo.

Lembremo-nos de que o Santo Ofício condenou, em 1º de dezembro de 1924, doze proposições extraídas da filosofia da ação; entre elas havia, n. 5, a nova definição da verdade:

*“Veritas non invenitur in ullo actu particulari intellectus in quo haberetur conformitas cum objecto, ut aiunt scholastici, sed veritas est semper in fieri, consistitque in adæquatione progressiva intellectus et vitæ, scil. in motu quodam perpetuo, quo intellectus evolvere et explicare nititur id quid parit experientia vel exigit actio: ea tamen lege ut in toto progressu nihil unquam ratum fixumque bateatur.”*

A última de tais proposições condenadas é esta:

*“Etiam post fidem conceptam, homo non debet quiescere in dogmatibus religionis, eisque fixe et immobiliter adhærere, sede semper anxius manere progrediendi ad ulteriorem*

*veritatem, nempe evoluendo in novos sensus, immo et corrigendo id quod credit.*”<sup>15</sup>

Muitos, sem se precaver, tornam hoje a esses erros.

Mas, então, como manter que a graça santificante é *essencialmente sobrenatural, gratuita*, e que não deve nada à natureza humana nem à natureza angélica?

Isso está claro para Santo Tomás, que sob a luz da Revelação admite este princípio: as faculdades, os “hábitos” e seus atos são específicos por seu objeto formal; ora, o objeto formal da inteligência humana e igualmente da inteligência angélica são imensamente inferiores ao objeto próprio da inteligência divina: *a Divindade ou a vida íntima de Deus*<sup>16</sup>. Mas, para quem despreza toda e qualquer metafísica, a fim de cingir-se à erudição histórica e à introspecção psicológica, o texto de Santo Tomás torna-se ininteligível<sup>17</sup>. De tal ângulo, que é o que se manterá da doutrina tradicional acerca da *distinção*, já não contingente, mas necessária, *entre a ordem da graça e a ordem da natureza?*

---

<sup>15</sup> Essas proposições condenadas se encontram no *Monitore Ecclesiastico*, 1925, p. 194; na *Documentation catholique*, 1925, t. I, pp. 771 ss, e em *Prælectiones theologicae naturalis*, do P. Descoqs, 1932, t. I, p. 150, e t. II, pp. 287 ss.

<sup>16</sup> Cf. I<sup>a</sup>, q. 12, a. 4.

<sup>17</sup> O P. H. Bouillard, *op. cit.*, p. 169, ao atingir o cerne de seu assunto, diz, por exemplo, que Santo Tomás, I<sup>a</sup>, II<sup>ae</sup>, q. 113, a. 8, ad I<sup>m</sup>, a respeito da disposição imediata à justificação, “já não apela para a causalidade recíproca” como nas obras anteriores. Está claro, ao contrário, para qualquer tomista que é dela que fala Santo Tomás, e que é ela que esclarece toda a questão. Ademais, e é isto o elementar, a causalidade recíproca verifica-se *sempre* que as quatro causas intervêm, ou seja, em todo e qualquer devir. Como se diz aqui: “*Ex parte Dei justificantis, ordine naturæ prior et gratiæ infusio quam culpæ remissio. Sed si sumantur ea quæ sunt ex parte hominis justificati prius est liberatio a culpa quam consecutio gratiæ justificantis.*” Qualquer estudante de teologia que conseguiu entender o tratado da graça de Santo Tomás artigo por artigo considera que ali está uma verdade que não é permitido ignorar.

A propósito da impecabilidade provável dos anjos na ordem natural, lê-se no livro do P. H. de Lubac *Surnaturel (Études historiques)*<sup>18</sup>: “Nada anuncia em Santo Tomás a distinção, forjada mais tarde por certo número de teólogos tomistas, entre ‘Deus autor da ordem natural’ e ‘Deus autor da ordem sobrenatural’ [...] como se a beatitude natural [...] no caso do anjo tivesse devido resultar de uma atividade infalível, impecável.”<sup>19</sup> Santo Tomás, ao contrário, distingue amiúde o fim último sobrenatural do fim último natural<sup>20</sup>, e quanto ao que é do demônio diz, em *De malo*, q. 16, a. 3:

*“Peccatum diaboli non fuit in aliquo quod pertinet ad ordinem naturalem, sed secundum aliquid supernaturale.”*<sup>21</sup>

<sup>18</sup> 1946, p. 264.

<sup>19</sup> Ver também p. 275.

<sup>20</sup> Cf. I<sup>a</sup>, q. 23, a. 1: “Finis ad quem res creatæ ordinatur a Deo est duplex. Unus, qui excedit proportionem naturæ creatæ et facultatem, et hic finis est vita æterna, quæ in divina visione consistit: quæ est supra naturam cuiuslibet creatura, ut supra habitum est, I<sup>a</sup>, q. 12, a. 4. Alius autem finis est naturæ creatæ proportionatus, quem scil. res creata potest attingere sec. virtutem suæ naturæ.” Item I<sup>a</sup> II<sup>æ</sup>, q. 62, a. 1: “Est autem duplex hominis beatitudo, sive felicitas, ut supra dictum est, q. 3, a. 2, ad 4; q. 5, a. 5. Una quidem proportionata humanæ naturæ, ad quam scil. homo pervenire potest per principia suæ naturæ. Alia autem est beatitudo naturam hominis excedens.”

Item *De Veritate*, q. 14, a. 2: “Est autem duplex hominis bonum ultimum. Quorum unum est proportionatum naturæ [...] hæc est de felicitas de qua philosophi locuti sunt... Aliud est bonum naturæ humanæ proportionem excedens.” Se já não se admite a distinção clássica entre a ordem da natureza e a da graça, dir-se-á que a graça é o remate normal e obrigatório da natureza, e tal favor, diz-se, é gratuito como a criação e tudo o que se segue, pois a criação não era em nada necessária. A isto o Padre Descoqs S.L., em seu pequeno livro *Autour de la crise du transformisme*, 2<sup>a</sup> ed., 1944, p. 84, responde com muita justeza: “Essa explicação nos parece em oposição manifesta aos dados mais inequívocos do ensinamento católico. Ademais, supõe ela uma concepção evidentemente errônea da graça. A criação absolutamente não é uma graça no sentido teológico da palavra, não encontrando lugar a graça senão com a natureza pressuposta... Em tal perspectiva, a ordem sobrenatural desaparece.”

<sup>21</sup> Ver também I<sup>a</sup>, q. 63, a. 1, ad 3.

Chega-se ao desinteresse completo pelas *pronunciata maiora* da doutrina filosófica de Santo Tomás, ou seja, as vinte e quatro teses tomistas aprovadas em 1916 pela Sagrada Congregação dos Estudos.

Mais ainda, o P. Gaston Fessard S. J., em *Les Études* de novembro de 1945<sup>22</sup>, fala do “bem-aventurado torpor que protege o tomismo canonizado, mas também, como diz Péguy, ‘enterrado’, ao passo que vivem os pensamentos consagrados, em seu nome, à contradição.”

Na mesma revista, em abril de 1946, diz-se que o neotomismo e as decisões da Comissão Bíblica são um “parapeito, mas não uma resposta”. E que se propõe em lugar do tomismo, como se Leão XIII na encíclica *Æterni Patris* estivesse enganado, como se Pio X na encíclica *Pascendi*, ao renovar esta mesma recomendação, se tivesse extraviado? E para onde vai tal teologia nova com os mestres novos em que se inspira? Por onde vai ela senão pela via do cepticismo, da fantasia e da heresia? Sua Santidade Pio XII dizia recentemente, em discurso publicado pelo *Osservatore Romano* de 19 de setembro de 1946:

*“Plura dicta sunt, at non satis explorata ratione, ‘de nova theologia’, quæ cum universis semper volventibus rebus iuna volvatur, semper itura, numquam perventura. Si talis opinio amplectenda esse videatur, quid fiet de numquam immutandis catholicis dogmatibus, quid de fidei unitate et stabilitate?”*

• • •

## **2º Aplicação dos princípios novos às doutrinas do pecado original e da Eucaristia.**

Dir-se-á certamente que exageramos, mas um erro ainda que ligeiro acerca das noções primeiras e dos

---

<sup>22</sup> Pp. 268-270.



primeiros princípios tem conseqüências incalculáveis, que os que assim se equivocam não prevêem. As conseqüências das visões novas de que acabamos de falar devem, pois, ir bem além das previsões dos autores que citamos. A essas conseqüências, é difícil não vê-las em certas folhas datilografadas que se passaram (algumas desde 1934) ao clero, aos seminaristas, aos intelectuais católicos; vêem-se nelas as mais singulares asserções e negações acerca do pecado original e da presença real.

Por vezes, antes de proporem tais novidades, previnem o leitor dizendo-lhe: Isto parece louco à primeira vista, mas, se se olha de perto, não é inverossímil e é admitido por muitos. As inteligências superficiais deixam-se prender aí, e prospera a fórmula “uma doutrina que já não é atual já não é verdadeira”. Alguns são tentados a concluir: “A doutrina da eternidade das penas do inferno já não é atual, ao que parece, e por isso mesmo já não é verdadeira.” Está dito no Evangelho que um dia a caridade de muitos arrefecerá e que eles serão seduzidos pelo erro.

É uma estrita obrigação de consciência para os teólogos tradicionais responder-lhes. Se não o fizerem, faltarão gravemente a seu dever, e deverão prestar conta disso diante de Deus.

• • •

Nas folhas mimeografadas distribuídas na França esses últimos anos (ao menos desde 1934, pelas que temos em mãos), ensinam-se as doutrinas mais fantasiosas e falsas acerca do pecado original.

Nessas folhas, o ato de *fé cristã* não é concebido como adesão sobrenatural e infalível às verdades reveladas *propter auctoritatem Dei revelantis*, mas como adesão do espírito a uma perspectiva geral do universo. É a percepção do que é possível e *mais provável* mas não demonstrável. A fé torna-se um conjunto de opiniões prováveis. Desse ângulo, Adão

parece já não ser um homem individual de que descende o gênero humano, mas antes uma coletividade.

Já não se vê, por conseguinte, como manter a doutrina revelada do pecado original tal qual a explicou São Paulo: “*Sicut per unius idelictum in omnes homines in condemnationem, sic et per unius iustitiam in omnes homines in justificationem vitæ. Sicut enim per inobœdientiam unius peccatores constituti sunt multi, ita per unius obœdientem iusti constituentur multi.*”<sup>23</sup> Todos os Padres da Igreja, intérprete autorizada da Escritura, em seu magistério ordinário ou solene, sempre entenderam que Adão foi um homem individual, como depois Cristo, e não uma coletividade<sup>24</sup>. Propõe-se-nos agora uma probabilidade em sentido contrário ao do ensinamento dos Concílios de Orange e de Trento<sup>25</sup>.

---

<sup>23</sup> Rom. V, 18.

<sup>24</sup> Cf. *L'Épître aux Romains* do Padre M. J. Lagrange O.P., 3ª ed., Commentaire du chap. V.

<sup>25</sup> Denz. 175, 789, 791, 793. — As dificuldades do lado das ciências positivas e da pré-história são expostas no artigo *Polygénisme* do *Dict. de théol. cath.* Os autores desse artigo, A. e J. Bouyssonie, distinguem bem, c. 2536, o domínio da filosofia, “onde o naturalista, enquanto tal, é incompetente”. Ter-se-ia desejado que, nesse artigo, a questão fosse tratada destes três ângulos, o das ciências positivas, o da filosofia e o da teologia, particularmente com relação ao dogma do pecado original.

Segundo muitos teólogos, a hipótese consoante a qual houve na terra homens cuja raça se extinguiu antes da existência de Adão não seria contrária à fé. Mas segundo a Escritura o gênero humano que há na face da terra deriva de Adão, *Gên.*, 111, 5-20, *Sap. X*, 1; *Rom.*, V, 12, 18, 19; *Atos Ap.*, XVII, 26.

Ademais, do ângulo filosófico, foi necessária uma intervenção livre de Deus para criar a alma humana, e até para dispor os corpos para recebê-la. Um engendrante de natureza inferior não pode produzir esta *disposição* superior à sua espécie; o mais sairia do menos, contrariamente ao princípio de causalidade.

Enfim, como está dito no artigo citado, col. 2535, para os mutacionistas (de hoje) a espécie nova se origina de um germe único. *A espécie é inaugurada por um indivíduo excepcional.*”

Ademais, a encarnação do Verbo, desse novo ângulo, seria um momento da evolução universal.

A hipótese da evolução material do mundo estende-se à ordem espiritual. O mundo sobrenatural está em evolução para o advento pleno de Cristo.

O pecado, enquanto afeta a alma, é algo de espiritual e pois intemporal. Por conseguinte, pouco importa a Deus que tenha sucedido no início da história da humanidade ou no curso das idades.

O pecado original já não é em nós, portanto, um pecado que depende de uma falta voluntária do primeiro homem, mas provém das faltas dos homens que influíram na humanidade.

Chega-se, assim, a querer mudar não somente o modo de exposição da teologia, mas *a natureza mesma da teologia* e até *a do dogma*. Este já não é considerado do ângulo da fé infusa na Revelação divina, interpretada pela Igreja nos Concílios. Já não se levam em consideração os Concílios; olha-se aqui do ângulo da *biologia* completada por elucubrações as mais fantasiosas, que lembram as do evolucionismo hegeliano, o qual já não conservava dos dogmas cristãos senão o nome.

Nisso se está a seguir os racionalistas, e faz-se o que os inimigos da fé desejam: reduzi-la a opiniões sempre cambiantes que já não tem valor algum. Que resta da palavra de Deus dada ao mundo para a salvação das almas?

Nas folhas intituladas *Comment je crois*, lê-se:

“Se queremos nós, os cristãos, conservar em Cristo as qualidades que fundam seu poder e nossa adoração, não temos nada melhor ou nada diferente a fazer do que aceitar até o fim as concepções modernas da Evolução. Sob a pressão combinada da Ciência e da Filosofia, o Mundo impõe-se cada vez mais à nossa experiência e ao nosso pensamento como sistema conexo de atividades que se eleva

gradualmente à liberdade e à consciência. A única interpretação satisfatória desse processo é vê-lo como irreversível e convergente. Assim, define-se diante de nós um *Centro cósmico universal* onde tudo vai dar, onde tudo se sente, onde tudo se comanda. Pois bem, é nesse pólo físico da universal Evolução que é necessário, a meu ver, situar e reconhecer a *plenitude de Cristo...* Descobrimo um ápice para o mundo, a Evolução torna Cristo possível, assim como Cristo, dando um sentido ao mundo, torna possível a Evolução.

Tenho perfeita consciência do que há de vertiginoso nesta idéia [...], mas, imaginando semelhante maravilha, não faço mais do que transcrever em termos de realidade física as expressões jurídicas em que a igreja depositou sua fé... Tomei por minha conta, sem hesitar, a única direção em que me parece possível fazer progredir e por conseguinte salvar minha fé.

O catolicismo decepcionara-me, em primeira aparência, por suas representações estreitas do Mundo, e por sua incompreensão do papel da Matéria. Agora reconheço que, após o Deus encarnado que ele me revela, não posso ser salvo senão aderindo ao universo. E, com isso, eis que se encontram satisfeitas, consolidadas e orientadas minhas mais profundas aspirações ‘panteístas’. *O Mundo em torno de mim se torna divino.*

*Uma convergência geral das religiões para um Cristo universal, que, no fundo, satisfaz a todas — tal me parece ser a única conversão possível ao Mundo e a única forma imaginável para uma Religião do futuro.*”<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> P. 15. — Encontram-se idéias quase tão fantasiosas num artigo do P. Teilhard de Chardin, “*Vie et planètes*”, publicado em *Les Études* de maio de 1946, sobretudo pp. 158-160 e 168. — Ver também *Cahiers du Monde nouveau*, agosto de 1946: “*Un grand Événement qui se dessine: la Planétisation humaine*”, do mesmo autor.

Citou-se recentemente um texto do mesmo escritor, extraído de *Études*, 1921, t. II, p. 543, onde se fala da “impossibilidade de nosso espírito conceber, na ordem dos fenômenos, *um início absoluto*”. — A

Assim, o mundo material teria evoluído para o espírito, e o mundo do espírito evoluiria naturalmente, por assim dizer, para a ordem sobrenatural e para a plenitude de Cristo. Assim, a Encarnação do Verbo, o corpo místico, o Cristo universal seriam momentos da Evolução, e, desse ângulo de um progresso constante desde a origem, não parece ter havido uma queda no início da história da humanidade, mas um progresso constante do bem, que triunfa sobre o mal segundo as leis mesmas da evolução. O pecado original seria em nós a consequência das faltas dos homens que exerceram influência nefasta sobre a humanidade.

Aí está o que resta dos dogmas cristãos nessa teoria que se afasta do nosso Credo na medida mesma em que se aproxima do evolucionismo hegeliano.

Naquela exposição, diz-se: “Tomei por minha conta, sem hesitar, a única direção em que me parece possível

---

isso M. M. Salet e Lafont responderam com justeza em *L'Évolution régressive*, p. 47: “A Criação não é *um início absoluto?*” Ora, a fé diz-nos que Deus cria quotidianamente almas de recém-concebidos, e que na origem Ele criou a alma espiritual do primeiro homem. Além disso, também o milagre é um começo absoluto que em nada repugna à razão.

Cf. acerca deste ponto P. Descoqs S.I., *Autour de la crise du transformisme*, 2ª ed., 1944, p. 85.

Enfim, como assinala o mesmo P. Descoqs, *ibid.*, pp. 2 e 7, já não é o momento para os teólogos tanto falarem do evolucionismo e do transformismo, quando os melhores sábios escrevem como P. Lemoine, professor do Museum: “A evolução é uma espécie de dogma em que seus padres já não crêem, mantendo-o, porém, para seu povo. Há que ter a coragem de dizer isso, para que os homens da geração futura orientem suas pesquisas de outra maneira.” Cf. Conclusão do t. V da *Encyclopédie Française* (1937). O Dr. H. Rouvière, professor da Faculdade de Medicina de Paris e membro da Academia de Medicina, escreve em *Anatomie philosophique. La finalité dans l'Évolution*, p. 37: “produziu-se verdadeiro desmoronamento na doutrina transformista... A maior parte dos biólogos se afastou dela, porque os defensores do transformismo jamais aduziram a menor prova em apoio de sua teoria, e porque tudo quanto se sabe da evolução litiga contra ela.”

*fazer progredir e por conseguinte salvar minha fé.*” Eis pois que a própria fé não se salva *se não progride*, e ela muda tanto, que já não se reconhece a fé dos Apóstolos, dos Padres e dos Concílios. É uma maneira de aplicar o princípio da teologia nova: “uma doutrina que já não é atual já não é verdadeira”, e para alguns basta que ela já não seja atual *em certos meios*. Daí segue estar a verdade sempre *in fieri*, jamais imutável. Ela é a conformidade do julgamento não com o ser e suas leis necessárias, mas com a vida que evolui sempre. Vê-se até onde conduzem as proposições condenadas pelo Santo Ofício em 1º de dezembro de 1924, e que citamos mais acima:

*“Nulla propositio abstracta potest haberi ut immutabiliter vera”; “Etiam post fidem conceptam, homo non debet quiescere in dogmatibus religionis, eisque fixe et immobiliter adhærere, sed semper anxius manere progrediendi ad ulteriorem veritatem, nempe evolvendo in novus sensus, immo et corrigendo id quod credit.”<sup>27</sup>*

• • •

Encontramos outro exemplo de semelhante desvio nas folhas datilografadas que tratam da Presença real, as quais circulam há alguns meses no clero. Lê-se nelas que o verdadeiro problema da Presença real não foi até aqui bem formulado:

“Diz-se para responder a todas as dificuldades: Cristo está *presente à maneira de uma substância...* Essa explicação passa ao largo do verdadeiro problema. Acrescentemos que, em sua clareza enganadora, ela suprime o mistério religioso. Para dizer a verdade, já não há ali um mistério: já não há senão um prodígio.”

Santo Tomás, pois, é que não soube formular o

---

<sup>27</sup> Cf. *Monitore Ecclesiastico*, 1925, p. 194.

problema da Presença real nem dar sua solução: *præsentia corporis Christi* “*per modum substantiæ*” seria ilusória; sua clareza é uma *clareza enganosa*.

Adverte-se-nos que a explicação nova proposta “implica evidentemente substituir, como método de reflexão, o método escolástico pelo método cartesiano e spinozista”.

Um pouco mais adiante lê-se, a respeito da transubstanciação: “esta palavra não está isenta de inconveniente, tanto quanto a expressão pecado original. Ela responde à maneira como os escolásticos concebiam esta transformação, e *sua concepção é inadmissível*”.

Aqui não se está afastado somente de Santo Tomás, mas do Concílio de Trento, sess. XIII, cap. 4 e can. 2<sup>28</sup>, pois que ele definiu a transubstanciação como verdade de fé, e disse até que “*quam quidem conversionem catholica Ecclesia aptissime transsubstantiationem appellat*”. Hoje os novos teólogos dizem: “esta palavra não está isenta de inconveniente... ela responde a uma concepção inadmissível”.

“Nas perspectivas escolásticas, em que a realidade da coisa é ‘a substância’, a coisa não poderá mudar realmente sem que a substância mude... pela transubstanciação. Nas nossas perspectivas atuais [...] quando em virtude da oferenda feita segundo um rito determinado por Cristo *o pão e o vinho se tornaram no símbolo eficaz do sacrifício de Cristo, e por conseguinte de sua presença espiritual, seu ser religioso mudou*”, não sua substância<sup>29</sup>. E acrescenta-se: “É isso o que podemos designar por transubstanciação.”

<sup>28</sup> Denz. 877, 884.

<sup>29</sup> Diz-se-nos na mesma passagem: “Nas perspectivas escolásticas a noção de *coisa-signo* se perdeu. Em um universo de perspectivas agostinianas, onde uma coisa material é não só ela mesma como, mais ainda, um signo de realidades espirituais, pode-se conceber que uma coisa, sendo pela vontade de Deus o signo de coisa diversa do que ela era por natureza, se tenha tornado, ela mesma, em *outra* sem mudar na aparência.”

Mas claro está que já não se trata da transubstanciação definida pelo Concílio de Trento, “*conversio totius substantiæ vini in Sanguinem, manentibus duntaxat speciebus panis et vini*”.<sup>30</sup> É evidente que, pela introdução das noções novas, o sentido do Concílio não se mantém. O pão e o vinho tornaram-se somente no “símbolo eficaz da presença espiritual de Cristo”.

Isso nos aproxima singularmente da posição modernista que não afirma a presença real do Corpo de Cristo na Eucaristia, e que diz somente, do ângulo prático e religioso: Comporta-te com respeito à Eucaristia como com respeito à humanidade de Cristo.

Nas mesmas folhas entende-se de modo semelhante o mistério da Encarnação:

“Conquanto Cristo seja verdadeiramente Deus, não se pode dizer que por ele havia uma presença de Deus na terra da Judéia... Deus não estava mais presente na Palestina do que alhures. O *signo eficaz* desta presença divina manifestou-se na Palestina no primeiro século da nossa era, é tudo o que se pode dizer.”<sup>31</sup>

---

Nas perspectivas escolásticas a noção de *coisa-signo* absolutamente não se perdeu. Santo Tomás diz, I<sup>a</sup>, q. 1, a. 10: “*Auctor Ss. Scripturæ est Deus, in cuius potestate est, ut non solum voces ad significandum accomodet (quod etiam homo facere potest) sed etiam res ipsas.*” Assim, Isaac, que se prepara para ser imolado, é a figura de Cristo, e o maná é uma figura da Eucaristia. Santo Tomás nota-o falando deste sacramento. Mas pela consagração eucarística o pão não se torna somente no signo do corpo de Cristo, e o vinho no signo de seu sangue, como pensaram os sacramentários protestantes, cf. D.T.C., art. Sacramentário (controvérsia); mas, como definido formalmente no Concílio de Trento, a substância do pão *converte-se* na do Corpo de Cristo, que se torna presente *per modum substantiæ* sob as espécies do pão. E isto não é somente a maneira como os teólogos da época do Concílio concebiam a consagração. É a verdade imutável definida pela Igreja.

<sup>30</sup> Denz. 884.

<sup>31</sup> Santo Tomás tinha distinguido nitidamente três presenças de Deus: 1<sup>a</sup>) a presença geral de Deus em todas as criaturas que Ele conserva na



Acrescenta-se por fim: “o problema da causalidade dos sacramentos é um falso problema, nascido de uma falsa maneira de formular o problema”.

• • •

Não pensamos que os escritores de que acabamos de falar abandonam a doutrina de Santo Tomás; eles nunca aderiram a ela nem nunca a compreenderam bem. E isso é doloroso e inquietante.

Com essa maneira de ensinar, como não formar cépticos, já que não se propõe nada de firme para substituir a doutrina de Santo Tomás? Ademais, pretendem eles estar submetidos às direções da Igreja, mas em que consiste essa submissão?

Um professor de teologia escreve-nos: “É, com efeito, em torno da noção mesma de verdade que se dá o debate, e há os que, sem se dar conta disso, se voltam para o modernismo no pensamento como na ação. Os escritos de que me fala o senhor são muito lidos na França. Têm grande influência — sobre os espíritos medianos, é verdade: as pessoas sérias não se deixam iludir. É preciso escrever para os que têm o sincero desejo de ser esclarecidos.”

No dizer de alguns, a Igreja não teria reconhecido a autoridade de Santo Tomás senão no domínio da teologia, não diretamente no da filosofia. Ao contrário, a encíclica *Æterni Patris*, de Leão XIII, fala sobretudo da filosofia de

---

existência (I<sup>a</sup>, q. 8, a. 1); 2<sup>a</sup>) a presença especial de Deus nos justos pela graça, estando neles, como num templo, a título de objeto quase experimentalmente conhecível (I<sup>a</sup>, q. 43, a. 3); 3<sup>a</sup>) a presença do Verbo na humanidade de Jesus pela união hipostática. E, assim, é certo que após a Encarnação Deus estava mais presente na terra da Judéia do que alhures. Mas, por pensarem que Santo Tomás nem sequer soube formular tais problemas, há os que se lançam em todas as aventuras, e que chegam ao modernismo com a desenvoltura constatável em cada uma dessas páginas.

Santo Tomás. Outrossim, as vinte e quatro teses tomistas propostas em 1916 pela Santa Congregação dos Estudos são de ordem filosófica, e, se estas *pronunciata maiora* de Santo Tomás não têm valor de certeza, que pode valer sua teologia, a qual constantemente a elas recorreu? Enfim, já o recordei, Pio X escreveu:

*“Magistros autem monemus, ut rite hoc teneant Aquinatem vel parum deserere præsertim in re metaphysica non sine magno detrimento esse. Parvus error in principio magnus est in fine.”*

De onde vêm as tendências? Um bom juiz escreve-me: “Recolhem-se os frutos da freqüentação sem precauções dos cursos universitários. Muitos querem freqüentar os mestres do pensamento moderno para os converter, e se deixam converter por eles. Aceitam-lhes pouco a pouco as idéias, os métodos, o desdém da escolástica, o historicismo, o idealismo e todos os erros. Se essa freqüentação é útil para espíritos já formados, é seguramente perigosa para os outros.”

• • •

### **Conclusão**

Para onde vai a nova teologia? Ela volta ao modernismo. Porque aceitou a proposição que se lhe fazia: a de substituir a definição tradicional da verdade: *adæquatio rei et intellectus*, como se fosse quimérica, pela definição subjetiva: *adæquatio realis mentis et vitæ*. Isso está dito mais explicitamente na proposição já citada, extraída da filosofia da ação, e condenada pelo santo Ofício em 1º de dezembro de 1924:

*“Veritas non invenitur in ullo actu particulari intellectus in quo haberetur conformitas cum obiecto ut aiunt scholastici, sed veritas est semper infieri, consistitque in adæquatione*

progressiva intellectus et vitæ, *scil. in motu quodam perpetuo, quo intellectus evolvere et explicare nititur id quod parit experientia vel exigit actio: ea tamen lege ut in toto progressu nihil unquam ratum fixumque habeatur.*”<sup>32</sup>

A verdade já não é a conformidade do julgamento com o real extramental e suas leis imutáveis, mas a conformidade do julgamento com as exigências da ação e da vida humana que evolui sempre. A filosofia do ser ou ontologia é substituída pela filosofia da ação, que define a verdade em função já não do ser, mas da ação.

Volta-se, assim, à posição modernista: “*Veritas non est immutabilis plus quam ipse homo, quippe quæ cum ipso, in ipso et per ipsum evolvitur.*”<sup>33</sup> Também Pio X dizia dos modernistas: “*æternam veritatis notionem pervertunt.*”<sup>34</sup>

É o que previra nosso mestre o Padre M. B. Schwalm em seus artigos da *Revue Thomiste*<sup>35</sup> acerca da filosofia da ação e do dogmatismo moral do P. Laberthonnière, e acerca da crise da apologética contemporânea, das ilusões do idealismo e de seus perigos para a fé.

Mas muitos pensaram que o Padre Schwalm tinha exagerado, e deram pouco a pouco direito de cidadania à nova definição da verdade, e mais ou menos cessaram de defender a definição tradicional do verdadeiro: a conformidade do julgamento com o ser extramental e suas leis imutáveis de não-contradição, de causalidade etc. Para eles o verdadeiro já não é *o que é*, mas *o que se torna* e muda sempre.

Ora, cessar de defender a definição tradicional da verdade, deixar dizer que ela é *quimérica*, que é preciso *substituí-la* por outra, vitalista e evolucionista, tudo isso

---

<sup>32</sup> *Monitore Ecclesiastico*, 1925, t. I, p. 194.

<sup>33</sup> Denz. 2058.

<sup>34</sup> Denz. 2080.

<sup>35</sup> 1986, pp. 36 ss, 413; 1897, pp. 62, 239, 627; 1898, p. 578.

conduziu ao relativismo completo, e é um erro muitíssimo grave.

Ademais, e nisto não se meditou, tal atitude levou a dizer o que os inimigos da Igreja nos querem fazer dizer. Lendo-lhes as obras recentes, vemos que experimentam verdadeiro contentamento, e que eles mesmos propõem interpretações de nossos dogmas, ao tratar do pecado original, *do mal cósmico*, da encarnação, da redenção, da eucaristia, da reintegração universal final, do Cristo cósmico, da convergência de todas as religiões para um centro cósmico universal<sup>36</sup>.

Compreende-se, com isso, por que disse o Santo Padre, ao falar da “teologia nova” no discurso publicado pelo *Osservatore Romano* de 19 de setembro de 1946:

“*Si talis opinio amplectanda esse videatur, quid fiet de nunquam immutandis catholicis dogmatibus, quid de fidei unitate et stabilitate?*”

Por outro lado, como a Providência não permite o mal senão por um bem superior, e como se vê em muitos uma excelente reação contra os erros que acabamos de sublinhar, pode-se esperar que tais desvios sejam ocasião de verdadeira renovação doutrinal, por um estudo

---

<sup>36</sup> Autores como Téder e Papus, em sua exposição da *doutrina martinista*, ensinam um panteísmo místico e um neognosticismo segundo o qual todos os seres saem de Deus por emanção (há, assim, uma queda, *um mal cósmico*, um pecado original *sui generis*), e todos aspiram a *se reintegrar* na divindade, e *todos* a ela voltarão. Trata-se, em muitas obras ocultistas recentes, do *Cristo moderno*, de sua *plenitude de luz astral*, num sentido que não é plenamente o da Igreja e que propriamente é sua contrafação blasfematória, pois ser sempre a negação panteística do verdadeiro sobrenatural, e amiúde até a negação da distinção entre o bem moral e o mal moral, para não deixar subsistir senão a distinção entre o bem deleitável ou útil e o mal cósmico ou físico, mal este que, *com a reintegração de todos sem exceção*, desaparecerá.

profundo das obras de Santo Tomás, cujo valor ressalta cada vez mais, especialmente por contraste com a desordem intelectual dos dias de hoje<sup>37</sup>.

---

<sup>37</sup> Certamente admitimos que a *verdadeira experiência mística*, que procede no justo dos dons do Espírito Santo, sobretudo do dom de *sabedoria*, *confirma a fé*, pois ela nos mostra que os mistérios revelados correspondem às nossas aspirações mais profundas e suscitam as mais elevadas. Há aí, reconhecemo-lo, uma verdade de vida, *uma conformidade do espírito com a vida do homem de boa vontade*, e uma *paz* que é um signo de verdade. Mas tal experiência mística *supõe* a fé infusa, e o próprio ato de fé *supõe* a evidente credibilidade dos mistérios revelados.

Semelhantemente, como diz o Concílio Vaticano, podemos ter, pela luz natural da razão, *a certeza da existência de Deus* autor da natureza. Somente, para tal, é preciso que *os princípios* dessas provas, particularmente o de causalidade, sejam *verdadeiros per conformitatem ad ens extramentale*, e que sejam *certos* *duma certeza objetivamente suficiente* (anterior à opção livre do homem de boa vontade) e não somente *duma certeza subjetivamente suficiente* como a da prova kantiana da existência de Deus.

Enfim, *a verdade prática da prudência per conformitatem ad intentionem rectam* *supõe* que nossa intenção seja *verdadeiramente direita* com respeito ao fim último do homem, e o julgamento a respeito do fim do homem deve ser *verdadeiro secundum mentis conformitatem ad realitatem extramentalem*. Cf. I-II, q. 19, a. 3, ad 2.

**Este livro foi impresso na cidade  
do Rio de Janeiro, no mês de julho de 2001,  
pela Fábrica de Livros do SENAI/RJ,  
para a Editora Permanência.**